



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ELISABETE FERREIRA DELFINO

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONHECIMENTOS POPULARES, NA
DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DO PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO
DA UFRB**

**João Pessoa
2019**

ELISABETE FERREIRA DELFINO

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONHECIMENTOS POPULARES, NA
DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DO PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO
DA UFRB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação - PPGE na linha de Educação Popular da
Universidade Federal da Paraíba - UFPB como requisito
para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador (a): Profa. Dr^a. Elisa Pereira Gonsalves.

**João Pessoa
2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D349c Delfino, Elisabete Ferreira.

As Contribuições dos Conhecimentos Populares, na
Dimensão da Espiritualidade, no Processo de Formação de
Professores do Programa de Extensão Tecelendo da UFRB /
Elisabete Ferreira Delfino. - João Pessoa, 2019.
101 f.

Orientação: Elisa Pereira Gonsalves.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/Educação.

1. Educação Popular. 2. Espiritualidade. 3. Formação de
Professores. I. Gonsalves, Elisa Pereira. II. Título.

UFPB/BC

ELISABETE FERREIRA DELFINO

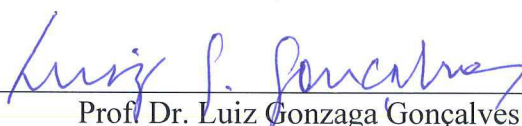
**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONHECIMENTOS POPULARES, NA
DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DO PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO
DA UFRB**

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2019.

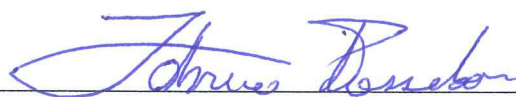
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Elisa Pereira Gonsalves
(Orientadora)



Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves



Prof. Dr. Fabrício Possebon

À Espiritualidade que caminha conosco a todo momento através da nossa ancestralidade e ilumina sempre meus caminhos, principalmente nas horas mais difíceis. Aos meus pais que caminharam comigo com muito amor, carinho e dedicação. Ao Tecelendo que continua me proporcionando experiências incríveis, me fazendo a cada dia, com toda certeza, uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Gratidão inicialmente à Espiritualidade por me proteger nos momentos de perigo e me amparar nos momentos de medo e angústia. Mas especialmente por me dar a possibilidade de conhecer pessoas tão especiais e estar em um lugar novo e tão acolhedor.

Aos meus pais, por segurarem a onda, por me amar tanto e não permitir que nada me faltasse nesse período em que estive estudando tão longe e pelo respeito a minha decisão de continuar estudando mesmo aos 43 anos.

A Alex, meu companheiro, filho do coração, sempre presente em todos os momentos e que me impulsionou definitivamente nesta caminhada. Sou grata por você estar comigo naquele ônibus, se eu estivesse sozinha provavelmente não teria continuado.

A Arnaldo, in memoriam, por ter me dado uma força imensa mesmo com a iminência de estarmos tão longe um do outro, por sempre acreditar no meu trabalho, me encorajar nos momentos difíceis, por continuar elevando minha autoestima através de seus elogios sinceros e seu carinho. Sou grata à vida por ter te colocado em meu caminho e por você ter me feito tão feliz, perdão por não ter podido estar perto de você nos momentos que mais precisou, talvez eu mesma nunca me perdoe.

A Thaís, filha do meu coração, que apesar da distância se fez cada vez mais presente em minha vida, com seu imenso carinho e atenção para comigo.

A Wislane e a Glória, amigas de infância que reencontrei no caminho. Gratidão por não deixarem meus dias serem solitários, pelo companheirismo, pela generosidade, pela confiança, pela alegria e principalmente, minhas flores, pelo amor e a amizade que dedicaram a minha pessoa. Estaremos sempre juntas em nossos corações.

Aos meus amigos José Bartolomeu, Maria Déa, Flávia, Malu e Nelma, um verdadeiro encontro de almas afins que me proporcionaram partilhas incríveis de amizade e amor uns pelos outros, vocês são incríveis.

As minhas amigas Vanessa e Maria que tão generosamente me acolheram em um dos momentos mais difíceis da confecção deste texto e a amiga Ariana que o tempo todo me incentivou com muito carinho.

A Elisa minha querida orientadora, por tão gentilmente ter aceitado me orientar, me dando a possibilidade de ingressar em um novo universo de estudos e aprendizados, além de sempre me acolher com muito carinho.

Aos educadores e educadoras do Programa de Extensão Tecelendo, meus colegas de trabalho que tão generosamente se dispuseram a contribuir com esta pesquisa. Gratidão pela compreensão, afinal é muito difícil estar e não estar. A Andreia por continuar confiando no meu trabalho.

Aos professores: Luiz Gonzaga que tão generosamente acolheu a nós da turma 37 de mestrado, tanto nos ensinou durante essa caminhada e ainda aceitou fazer parte da minha banca; Fabrício Possebon por tão atenciosamente aceitar o convite e fazer parte da minha banca, contribuindo sobremaneira com a questão da espiritualidade.

As professoras e os professores, funcionárias e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, em especial da linha de Educação Popular, por toda contribuição ao meu processo de formação.

A turma 37 de mestrado e doutorado, vocês me mostraram que é possível haver companheirismo e amizade verdadeira em um processo muitas vezes tão desumanizado, vou leva-los comigo sempre, gratidão.

Aos meus colegas de universidade que de uma forma ou de outra, me ensinaram muitas coisas e contribuíram com minha caminhada.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro.

“Espiritualidade é a transformação que esta mística produz nas pessoas, na forma de olhar a vida, no jeito de encarar os problemas e de encontrar soluções. ”

(Leonardo Boff)

“Vamos compreender a vida, não necessariamente como a repetição diária das coisas, mas como um esforço para criar e recriar, e como um esforço de rebeldia, também. Vamos tomar nas mãos nossa alienação e perguntar: “Porquê?”, “Isso tem que ser desse modo?”. (...) E para sermos sujeitos, precisamos indiscutivelmente examinar a história criticamente. Como participantes ativos e verdadeiros sujeitos, podemos fazer a história apenas se continuamente formos críticos de nossas próprias vidas.”

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho de dissertação é resultado da realização de uma pesquisa que teve como temática central as contribuições dos conhecimentos populares no que tange a dimensão da espiritualidade, em um processo de Formação de Professores na perspectiva da Educação Popular. Este trabalho de pesquisa surge a partir de inquietações vivenciadas no processo de formação de educadores no Programa de Extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do qual faço parte desde o ano de 2009. Tratar das contribuições da espiritualidade na formação de educadores é um grande desafio. Contudo as contribuições da Educação Popular no Brasil nos trazem a um importante debate no que tange a dimensão da espiritualidade nos processos de formação de professores. Neste sentido, foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo com foco na pesquisa participante. Os instrumentos utilizados foram: 1) entrevistas semi-estruturadas com 15 educadoras e educadores do Tecelendo; 2) observação participante das atividades de formação de professores desenvolvidas pelo programa; 3) análise de documentos do Tecelendo. A pesquisa revelou que a espiritualidade está presente na Formação de Educadores Tecelendo a partir dos saberes populares e da mística envolvida por eles, além disso, foi possível perceber sua contribuição no processo de transformação e emancipação das educadoras e educadores inseridos no programa. O referencial teórico deste trabalho encontra-se fundamentado nos estudos de: Paulo Freire (1996 e 2014), João Francisco de Souza (2007), Eymard Vasconcellos (2009), Ferdinando Röhr (2013), Fritjot Capra (2014); Leonardo Boff (2006, 2008) e Frei Betto (2008). As contribuições deste trabalho de pesquisa caminham no alargamento do diálogo entre Educação Popular e Espiritualidade na Formação de Professores, bem como com prováveis elementos para a reflexão e aprimoramento das metodologias no Programa de Extensão Tecelendo.

Palavras-chave: Educação Popular; Formação de Professores; Espiritualidade.

ABSTRACT

The present work of dissertation is the result of a research that had as its central theme the contributions of popular knowledge regarding the dimension of spirituality, in a process of teacher training in the perspective of popular education. This research work arises from the concerns experienced in the process of formation of educators in the Tecelendo Extension Program at the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, of which I am a part since the year 2009. Treat the contributions of spirituality in the training of teachers is a big challenge. However, the contributions of popular education in Brazil bring us to an important debate regarding the dimension of spirituality in the processes of teacher training. In this sense, we developed a qualitative research with a focus on research participant. The instruments used were: 1) semi-structured interviews with 15 teachers and educators of Tecelendo; 2) participant observation of teacher training activities developed by the program; 3) analysis of documents of Tecelendo. The research revealed that the spirituality is present in the formation of educators Tecelendo from popular knowledge and of mysticism involved for them, moreover, it was possible to perceive its contribution in the process of transformation and emancipation of the educators and teachers included in the program. The theoretical reference of this work is based on studies of: Paulo Freire (1996 and 2014), João Francisco de Souza (2007), Eymard Vasconcellos (2009), Ferdinando Röhr (2013), Fritjot Capra (2014); Leonardo Boff (2006, 2008) and Frei Betto (2008). The contributions of this research work go on extension of the dialog between Popular Education and spirituality in teacher training, as well as with a probable elements for reflection and improvement of methodologies in Tecelendo Extension Program.

Keywords: Popular education; Teacher Training; Spirituality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Teses e Dissertações sobre Espiritualidade	52
Quadro 2:	Dimensões do ser humano	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATC	Análise de Conteúdo Temática
BEE	subescala de Bem-estar Existencial
BER	subescala de Bem-estar Religioso
CAHL	Centro de Artes, Humanidade e Letras
CAPS	Centro de Apoio Psicossocial de Amargosa
CCAAB	Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CECULT	Centro de Cultura, Linguagem e Tecnologias Aplicadas
CEPE	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPLAR	Campanha de Educação Popular
CETEC	Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas
CETENS	Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade
CFP	Centro de Formação de Professores
CNBB	Conferência Nacional do Bispos do Brasil
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CPCs	Centros Populares de Cultura
EAD	Educação à Distância
EAT	Espiritualidade no Ambiente de Trabalho
EBE	Escala de Bem-estar Espiritual
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	Educação Popular
FAFIRE	Faculdade Frassinetti do Recife
GEPE	Grupo de Estudos Preparatório para o Enem

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEL	Instituto Euvaldo Lodi
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra
OGMs	Organismos Geneticamente Modificados
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PEPASF	Projeto Educação Popular e Atenção à Saúde da Família
PIBEX	Programa Institucional de bolsas de Extensão Universitária
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SEC	Serviço de Extensão Cultural
SORPE	Serviço de Orientação Rural de Pernambuco
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
CAPÍTULO I – OS CAMINHOS TRILHADOS NA INVESTIGAÇÃO	16
1.1 – Algumas Memórias.....	17
1.2 – A Construção da Questão de Pesquisa.....	22
1.3 – Abordagem Qualitativa e a Opção pela Pesquisa Participante	25
1.4 – Procedimentos Produção e Análise de Dados e Questões Éticas	31
1.5 – O Espaço e os Sujeitos que Compõem a Pesquisa em Diálogo	35
1.6 – A Relevância do Estudo	42
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO POPULAR E ESPRITUALIDADE	45
2.1 – Espiritualidade: Os Diálogos já Existentes	51
2.2 – Espiritualidade e Educação Popular: Um Diálogo Possível	65
CAPÍTULO III – TECELENDO: EXTENSÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO DE EDUCADORES: Algumas Compreensões	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS.....	98

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação apresenta o trabalho de pesquisa intitulado “As Contribuições dos Conhecimentos Populares, na Dimensão da Espiritualidade, no Processo de Formação de Professores do Programa de Extensão Tecelendo da UFRB”, que tem como objetivo central: analisar as contribuições dos saberes populares, no que tange a dimensão da espiritualidade, no processo de formação de professores do Programa de Extensão Tecelendo.

O Tecelendo se constitui em um Programa de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e trabalha com jovens, adultos e idosos. Tem como objetivo central a contribuição com os processos educativos de alfabetização, letramento e formação de professores. Assume o trabalho como princípio educativo, portanto, elemento fundamental na constituição do ser humano.

Este texto foi estruturado em três capítulos, o primeiro que trata sobre a metodologia da pesquisa, o segundo que apresenta algumas construções teóricas sobre Educação Popular e Espiritualidade e o terceiro apresenta e analisa os dados produzidos ao longo do trabalho de pesquisa.

O primeiro capítulo intitulado “Os Caminhos Trilhados na Investigação”, possui um aspecto introdutório e é composto por algumas memórias sobre o meu percurso formativo e o movimento que me levou a esta pesquisa. Além disso, apresenta a opção pela pesquisa participante e os procedimentos de produção e análise dos dados, o lócus e os sujeitos da pesquisa, bem como os pressupostos éticos e a relevância da investigação.

O segundo capítulo intitulado “Educação Popular e Espiritualidade” apresenta um recorte histórico/teórico sobre a educação popular passando por sua refundamentação e vigência. Apresenta também a construção do conceito de espiritualidade desta pesquisa e seu possível diálogo com a educação popular.

O terceiro capítulo intitulado “Tecelendo Educação Popular e a Educação de Educadores: Algumas Compreensões”, apresenta os dados produzidos no decorrer da pesquisa bem como, a análise dos mesmos com base nas reflexões teóricas abordadas no texto e nas atividades formativas desenvolvidas no Tecelendo.

CAPÍTULO I – OS CAMINHOS TRILHADOS NA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo objetiva apresentar os caminhos que estão sendo percorridos no âmbito da investigação, expondo o desenho teórico-metodológico da pesquisa. Neste percurso me coloco enquanto sujeito, bem como pesquisadora em formação, procurando entrelaçar as dimensões pessoal e acadêmica que compõem minha vida.

As reflexões aqui expressas versam sobre os caminhos que me levaram à docência na perspectiva da Educação Popular e as angústias vivenciadas que me deram subsídio para a construção desta pesquisa.

Segundo o professor Silvio Sánchez Gamboa (2006),

O processo de produção da ciência não se reduz somente à aplicação de determinadas técnicas, ao desenvolvimento de procedimentos previamente definidos, à aplicação ou assimilação de algumas teorias já postuladas. Os conhecimentos científicos não se elaboram mecanicamente, aplicando elementos já prontos e acabados, eles se constroem com a participação intensa do investigador, sujeito do processo cognitivo. Também não é uma construção solitária e individual. É fundamentalmente uma produção social e histórica na qual participam, através da experiência acumulada pela própria história da ciência e da tecnologia, muitos outros cientistas e pesquisadores, de tal maneira que, é o resultado de um longo processo, em que se refletem as condições materiais históricas e os interesses e valores sociais que possibilitaram a elaboração de cada pesquisa e o desenvolvimento teórico e prático de cada ciência. (p.110)

Por esse motivo, é importante destacar que apesar da dimensão individual intrínseca ao processo de pesquisa, este trabalho investigativo não existiria, não fosse a sua dimensão coletiva e social. As inquietações vividas por mim foram também inquietações de um coletivo de educadoras e educadores do Programa de Extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, do qual faço parte a quase dez anos.

Obviamente, essas inquietações são percebidas e sentidas de formas diferenciadas pelos integrantes deste coletivo, porém são os constantes encontros dos grupos de estudo e pesquisa do Tecelendo, bem como suas reuniões gerais e de planejamento que fortalecem a ânsia por encontrar respostas e possibilidades de enfrentamento dos problemas que surgem em nosso dia-a-dia de trabalho.

Foi neste anseio e na busca por contribuir com as ações do programa, mais especificamente com a formação de educadoras e educadores na perspectiva da Educação Popular, que esta pesquisa emergiu enquanto um processo histórico remontando a trajetória do Tecelendo e a minha própria história, se constituindo como um processo individual, coletivo e social.

1.1 ALGUMAS MEMÓRIAS

“Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”.

“Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem”.

Carolina Maria de Jesus

Sou Elisabete, nome cristão, de origem hebraica Elisheva e que recebeu na tradução grega a forma de Elisabeth, seu significado é consagrada a Deus. Este nome me foi dado por um casal de nordestinos retirantes da Mesorregião do Centro Sul Baiano, mais precisamente do município de Amargosa, aos 13 de julho de 1973.

Meus pais Otávio Roque Delfino e Palmira Ferreira Delfino foram para São Paulo na década de 1965, em busca de uma vida melhor, assim como tantos outros nordestinos ainda hoje o fazem. Mãe Faxineira e pai Zelador foi trabalhando duro que eles nos criaram, um casal de filhos e, nos ensinaram as coisas mais importantes da vida o amor, a honestidade, a alegria de viver, o trabalho, o orgulho de ser nós mesmos e a boa educação.

Estudei no mesmo colégio durante 11 anos, pois era um Colégio Estadual de Primeiro e Segundo Grau, seu nome é “Fernão Dias Paes”, pois foi a residência de um bandeirante e está localizado na capital paulista, especificamente no bairro de Pinheiros. Esse Colégio existe até hoje, mas nos dias atuais só atende ao segundo grau, ou seja, a partir do sexto ano do Ensino Fundamental.

Ainda me recordo da minha primeira professora Dona Ivette Castelani, por quem fui alfabetizada a partir da cartilha Caminho Suave. O colégio tinha inspetores de classe que ficavam de olho nas turmas na hora do recreio e em tudo que nós fazíamos fora das salas de aula era observado por eles. Estávamos nos anos 80, ainda sob o regime militar e a disciplina era rigorosa. Não rezávamos, mas tínhamos que decorar o Hino Nacional, o Hino à Bandeira e o Hino da Independência, que eram cantados em dias específicos pelos estudantes organizados na frente do colégio com o hasteamento da bandeira.

Foi um momento muito importante de minha vida que recordo com muito carinho, assim como, um momento fundamental na formação da minha identidade docente. Ainda hoje tenho contado com meus ex-colegas de caminhada no colégio e tenho muito orgulho em saber

que a primeira escola a ser ocupada no Estado de São Paulo foi a Fernão Dias, na luta dos estudantes contra o fechamento de escolas por parte do governo do Estado.

A DOCÊNCIA

Nunca pretendi ingressar para a vida docente, sempre tive horror a dar aulas, acreditava que seria a última profissão do mundo que eu escolheria. Tanto que no período do Ensino Médio eu decidi fazer o Científico (Geral) e não o Magistério. Quando saí do Colégio eu já trabalhava e enveredei pelo mundo da informática, me tornando rapidamente técnica no assunto.

No entanto, obra do destino ou não, em certo momento de minha vida profissional trabalhei em uma escola de informática na qual fui parar em sala de aula como professora. Ainda assim, acreditava que estava trabalhando com informática e dar aulas era só mais uma atribuição desta profissão.

Segui trabalhando como autônoma e dava aulas particulares para os agentes fiscais de renda da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, que estava se informatizando na época e eu me especializei no trabalho que eles desenvolviam. Mas naquele momento nunca olhei para minha profissão como professora e assim segui durante muitos anos.

Somente no início de 2009, foi que recebi o convite da Professora Dra. Andreia Barbosa dos Santos, idealizadora e coordenadora geral do Programa de Extensão Tecelendo, para que eu fizesse parte do projeto¹ contribuindo com os estudantes no que diz respeito ao Português, ou seja, desenvolvendo com eles atividades que envolvesse redação e gramática.

Foi nesse momento que voltei a ter contato com a docência, mesmo que eu ainda não tivesse consciência disso. Assim, meu ingresso no Projeto Tecelendo aconteceu em março de 2009, para trabalhar o aperfeiçoamento da Língua Portuguesa com os bolsistas do projeto, o que antecedeu a formação das primeiras turmas daquele mesmo ano.

Até aquele momento eu não sabia nada sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, ouvi falar de alguns programas do governo que atende a esse público, mas nada além disso. Naquele período o projeto estava saindo do papel, iniciando sua concretude e quando Andreia me apresentou a proposta do Tecelendo, o que mais me chamou a atenção foi o objetivo de

¹ O Tecelendo surge em 2008 como Projeto de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, somente em 2013 passa a ser Programa. O Tecelendo trabalha com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos e tem como aporte teórico a Educação Popular.

alfabetizar em uma perspectiva ampla e não apenas ensinar a mera decodificação da língua escrita.

Por não conhecer as teorias que falavam a respeito do tema, fiquei extremamente curiosa, inquieta mesmo, tentando entender o que seria alfabetizar na perspectiva do letramento, por exemplo, pois ouvia outras expressões como a “leitura de mundo” de Paulo Freire. Bem até ali, dentro do conhecimento que eu possuía alfabetizar era apenas ensinar as pessoas a ler e escrever, através da decodificação dos códigos linguísticos que utilizamos em nossa sociedade.

Trabalhei durante todo esse ano como voluntária do projeto, participei de todo o processo de implementação do Tecelendo e conseqüentemente de todas as reuniões, inclusive as de planejamento e nesses momentos consegui minimamente entender que existia uma diferença entre simplesmente ensinar a decodificar e alfabetizar em uma perspectiva da leitura de mundo, mas também pude perceber que era algo muito mais complexo do que parecia.

Dessa forma, o Tecelendo foi me instigando a pensar a vida do professor, o ser professor e conseqüentemente perceber como era lindo e difícil aquele trabalho. Com tantas inquietações e dúvidas na cabeça, fiz a prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e em 2009 resolvi me inscrever na UFRB para o curso de Licenciatura em Pedagogia, pois na minha cabeça era através dele que eu conseguiria esclarecer minhas dúvidas e inquietações, bem como, compreender melhor o que acontecia dentro do projeto. Em 2010 ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, cheia de expectativas e esperanças com o novo horizonte que estava se abrindo à minha frente.

Com o ingresso na Pedagogia passei a ser bolsista do Tecelendo e foi nesse mesmo período que surgiu uma demanda inesperada de jovens, filhos dos alfabetizados do projeto, procurando uma forma de estudar para realizar as provas do ENEM. Eles não sabiam como começar e nos pediram ajuda, disponibilizamos o espaço, mas precisávamos de alguém que pudesse coordenar os estudos. Desse modo, surgiu um novo grupo dentro do projeto, que se autodenominou “Rumo ao Futuro” e eu fiquei responsável por coordenar as atividades de estudo relacionadas a este grupo, a princípio com três noites na semana.

Que responsabilidade! Nosso objetivo central naquele momento era o de não nos transformarmos em um cursinho pré-vestibular, tarefa difícil. Lembro, como hoje, o nosso primeiro dia de aula, os meninos e meninas muito calados, tentando entender como esse estudo aconteceria e eu muito tensa, querendo fazer um bom trabalho, mas muito ansiosa, com medo de que tudo desse errado.

Apesar do planejamento que fazíamos, percebemos a necessidade de voltar nosso olhar para os estudantes e procurar trabalhar junto com eles tentando fazer um planejamento que respeitasse os conhecimentos trazidos por eles, o meio onde eles viviam, suas necessidades e seus anseios, no intuito de integrar a vida aos conteúdos a serem trabalhados.

Realizar esse trabalho não foi nada fácil, várias vezes saí da sala de aula com a sensação de que eles não tinham aproveitado absolutamente nada sobre o conteúdo trabalhado e essa sensação me causava grande angústia. Muitas vezes me sentia completamente perdida, mas conforme as aulas iam acontecendo os próprios estudantes iam delineando o caminho a ser seguido e nos era necessária certa sensibilidade para perceber esse caminho.

Vale ressaltar que me identifico muito com esse público, adoro trabalhar com jovens, com os adultos e com os idosos e isso facilitou bastante o meu trabalho, estar com eles me dava sempre uma energia nova, me instigava a buscar sempre mais, para que pudéssemos chegar juntos ao nosso objetivo que era ser um grupo de estudos e não um cursinho.

Este foi o início dos meus trabalhos como docente no Tecelendo, um grande desafio como tantos outros que ainda viriam pela frente, mas que me ajudou a me encantar ainda mais com o ser educadora na perspectiva de Paulo Freire (2011) “ensinar aprendendo e aprender ensinando”.

O CAMINHO DOCENTE NO TECELENDO

Estando diante deste e outros desafios dentro do Tecelendo, busquei compreender através do curso de Pedagogia minhas inquietações, dessa forma, fiz a leitura de alguns textos de Magda Soares, na tentativa de entender um pouco mais sobre letramento. Segundo ela,

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. (...) Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita). O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, de acordo com Magda, designa práticas de leitura e escrita. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. (SOARES, 2003, p.03)

Ter contato com as leituras de Soares me ajudou a perceber que alfabetização não é somente decodificar os códigos linguísticos, mas saber fazer uso desse aprendizado no dia-a-dia. Entendi assim, que existiam pessoas que somente sabiam copiar seu nome, ou somente

escrever seu nome e que estes não são letrados, pude perceber a importância da alfabetização na vida das pessoas.

Após contato com as leituras a respeito do letramento, comecei a perceber que o termo alfabetizar é muito mais amplo do que eu imaginava, não é apenas a decodificação da letra, da palavra, é como diz Paulo Freire a leitura de mundo que inclusive antecede a leitura da palavra, é a significação do aprendizado na vida do educando:

[...] ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2008, p.11)

Nesse sentido, Paulo Freire foi fundamental na minha caminhada dentro do Tecelendo, pois foi através das leituras de seus textos que percebi o quanto estava distante da perspectiva da leitura de mundo, ou seja, fui mecanicamente alfabetizada, pensava de maneira linear como aprendi na escola e às vezes muito do que estudei há anos atrás, somente agora começava a fazer sentido na minha vida.

Mas foi com a experiência em sala de aula, trabalhando com a temática da Segunda Guerra Mundial com os estudantes do Rumo ao Futuro, que percebi o quanto era possível trabalhar várias áreas do conhecimento através de um mesmo tema, que pude identificar a dimensão da leitura de mundo.

Pude perceber também que a educação deveria ser voltada para a vida e não apenas para um fragmento dela, como nos impõe o mercado de trabalho. Vivemos e precisamos compreender que nada está separado, que alfabetizar faz parte dessa vida. Se o nosso organismo trabalha em conjunto e todo ele precisa estar bem para que não fiquemos doentes, do mesmo modo é do lado de fora, estamos conectados com este mundo e a tudo que nele está, se não compreendemos isso, vivemos apenas parte de nossa vida.

Nesta perspectiva buscamos, no Tecelendo, uma educação que está voltada para pensar e sentir o ser humano na sua totalidade, ou seja, não procuramos apenas oferecer saberes prontos que foram constituídos ao longo dos séculos, mas buscamos possibilitar a condição de recriação de nossos sentidos. Segundo Paulo Freire (1996)

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. [...] (p.50)

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo. Daí que insista na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade. (p. 52)

Para tanto, o Tecelendo trabalha pautado no Movimento da Educação Popular como práxis educacional e como teoria pedagógica. A EP é considerada uma das mais belas contribuições da América Latina para o pensamento pedagógico universal. Está pautada na concepção libertadora de educação, ou seja, uma educação voltada para a construção de um novo projeto histórico, no qual se fundamenta em uma teoria do conhecimento que parte do educando como sujeito do conhecimento e abarca a alfabetização não somente como um processo lógico e intelectual, mas como um processo que também é extremante afetivo e social.

[...] aprofundar e consolidar o debate sobre nosso destino comum e sobre as condições para concretizar o nosso desejo de que OUTRO MUNDO seja POSSÍVEL. Um dos instrumentos desse processo é a Educação Popular, enquanto uma Pedagogia construída a partir de situações de opressão, exploração, subordinação e inferiorização da maioria deserdada do mundo. Pedagogia capaz de orientar todos e quaisquer processos educativos escolares e não escolares. Universitários e básicos. Nos movimentos sociais e políticos, nas Igrejas e em quaisquer outras instituições. (SOUZA, 2007, p. 14)

É de suma importância para mim destacar todo esse processo em minha vida, pois foi através dessas experiências, leituras e reflexões que fui me constituindo enquanto educadora, dentro de um movimento de Educação Popular no qual acredito e tenho como perspectiva de vida. Também importante ressaltar que esse movimento não está voltado somente para a Educação de Adultos, muito pelo contrário, levo seus princípios para todas as modalidades de Ensino existentes no Brasil, pois a educação deveria nos preparar para a vida.

1.2 A CONSTRUÇÃO DA QUESTÃO DE PESQUISA

“ A Borboleta que esbarra em espinhos, rasga as próprias asas.”

Provérbio Africano.

Em sua obra intitulada “Um defeito de Cor”, Ana Maria Gonçalves discorre sobre serendipidade e define o termo da seguinte forma:

Serendipidade então passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que "descobrimos" para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos. (2006, p. 06)

O percurso de construção desta pesquisa está repleto de serendipidades, desde o meu encontro com o Tecelendo, para o qual a vida, em sua infinita perfeição, me preparou, o desenvolvimento de uma “Oficina de Meditação”, que me proporcionou o contato com as técnicas de meditação e ampliou meus horizontes com relação a constituição do ser humano, até a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB em setembro de 2016, quando mesmo depois de sofrer um assalto a caminho de João Pessoa, na véspera da prova escrita, eu decidi seguir em frente e não desistir da seleção.

Dentro desta caminhada “serendipe”, a presente pesquisa pretende analisar as contribuições dos saberes populares no que tange a dimensão da espiritualidade ao processo de Formação de Professores do Programa de Extensão Tecelendo.

Esta pesquisa surge a partir de inquietações vivenciadas no processo de formação de educadores no Programa de extensão Tecelendo da UFRB do qual faço parte desde o ano de 2009.

O referido Programa de Extensão surgiu no ano de 2008 com a proposta de alfabetização de jovens adultos e idosos a partir da tecelagem enquanto fio condutor do processo. Com o trabalho referenciado na Educação Popular, o Tecelendo foi ao longo dos anos agregando sujeitos e anseios até se transformar em Programa de Extensão no ano de 2014. Atualmente o trabalho do Tecelendo está alicerçado em quatro frentes de trabalho: 1) Núcleo de Alfabetização e Educação Popular, 2) Grupo de Estudos Preparatório para o ENEM, 3) Formação de Educadores e 4) Tecelagem e Economia Solidária.

Nesta caminhada há também inquietações em relação à busca por metodologias que sejam condizentes com os anseios dos sujeitos envolvidos na caminhada. Um exemplo disso foi a reestruturação metodológica realizada no Tecelendo no ano de 2011.

Todo o trabalho que até então era organizado em “turmas” de alfabetização passaram a ser movimentado por temáticas em “oficinas” ofertadas tanto por graduandos da Universidade como por outros membros da comunidade local. Com isso, surgiu a proposta da “Oficina de Meditação” na perspectiva de realizar um trabalho que acolhesse os sujeitos em uma dimensão de escuta e enfrentamento de problemas emocionais de forma coletiva.

Os questionamentos e inquietações presentes no meu dia-a-dia neste trabalho me levaram ao anseio de me aprofundar sobre as atividades desenvolvidas na oficina e consequentemente à pesquisa que resultou em meu trabalho Monográfico² de conclusão do curso de Pedagogia em 2015.

Este trabalho teve como temática central as contribuições de técnicas de meditação ao processo de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos no Tecelendo. Trouxe como principal objetivo analisar as atividades desenvolvidas na “Oficina de Meditação” realizada no Tecelendo entre os anos de 2011 a 2013 e suas contribuições ao processo de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos do Tecelendo. (DELFINO, 2015)

Foi uma pesquisa qualitativa com foco na pesquisa-ação, os instrumentos utilizados para a produção de dados foram entrevistas semiestruturadas com educadores e educandos, além da análise de documentos do programa. A pesquisa indicou que as atividades desenvolvidas na “Oficina de Meditação” contribuíram significativamente com os elementos: aumento da concentração, diminuição do estresse e um movimento de aprendizado do diálogo. Estes por sua vez refletiram diretamente no processo de alfabetização dos sujeitos, que menos estressados e mais concentrados, relataram que conseguiram desenvolver melhor as atividades da “Oficina de Alfabetização”, que juntamente com as oficinas “Cena e Som” e “Meditação” compunham o método de Alfabetização do Tecelendo.

Neste sentido, é importante destacar que a caminhada do Tecelendo envolveu sempre uma profunda reflexão acerca de suas ações pedagógicas e do envolvimento da comunidade bem como do enfrentamento dos limites apresentados e de sua responsabilidade social enquanto Universidade Pública. Assim em 2014 após intensas discussões sobre a caminhada do então projeto Tecelendo e suas múltiplas atividades até aquele momento, foi construída em conjunto (coordenação e educadoras e educadores), a proposta encaminhada ao Proext/Mec Seseu 2015, na qual o Tecelendo deixa de ser projeto e passa a ser programa de extensão.

A partir dessa passagem, o agora Programa de Extensão Tecelendo tem como um dos seus eixos centrais, a formação de professores, que se destaca como projeto do programa e minhas inquietações com relação à formação de professores no Tecelendo só aumentaram. E foi a partir do trabalho com o relaxamento conduzido junto às educadoras e educadores do programa que esta pesquisa floresceu e tomou corpo.

² As contribuições da “Oficina de Meditação” à Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, no Projeto de Extensão “Tecelendo” da UFRB”.

Esta pesquisa tem como propósito contribuir com o fortalecimento da Proposta de Educação de Educadores no Tecelendo e contribuir com as discussões sobre Educação Popular e Espiritualidade no âmbito acadêmico.

O tema central da pesquisa está voltado para: Educação Popular e Espiritualidade e dentro desta perspectiva formulamos o seguinte objetivo geral: analisar as contribuições dos saberes populares no que tange a dimensão da espiritualidade no processo de formação de professores do Programa de Extensão Tecelendo.

Dentro deste panorama, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Apreender elementos de saberes populares em relação a espiritualidade;
- 2) Investigar as contribuições da Formação de Professores, com relação à dimensão da espiritualidade, no Tecelendo;
- 3) Refletir sobre a Formação de Professores e a Dimensão da Espiritualidade.

No percurso de formulação dos objetivos partimos de várias questões iniciais advindas das nossas inquietações entre elas: Como os conhecimentos trazidos por educadoras e educadores, de suas comunidades, podem contribuir com sua prática docente? Porque a Universidade faz com que os estudantes acreditem que seus conhecimentos, suas tradições e raízes comunitárias não são importantes, não são válidas?

A partir do aprofundamento dessas e outras questões chegamos a Questão Orientadora da pesquisa: Quais as contribuições dos saberes populares no que tange a dimensão da espiritualidade em um processo de Formação de Professores na perspectiva da Educação Popular?

1.3 A PESQUISA QUALITATIVA E A OPÇÃO PELA PESQUISA PARTICIPANTE

A pesquisa implica em um processo sistemático através do qual se dá a construção do conhecimento. Seus principais objetivos são a geração de novos conhecimentos e a contestação de conhecimentos já existentes. Se constitui em um processo de aprendizagem para o sujeito que realiza a pesquisa, assim como, para a sociedade onde é desenvolvida.

Da mesma forma, Ciência é um termo derivado do latim “*scientia*” e tem como significado conhecimento ou saber, porém atualmente se estabeleça por ciência todo conhecimento alcançado a partir do estudo ou da prática, baseado em princípios específicos. Importante ressaltar que a ciência abarca em si vários conjuntos de saberes a partir dos quais são elaboradas suas teorias, que são fundamentadas em seus próprios métodos científicos.

Segundo Antonio Chizzotti (2006) as ciências e consequentemente as pesquisas, são fruto da busca metodológica das explicações causais dos fatos ou ainda da compreensão exaustiva da realidade, para tanto, utiliza-se de informações obtidas através de observações atentas ou de outros recursos próprios. Logo em seguida fazendo a devida reflexão, análise e sintetização dos dados, no intuito de descobrir as forças da natureza e da vida, para transformá-las em benefício da humanidade.

O modelo racional de ciência e, portanto, de pesquisa, que direciona a ciência moderna foi estabelecido a partir da revolução científica do século XVI e foi produzido nos moldes predominantemente das ciências naturais. Somente no século XIX, com o caos estabelecido a partir da Revolução Industrial e a necessidade de se entender a sociedade que surgia naquele momento, é que a emergente ciência social adota o mesmo modelo racional de pesquisa.

Estabelecendo assim, um novo paradigma científico, que desconsidera todas as outras formas de conhecimento, chamados conhecimentos não científicos ou irracionais, esses são divididos de duas formas: o senso comum e as humanidades ou estudos humanísticos, estão entre eles os estudos históricos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos.

De acordo com Boaventura de Souza Santos (1999, p. 03), “esse novo paradigma científico é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”. Neste sentido, podemos dizer que essa é sua principal característica para romper com os anteriores paradigmas aristotélico e paradigma medieval.

É importante ressaltar que esta pesquisa busca ir de encontro ao estabelecido cientificamente por este paradigma científico, pois pretende trazer à luz as discussões dos conhecimentos populares relegados ao senso comum, mas que serão aqui tratados como conhecimento, nem melhor, nem pior, certo ou errado, apenas conhecimento produzido por mulheres e homens ao longo de sua existência.

Na ânsia de se distanciar dos antigos saberes, o novo paradigma dominante estabelece a separação entre o ser humano e a natureza: “[...] Como diz Bacon, a ciência fará da pessoa humana <<o senhor e o possuidor da natureza>>.” (SANTOS, 1999, p.13)

Dentro dessa perspectiva, é a matemática que fornece ao novo modelo de ciência o instrumento de análise, a lógica de investigação e o modelo de representação, isso significa que, assim como na matemática a nova visão científica é pautada no rigor das medições, conhecer significa quantificar, o que não é quantificável é irrelevante. E ainda na redução da complexidade, conhecer significa dividir e classificar, ou seja, “as leis da natureza são o reino

da simplicidade e da regularidade onde é possível observar e medir com rigor.” (SANTOS, 1999, p.15)

Como dissemos anteriormente, no século XIX surgem às ciências sociais, adotando o mesmo modelo racional de ciência, positivo e mecanicista das ciências naturais, ou seja, as ciências sociais nascem para ser empíricas. No entanto, uma segunda vertente surge nesse mesmo período, por muito tempo relegada à marginalidade, mas atualmente cada vez mais presente.

Essa vertente busca criar para as ciências sociais leis próprias, epistemológica e metodologicamente falando. Nesse sentido, ela vem se contrapor ao paradigma estabelecido, baseando-se nas especificidades do ser humano e sua diferenciação com relação à natureza. Dentro dessa perspectiva, a ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências da natureza.

Segundo Santos (1999) esta nova vertente não rompe com o paradigma dominante, mas ao contrário faz parte da ciência moderna, na realidade ela representa um sinal de crise dentro do paradigma dominante e apresenta alguns componentes de transição para o surgimento de um outro paradigma científico.

É nessa perspectiva que surge o termo “pesquisa qualitativa”, assumindo diferentes significados no campo das ciências sociais. Essa expressão passa a compreender um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Objetiva traduzir e expor o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Somente entre os anos de 1980 e 1990 os estudos qualitativos ganham força na pesquisa em Educação, exatamente por possuir um conjunto heterogêneo de perspectivas, métodos, técnicas e análises, que abrange desde os estudos etnográficos, pesquisa documental, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral. (ANDRÉ, 2001, p. 53).

Na atualidade vários autores destacam as principais características da pesquisa qualitativa, dentre eles destacamos Robert K. Yin, que apresenta cinco características:

- 1) estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
- 2) representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas neste livro como os participantes) de um estudo;
- 3) abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
- 4) contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano;

5) esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de basear em uma única fonte. (2016, p. 07)

No que se refere a postura do pesquisador ou pesquisadora Yin traz dois termos *ênico* e *ético*, segundo ele “ [...] Uma perspectiva ênica procura capturar os significados nativos dos participantes dos eventos da vida real. Em contraparte, uma perspectiva ética representa o mesmo conjunto de eventos da vida real, mas uma perspectiva externa – a do pesquisador[...]” (YIN, 2016, p. 10). Na realidade o que o autor se propõe a destacar aqui é que o pesquisador ou a pesquisadora em uma pesquisa qualitativa é visto como um instrumento da pesquisa, ou seja, ele é também um sujeito da pesquisa, o pesquisador ou pesquisadora não tem condições de ser neutro em uma pesquisa qualitativa.

[...] o pesquisador tem uma personalidade humana e não pode se comportar como “um robô sem face ou como um gravador mecânico dos eventos humanos” (Powdermaker, 1966, p. 19). Essa personalidade “não se forma no trabalho de campo, mas tem muitos anos de condicionamento por trás de si”, incluindo “a escolha dos problemas e dos métodos, mesmo a escolha da própria disciplina [acadêmica]” (p. 19). (YIN, 2016, p. 11)

Ainda segundo o autor essa não neutralidade é vista como uma possibilidade de “múltiplas interpretações dos eventos, como uma oportunidade e não uma limitação” (2016, p. 11). O limite ao contrário seria a definição de uma certa realidade com o mínimo de contaminação das interpretações dos pesquisados e do pesquisador ou pesquisadora. (p.13)

Por fim, Yin chama a atenção para o fazer metódico da pesquisa qualitativa,

[...] ser metódico significa seguir algum conjunto ordenado de procedimentos de pesquisa e minimizar trabalho extravagante ou descuidado – quer um estudo seja baseado em um delineamento de pesquisa explicitamente definido ou em uma rotina de campo mais informal, mas, não obstante rigorosa. [...]. Finalmente, ser metódico também significa conferir um senso de completude a uma iniciativa de pesquisa, além de verificar os procedimentos e dados de um estudo. (2016, p. 17)

O autor sugere ainda que os pesquisadores possuam um diário com registros aurreflexivo no qual esteja registrado as angústias, os equívocos, as possíveis trapalhadas, além dos avanços e limites da caminhada de pesquisa. É importante que essa aurreflexividade faça parte do relatório final da pesquisa.

É dentro desse contexto e, por se tratar de uma pesquisa educacional, centrada na Educação Popular, que esta pesquisa se compreende enquanto pesquisa qualitativa, cuja abordagem trataremos em seguida.

Antes de mais nada é importante destacar que para o pesquisador a procura por uma metodologia de pesquisa que abarque a dimensão científica, é o enfrentamento de um imenso desafio, visto que ela caracteriza a escolha dos caminhos pelos quais se tentará compreender as questões propostas.

Assim, fazer ciência não se restringe a práticas aleatórias ou a pura busca por um método e a aplicação de técnicas. A atuação do pesquisador precisa estar ligada aos fundamentos epistemológicos que sustentam e justificam a mesma metodologia aplicada, pois que a ciência é “sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos. É sempre uma articulação do lógico com o real. Toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado à nossa concepção da relação sujeito/objeto”. (SEVERINO, 2012, p. 100)

Dentro desse processo de busca epistemológica e ontológica que irá fundamentar o nosso fazer científico na produção de novos conhecimentos, é imprescindível que nos perguntemos qual a nossa concepção e a partir desta concepção e seus avanços, como produzir novos conhecimentos.

Entendendo o ser humano como um ser integral e não particionado, racionalizado, dicotomizado, na perspectiva da construção de uma sociedade que não seja baseada na desigualdade, é que pretendemos investigar as contribuições dos Saberes Populares na Formação de Educadoras e Educadores do Programa de Extensão Tecelendo, no que tange a dimensão humana da Espiritualidade.

O Tecelendo se constitui em um espaço educativo que trabalha com a Educação de Jovens Adultos e Idosos e que se propõe, enquanto centralidade metodológica, a ação-reflexão-ação, na perspectiva de que as etapas do programa respeitarão a construção histórica da caminhada dos sujeitos nele inseridos.

Percebi que ao ingressar no programa começamos uma nova caminhada que nos conduz a ação-reflexão-ação, ou seja, a todo o momento procuramos qualificar e transformar nossa prática pedagógica. Ao nos envolvermos com o Tecelendo começamos a compreender melhor a relação entre teoria e prática, que por muitas vezes dentro do universo acadêmico entram em choque, além disso, saímos da neutralidade, não é mais possível ficar em cima do muro e é exatamente nesse momento que nossa relação com o outro e com o mundo mudam.

Brandão (1984) destaca a “dificuldade na construção do outro, que antecede uma pesquisa, o imperativo de um compromisso com os sujeitos vivos presentes no processo de investigação” (p. 13). Ser parte integrante da equipe do Tecelendo e conseqüentemente realizar uma pesquisa que foi pensada com o grupo e para atender as necessidades do grupo, não somente às minhas inquietações, me coloca no lugar de construção do outro e com outro.

Um dos princípios da Educação Popular é a pesquisa, porém, uma pesquisa compreendida como uma das principais formas de construção do conhecimento. Assim, segundo Luiz Eduardo W. Wanderley,

Descontentes com o conhecimento instituído nas universidades, e fazendo uma avaliação crítica contundente das formas de pesquisa nelas realizadas, e em outras instituições, houve tentativas de encontro de novos formatos investigativos, que permitissem aos setores populares participarem ativa e conscientemente das mesmas, em articulação orgânica com pesquisadores externos ao campo popular. Esses formatos foram formulados por um conjunto de professores e educadores em geral, que elaboraram elementos inovadores denominados de pesquisa participante e pesquisa-ação. [...] (2010, p. 53)

Nesta perspectiva, um dos pioneiros na pesquisa participante, além de Paulo Freire, é o colombiano Orlando Fals Borda, que a partir de seus estudos estabelece alguns dos princípios comuns à pesquisa participante, são eles: autenticidade e compromisso; antidogmatismo; restituição sistemática; feedback para os intelectuais orgânicos³; ritmo e equilíbrio de ação-reflexão; ciência modesta e técnicas dialogais (WANDERLEY, 2010, p. 54). Nesse sentido, Fals Borba (1981) diz que o potencial da pesquisa participante,

[...] está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica, na medida em que reduz as diferenças entre o objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham. (p. 60)

Contudo, no cenário brasileiro quem traz importantes contribuições no campo da pesquisa participante é o, já citado, antropólogo e educador Carlos R. Brandão, segundo ele,

A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa. Está inventada a pesquisa participante. Não porque – como querem tantos, tantas vezes – uma fração obediente de sujeitos populares participa subalternamente da pesquisa do pesquisador, mas porque uma pesquisa coletiva participa organicamente de momentos do trabalho de classe, quando ela precisa se reconhecer no conhecimento da ciência (1984, p. 13, apud WANDERLEY, 2010, p. 55)

É esse olhar sobre a relação pesquisador-pesquisado que nos instiga na pesquisa participante. Ela me traz mais clareza no que diz respeito ao pesquisador ser sujeito da pesquisa, não no sentido de ter o olhar contaminado, mas no que diz respeito ao comprometimento com os sujeitos da mesma pesquisa, sujeito esse que ele (pesquisador)

³ Gramsci em sua obra “Cadernos do Cárcere” conceitua os intelectuais orgânicos como aqueles que são parte integrante de um organismo vivo e em expansão, sendo assim estão conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. [...] são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (Gramsci, 1975, p. 1.518). [...] O autor valoriza com singularidade o saber popular, defende a socialização do conhecimento e recria a função dos intelectuais, conectando-os às lutas políticas dos “subalternos” (Gramsci, 1975, p. 1.505-1506). (SAMERARO, 2006, p. 376-378)

também é. A esse pensamento posso concluir em minhas certezas que, certezas não existem, pois, a vida é constante movimento e ser uma pesquisadora participante me possibilitará estar aberta ao que a vida tem a me apresentar.

Ainda nesta perspectiva Severino (2012) define pesquisa participante da seguinte forma:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (p. 120)

Somos um povo relacional, característica de nossos antepassados índios e negros africanos e essa característica se mostra de forma intensa nos processos educacionais do Programa de Extensão Tecelendo em Amargosa. Cabe a mim enquanto pesquisadora iniciante, não perder de vista quem somos, como nos constituímos neste lugar e quais saberes populares contribuíram para que conseguíssemos chegar até aqui, apesar de toda dificuldade, toda desigualdade e toda diversidade.

É dentro desse panorama da pesquisa participante e inserida no Programa de Extensão Tecelendo, que já trabalha dentro dessa perspectiva, que esta pesquisa está sendo desenvolvida, buscando identificar a voz dos sujeitos que compõem o programa e procurando perceber de que maneira a espiritualidade e os conhecimentos populares contribuem na formação de educadores no Tecelendo.

1.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS E QUESTÕES ÉTICAS PREVISTAS

Esta pesquisa foi realizada no Programa de Extensão Tecelendo da UFRB, como dissemos anteriormente. Este encontra-se localizado no interior do estado da Bahia, na cidade de Amargosa, vinculado ao Centro de Formação de Professores – CFP.

Neste ano de 2018 o Tecelendo completa 10 anos de existência, em sua proposta inicial como projeto de extensão, trabalhou com a alfabetização de jovens, adultos e idosos tendo como centralidade o trabalho enquanto princípio educativo e a tecelagem como fio condutor do processo. Está alicerçado na Educação Popular e ao longo dos seus anos de trabalho foi reunindo sujeitos e anseios, até que no ano de 2014 tornou-se programa de

extensão abarcando quatro grandes projetos: Formação de Educadores; Tecelagem e Economia Solidária; Núcleo de Alfabetização e Educação Popular e o Grupo de Estudos Preparatório para o ENEM – GEPE.

Estamos desenvolvendo o trabalho de campo junto a Formação de Educadores, estabelecendo uma relação de maior proximidade com as educadoras e os educadores do programa que, em sua grande maioria são advindos das comunidades rurais do entorno da cidade de Amargosa.

Empregamos como instrumento de produção de dados primeiro a observação participante, que segundo John W. Creswell,

[...] são aquelas em que o pesquisador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades dos indivíduos no local de pesquisa. Nessas anotações de campo, o pesquisador registra, de uma maneira não estruturada ou semi-estruturada (usando algumas questões anteriores que o investigador quer saber), as atividades no local da pesquisa. Os observadores qualitativos também podem se envolver em papéis que variam desde um não participante até um completo participante. (2010, p. 214)

Ainda segundo o autor,

A observação é uma das ferramentas-chave para a coleta de dados em pesquisa qualitativa. É o ato de observar um fenômeno no contexto do campo por meio dos cinco sentidos do observador, frequentemente com um instrumento, e registrá-lo com propósitos científicos (ANGROSINO, 2007). As observações estão baseadas no seu propósito e nas perguntas de pesquisa. Você pode observar o ambiente físico, os participantes, as atividades, as interações, as conversas e os seus próprios comportamentos durante a observação [...]. (CRESWELL; 2014, p. 137)

Neste sentido, como membro do grupo, porém afastada das atividades para a realização da pesquisa, estou agora colocada em um estado de observação participante, no qual venho realizando observações da rotina do Tecelendo, por meio de suas reuniões e minha inserção nas diversas atividades realizadas pelo programa.

Dessa forma, a observação participante é de suma importância para compreendermos o processo de formação de educadoras e educadores no Tecelendo e como os sujeitos se percebem dentro desse processo. Além da observação participante, também serão realizadas entrevistas semiestruturadas,

A entrevista semi-estruturada representa, como o próprio nome sugere, o meio-termo entre a entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada. Geralmente se parte de um protocolo que inclui os temas a serem discutidos na entrevista, mas eles não são introduzidos da mesma maneira, na mesma ordem, nem se espera que os entrevistados sejam limitados nas suas respostas e nem que respondam a tudo da mesma maneira. O entrevistador é livre para deixar os entrevistados desenvolverem as questões da maneira que eles quiserem. (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p.169)

Decidimos por este tipo de entrevista por ela nos permitir um diálogo, mais aberto e específico ao mesmo tempo com os sujeitos sobre aspectos que acreditamos ser relevantes para a pesquisa. Outro fator importante é a flexibilidade da entrevista semiestruturada que possibilita a participação ativa do pesquisado e do pesquisador, pois ambos têm liberdade para responder ou não, questionar quanto à clareza das perguntas e se aprofundar no assunto quando a resposta não for satisfatória.

Utilizamos ainda a pesquisa documental, para que pudéssemos fazer a análise de documentos referentes ao programa como relatórios, trabalhos de conclusão de curso e diários de campo, na perspectiva de obtermos uma gama maior de informações, o que enriquecerá nossa pesquisa.

Segundo Ludke e André (1986)

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (p. 39)

Quanto à análise dos dados produzidos Creswell diz que “[...] O processo de análise dos dados envolve extrair sentido dos dados do texto e da imagem. Envolve preparar os dados para a análise, conduzir diferentes análises, ir cada vez mais fundo no processo de compreensão dos dados [...]” (2010, p. 217).

O autor afirma que o processo de reflexão dos dados produzidos se dá de forma contínua, concomitantemente com a produção dos dados,

Trata-se de um processo permanente envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todos o estudo. Ou seja, a análise de dados qualitativos é conduzida concomitantemente com a coleta dos dados, a realização de interpretações e a redação de relatórios. Enquanto as entrevistas são realizadas, por exemplo, o pesquisador pode estar analisando uma entrevista coletada anteriormente, escrevendo anotações que podem ser finalmente incluídas como narrativa no relatório final, e organizando a estrutura do relatório final. (Idem)

Creswell aponta ainda seis passos como procedimento geral de análise de dados em pesquisas qualitativas, são eles: 1) Organizar e preparar os registros obtidos para a análise; 2) Ler tudo o que foi levantado junto aos sujeitos envolvidos na pesquisa, para obter uma percepção geral dos registros feitos; 3) Análise detalhada de tudo que foi levantado a partir do processo de codificação; 4) Utilizar a codificação para produzir uma descrição do lócus de pesquisa ou dos sujeitos da pesquisa e para elencar as categorias ou temas para análise; 5) Anunciar como a descrição e os temas serão representados, utilizar uma passagem narrativa

para comunicar os resultados da análise; 6) Finalmente fazer a interpretação ou extrair um significado dos dados. (2010, p. 219-223)

Dessa forma, após a transcrição e leitura das entrevistas, fomos destacando alguns trechos importantes que estiverem relacionados com o tema da pesquisa e aqueles que não eram esperados, mas que surgiram ao longo do diálogo com as educadoras e educadores.

Em seguida, procuramos realizar a codificação das falas a partir das grandes temáticas Formação de Educadores, Espiritualidade e Saber Popular, procurando sintetizá-las em categorias. É um processo que requer muita atenção e minúcia para poder perceber os padrões de frases, comportamentos, ideias e acontecimentos que por ventura se repitam e se destaquem ao longo da análise.

Neste processo a categoria surge após o levantamento de um conjunto de subcategorias que foram sendo detectadas a partir das temáticas em destaque. É um processo lento, reflexivo, um verdadeiro garimpo e que nos fez mergulhar profundamente na pesquisa.

Após detectarmos as categorias, caminhamos para a sua interpretação a partir do recorte teórico feito neste trabalho. Esta análise está apresentada no capítulo III desta dissertação.

No que diz respeito às questões éticas, ao realizar uma pesquisa no âmbito acadêmico, faz-se necessária, para a realização do trabalho de campo, a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

A resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde versa sobre o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Dessa forma, o CEP, que é um colegiado interdisciplinar formado por professores e professoras pesquisadores, fica responsável por zelar pela integridade dos sujeitos das pesquisas. Na UFPB o CEP encontra-se vinculado ao Centro de Ciências da Saúde e a Resolução nº 79/2013 do CONSEPE, Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu da UFPB legisla sobre o tema, garantindo a obrigatoriedade da submissão dos projetos de pesquisa ao Comitê de Ética da universidade através da Plataforma Brasil.

Esta pesquisa foi submetida ao CEP e encontra-se aprovada através do parecer nº 2.396.180 de 23 de novembro de 2017.

Ainda com relação a questões éticas da pesquisa, é fundamental garantir aos entrevistados a confidencialidade, a liberdade de responder ou não as questões, não constranger o entrevistado em hipótese alguma. No caso da observação, se esta não for oculta,

é imprescindível que o pesquisador ou pesquisadora tenha o consentimento do grupo para realizar seu trabalho, sempre com muita responsabilidade.

1.5 – O ESPAÇO E OS SUJEITOS QUE COMPÕEM A PESQUISA EM DIÁLOGO

É impossível apresentar o Tecelendo, enquanto lócus da pesquisa, sem antes falar um pouco sobre a cidade de Amargosa e o surgimento e ingresso da UFRB em seu território. Amargosa está localizada a 232 quilômetros de Salvador, capital do estado da Bahia, segundo o IBGE no último censo de 2010 possuía 34.351 habitantes distribuídos entre a sede e as comunidades rurais de seu entorno, porém o próprio IBGE estima que em 2017 o número de habitantes chega a 38.259.

Está localizada entre Mesorregião do Centro Sul e Microrregião de Jequié, faz parte do território do Vale do Jiquiriçá, porém, por estar em uma área de transição apresenta fortes características culturais do Recôncavo Baiano⁴.

A Bahia em sua constituição histórica, traz como população original os índios Tupis, os Jê e os Kariri. Os Tupis se localizavam nas regiões litorâneas e os Jê e Kariri encontravam-se em regiões interioranas. A partir da chegada dos portugueses e início do período colonial, acontece a doação das sesmarias com o objetivo de povoar a colônia e impulsionar a economia através do cultivo da cana de açúcar.

É através deste processo que populações indígenas inteiras são dizimadas, para dar lugar as monoculturas de fumo, mandioca, cana e a criação de gado. O grande crescimento das lavouras canavieiras e fumageiras atraiu aventureiros que vinham em busca de riquezas como as minas de ouro e prata, aumentando significativamente o conflito com índios e

⁴ O termo recôncavo, originalmente usado para designar o conjunto de terras em torno de qualquer baía, se associou, no Brasil, desde os primórdios da colonização, à região que forma um arco em torno da Baía de Todos-os-Santos. Essa região se caracteriza não apenas pelas suas incríveis variáveis físico-naturais, mas, sobretudo, por sua história e dinâmica sociocultural. (NACIF, 2010)

Atualmente a região do Recôncavo Baiano ou Recôncavo da Bahia compreende uma área formada por 20 municípios do Estado da Bahia e está localizada a 100 quilômetros da capital Salvador, o principal rio da região é o Paraguaçu, o clima é semiárido e as temperaturas variam entre 32° C e 14° C. Importante destacar que foi um importante complexo canavieiro à época do Brasil Colônia, além da produção de gêneros alimentícios, madeiras e fumo, para tanto, os colonizadores portugueses dizimaram os povos originários desta região, transformando o Recôncavo em um dos principais destinos da diáspora africana. Culturalmente a região tem uma forte influência da cultura africana, até o ano de 2015, de acordo com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPRONI, o estado já tinha mapeado mais de 400 terreiros de candomblé. No município de Cachoeira existe ainda hoje a Irmandade da Boa Morte, manifestação cultural que revela o sincretismo religioso da região, pois que une cultos católicos e das religiões afro-brasileiras. O Recôncavo é conhecido também por ser o berço do samba de roda, as primeiras manifestações do gênero musical datam de 1860. O Samba de Roda no Recôncavo Baiano foi inscrito do Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2004 e em 2005 foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade. Fonte: IPHAN

intensificando a matança dos povos nativos. Inclusive sob o aval do governo da província Antonio Teles da Silva que declarou o conflito como uma “Guerra Justa” e assim proporcionando o extermínio dos Kariris-Sabujás.

O território onde hoje se localiza o município de Amargosa era originalmente dominado pelos índios Kariris de língua Karamuru e Sapuyá, eles eram descendentes dos Sabujas. Segundo os estudos de Jorge Couto (1998) compreendemos que o legado cultural deixado pelos índios é enorme e está ligado a língua, vida e estrutura social, atividades agrícolas, caça, pesca, alimentação, habitação, organização política e o sistema de crenças.

Porém, também percebemos que não somente a existência física dos índios foi aniquilada, mas há um silenciamento sobre as contribuições deixadas por eles, mesmo que em algumas regiões elas sejam mais visíveis, ainda é como se os índios não tivessem existido e contribuído imensamente para a formação daquele território.

Outro aporte cultural presente na cidade de Amargosa é o europeu,

A imigração e colonização europeia no final do século XIX, seja ela italiana, portuguesa ou espanhola, está presente na cultura de Amargosa e nas construções ainda existentes feitas por aqueles que se estabeleceram na cidade. A maioria entrou no comércio, com os armazéns de secos e molhados e empórios, na exportação e importação e na área rural, com plantio de café e fumo. (SANTOS, 2015, p. 70)

Além de indígenas e europeus, existe também a contribuição cultural dos negros africanos, que foram trazidos ao Brasil por meio da escravidão para o trabalho forçado nos cultivos de cana de açúcar e café,

[...] Os primeiros escravos trazidos para o Brasil faziam parte de diversos grupos étnicos, oriundos, principalmente, da costa ocidental da África. Estes vieram do Senegal e de Serra Leoa diretamente para os canaviais de Pernambuco e da Bahia. Esses negros juntaram-se aos negros bantos no século XVI, trazidos para o Nordeste do Brasil para viabilizar a exploração de cana de açúcar e a criação de gado. [...] as últimas etnias que chegaram foram do grupo jêje, da língua fon, também conhecidos como ewês, e os nagôs. Devido ao declínio das lavras de mineração, a maioria desses negros ficou na Bahia. (Idem)

As contribuições desse povo estão presentes em vários âmbitos da cultura amargosense, na alimentação, na língua, na resistência, na atividade de produção dos pequenos agricultores, na religiosidade, nos ritmos musicais entre tantas outras coisas.

Amargosa tornou-se município a partir de sessão solene realizada no dia 02 de julho de 1891, consumando o ato de sua criação com a data de 19 de junho de 1891. Foi uma cidade muito próspera por conta dos cultivos de fumo e café e pelo escoamento da produção ser feito através da ferrovia que interligava Amargosa a cidade portuária de Nazaré das Farinhas.

Viveu seu apogeu comercial no início do século XX, período no qual foram “instaladas indústrias, hotéis, teatros, chegando a ser conhecida como a “pequena São Paulo”. O período de declínio veio a partir das exigências do Instituto Brasileiro de Café – IBC, as quais Amargosa não tinha tecnologia suficiente para atender. Importante salientar que o poder público de âmbito familiar, em que se revezaram duas famílias no poder por um período de aproximadamente 100 anos, não contribuiu para que os governantes da época encontrassem uma saída para os problemas da região. (SANTOS, 2015)

Além disso, a inativação da estrada de ferro, as pragas nas lavouras de café e sua substituição pela pecuária, a introdução do capim braquiária nos campos e pastos em detrimento da vegetação nativa, provocando um desmatamento desenfreado e a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, levaram Amargosa a uma profunda crise e depressão econômica e social. Ainda hoje alguns moradores da cidade dizem que ela é “a cidade do já teve”.

Sou filha de Amargosa, porém como disse anteriormente, fui criada em São Paulo e só retornei para a cidade em 2006. Ao retornar pude perceber a imensa desigualdade social instalada no município, na sede existem alguns bairros periféricos extremamente carentes, esquecidos pelo poder público. As comunidades rurais também vivem esse esquecimento, em consequência disto houve a instalação de facções criminosas voltadas para o tráfico de drogas que vêm dominando alguns bairros e algumas comunidades, trazendo consigo um aumento significativo de assaltos à mão armada, de viciados, de moradores de rua e da violência em geral.

Como pudemos ver, Amargosa viveu um momento de apogeu na época da ferrovia e da exportação de café e fumo. “Existem casas com torneiras banhadas a ouro!”, contaram alguns estudantes no “Tecerendo”. Resquícios do apogeu. Resquícios também de um cinema, de clubes da elite e dos famosos bailes de época. Hoje a vida cultural se apresenta reduzida às Igrejas, à feira de sábado, ao feijão da madrugada, a uns poucos shows de arrocha (e outras “sofrências”) promovidos pelo “Joquinha”, ao baba no fim de semana, à roça, ao tão esperado São João e aos bares, bares e bares que se multiplicam no centro da cidade e nas comunidades. (SANTOS, 2015, p. 74)

Professora Andreia Barbosa dos Santos fez essa descrição em 2015 e é impressionante como ela ainda reflete o que acontece no município na atualidade. Segundo números do IBGE em 2016 cerca de 9,2% do total da população da cidade possuía uma ocupação, esse percentual contabilizava aproximadamente 3.506 habitantes e desse total 46,7% tem rendimento mensal de até meio salário mínimo.

Dentro dessa conjuntura que em 29 de julho de 2005 é criada a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB através da Lei 11.151 e a partir do desmembramento da

Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, sediada no município de Cruz das Almas – BA. Seu principal objetivo “promover o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de cidadãos com visão técnica, científica e humanística, propiciando valorizar as referências das culturas locais e dos aspectos específicos e essenciais do ambiente físico e antrópico”, de acordo com seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, 2010-2014.

A UFRB apresenta uma estrutura multicampi, tendo sua sede na cidade de Cruz das Almas onde comporta o Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC). A cidade de Santo Antônio de Jesus é onde se localiza o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Na cidade de Amargosa está localizado o Centro de Formação de Professores (CFP), na cidade de Cachoeira está o Centro de Artes, Humanidade e Letras (CAHL). Em 2013 foram abertos mais dois campi, na cidade de Santo Amaro da Purificação o Centro de Cultura, Linguagem e Tecnologias Aplicadas (CECULT) e na cidade de Feira de Santana o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS).

A UFRB é fruto do processo de interiorização do ensino a partir do REUNI. Segundo SANTOS,

A interiorização do ensino não é ação nova dentro do contexto brasileiro. Historicamente, esse processo está marcado por um aspecto predominantemente mercadológico e que foi assumido pioneiramente pelo setor privado por reconhecer o grande potencial de clientes fora dos grandes centros. (2015, p. 79)

A autora lança mão de questões sobre o tipo de universidade que está sendo construída a partir dessa interiorização do ensino superior. São “Escolões no formato de Centros de Ensino? Ou está servindo à implantação de fato de Universidades fora dos grandes centros urbanos?” (Idem)

É dentro desse contexto que em 2008 surge o Tecelendo. É importante destacar que o Tecelendo é a concretização de anos de estudos na extensão e na pesquisa dentro da área da Educação de Jovens Adultos e Idosos e da Educação Popular. Nessa caminhada, dois trabalhos foram fundamentais para o surgimento do Tecelendo: “A investigação sobre a constituição ideológica de adultos em processo de alfabetização” desenvolvido na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em nível de graduação, entre os anos de 1998 e 2000 e “Como os sujeitos que vivenciaram o processo de alfabetização de adultos representam sua nova identidade: reflexões acerca dos elementos que constituem a transição do deixar de ser analfabeto para ser alfabetizado”, defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal

de Pelotas (UFPel) no ano de 2004. Os dois trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos pela professora Andreia Barbosa dos Santos e deram subsídios para a criação do Tecelendo.

O Tecelendo está pautado na Educação Popular como teoria de educação e alicerçado no trabalho enquanto princípio educativo, emprega a tecelagem como possibilidade de geração de renda e de situações que desafiem e permitam aos educandos interiorizar seus aprendizados de leitura e de escrita, de tal maneira que eles possam atuar de forma crítica na sociedade. O trabalho do Programa tem como centralidade metodológica a ação, reflexão, ação e como referenciais teóricos os estudos L.S. Vigotsky, bem como, os estudos de Paulo Freire e Myles Horton, Edgar Morin, Jorge Larrosa Bondía, Magda Soares, Slavoj Žižek, Carlos Rodrigues Brandão, José de Souza Martins e João Francisco de Souza. (PROEXT-MecSesu, 2015)

Entre os anos de 2009 e 2010, é importante destacar de que forma se configurou o perfil das turmas, dado que era uma das especificidades do projeto. Os trabalhos no Tecelendo foram iniciados após reunião realizada com a comunidade, na qual foram feitas as matrículas dos primeiros alunos, formando uma turma no período da tarde e outra no período da noite. Logo em seguida, foi realizada outra reunião com a Comunidade Rural Três Lagoas, momento em que foi formada outra turma, esta na própria comunidade. Pouco mais tarde, após contatos com o CAPS (Centro de Apoio Psicossocial de Amargosa), foi estabelecida parceria com a referida instituição e mais uma turma se formou, essa com usuários do CAPS.

O Tecelendo é um espaço não escolar, portanto, não trabalha como uma escola que é um ambiente formal de ensino com conteúdos pré-estabelecidos e bem demarcados, mas também não pode ser confundido com um ambiente informal no qual se aprende através do processo de socialização, como por exemplo, a família, o bairro, o clube, etc. O programa trabalha com a “vida”, em processos nos quais as experiências são compartilhadas e todos possam aprender no coletivo, na troca de vivências e principalmente juntos.

Com relação a sua estrutura física, atualmente o Tecelendo está localizado em uma casa no centro de Amargosa, na Rua Benedito Almeida número 293. A casa é composta por quatro salas, uma cozinha, dois banheiros, três quartos, um depósito, uma garagem, varanda lateral e frontal e dois pequenos jardins. Uma das salas é utilizada como escritório, outra foi designada para sala de vídeo e biblioteca com livros, filmes, tv, dvd, é um espaço adaptado para leituras e escritas variadas e nas outras acontecem as demais atividades, como por exemplo, as diversas oficinas, as reuniões, entre outras atividades.

Ainda com relação à estrutura, o projeto possui alguns recursos tecnológicos, entre eles nove teares de pente-lço, dois teares mineiros, cinco teares de pregos, um tear sisal, dois

teares chilenos, duas urdideiras, doze notebooks, três impressoras, três datashow, três telas de projeção, quatro caixas amplificas de som, três câmeras fotográficas, três máquinas de costura, seis armários, dezesseis cadeiras giratórias, quatro mesas brancas, vinte e cinco cadeiras brancas, duas lousas, produtos de tecelagem confeccionados pelos educandos e educadores, livros, dois aparelhos de dvd, uma televisão, duas geladeiras, um fogão, jogos, dois microsistem e oito gravadores de som.

Os sujeitos da pesquisa são os educadores do Programa de Extensão Tecelendo atuantes no grupo durante o ano de 2018. Atualmente o Tecelendo conta com dezessete educadores, ressaltando que neste grupo encontram-se inseridos estudantes dos diversos cursos de licenciatura do Centro de Formação de Professores – CFP, bem como pessoas da comunidade que não estão vinculadas à universidade como discentes. Aqueles que não são licenciandos, ingressaram no Tecelendo como estudantes e com o passar dos anos se tornaram educadores no programa.

Optei por estabelecer diálogo com todos os educadores que estão inseridos neste grupo de 2018, destacando que alguns fazem parte do grupo desde o ano de 2011. Dessa forma são dezessete no total, Ayodele que ingressou no grupo no ano de 2011, Tauane integrante desde 2013, Eunice e Dayo desde 2015, Kauane e Titilayo fazem parte desde 2016 e Queren, Kayode, Séfora, Potira, Nina, Kayin, Vasti, Aiya, Ekundayo e Yarin que fazem parte do grupo desde 2017.

Ressaltamos que os nomes das educadoras e dos educadores são fictícios, foram pensados a partir do tema central deste trabalho de investigação a Espiritualidade, o qual abarca também a diversidade religiosa no nosso país. Neste sentido, procurei escolher nomes indígenas, nomes em yorubá e nomes bíblicos, representando as principais matrizes étnicas, culturais e sociais que nos compõem enquanto povo brasileiro.

É importante destacar aqui que segundo sugestão da banca de qualificação, cheguei a pensar em apresentar as educadoras e educadores tirando-os do anonimato e destacando seu protagonismo no processo educativo do Tecelendo, porém em reunião com a coordenação do Programa, a mesma gentilmente me solicitou que mantivesse o anonimato.

Apresentaremos de maneira mais precisa cada um dos sujeitos que fizeram parte deste diálogo no capítulo III deste trabalho. Esta apresentação propiciará ao leitor conhecer um pouco mais de cada sujeito da pesquisa e perceber o quanto eles são fundamentais para a realização deste trabalho investigativo.

Acreditamos na importância de salientar alguns Trabalhos de Conclusão de Curso realizados por educadoras que atuaram e ainda atuam no Tecelendo, pois estes apresentam

reflexões significativas para a caminhada do programa e para a construção de outras investigações como esta.

O trabalho intitulado “Tecelendo: Sujeitos Tecendo Caminhos de sua Alfabetização em uma perspectiva política”, foi realizado por Daniela de Souza Sales (2012) e teve como objetivo analisar o processo de alfabetização do Tecelendo. Suas conclusões apontaram, naquele momento, para uma alfabetização para além dos processos de aquisição mecânica da língua e com uma marcante perspectiva política.

Simara Santana Guedes (2012) realizou o trabalho intitulado “O Trabalho Educacional Desenvolvido no Projeto de Extensão Tecelendo da UFRB na Turma Família Feliz nos anos de 2009 e 2010”. Seu objetivo central versava sobre compreender se “as atividades propostas nesta turma favoreciam aos Jovens, Adultos e Idosos a verbalizarem sobre as questões da realidade social dando sentido às suas experiências”. Suas conclusões apontaram que o processo de alfabetização entrelaçado com o trabalho de tecelagem como princípio educativo, possibilitou o desenvolvimento da criatividade dos sujeitos envolvidos nessa teia.

O trabalho realizado por Suelândia Moreira Franco (2013) intitulado “Currículo e EJA um diálogo necessário: Um estudo da proposta curricular do projeto Tecelendo”, objetivava analisar a proposta curricular de alfabetização do Tecelendo procurando perceber como esta dialogava com as perspectivas dos educandos adultos e idosos. Suas conclusões apresentaram a presença de um currículo oculto no Tecelendo e com relação aos sujeitos a ânsia por aprender a arte da tecelagem e o desejo de socialização.

Thaís Costa de Freitas (2014) realizou o trabalho intitulado “Evasão na Educação de Adultos no Tecelendo: circunstâncias e consequências de um processo contraditório”, que tinha como objetivo central compreender os principais motivadores da evasão no processo de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos no Tecelendo. Os resultados apresentados neste trabalho apontaram que a evasão no programa se deu especificamente por dificuldades financeiras, relações interpessoais, problemas de saúde e “estranhamento” das metodologias trabalhadas por elas não se aproximarem do modelo da escola tradicional.

Tese de doutoramento da professora Andreia Barbosa dos Santos (2015) intitulada “Contribuições da Extensão Popular na educação de educadores: experiência, alteridade e diálogo”. O objetivo do trabalho era “lançar olhares sobre a Extensão Popular e suas contribuições no processo de educação de educadores”. Os resultados indicaram a contribuição da Extensão Popular na construção de conhecimento a partir da experiência, além de movimentos de aprendizado em torno da alteridade e do diálogo.

Liziane de Almeida dos Santos (2017) realizou o trabalho intitulado “Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos no Programa de Extensão Tecelendo/UFRB: A Tecelagem enquanto elemento metodológico”. Este trabalho tinha como objetivo principal contribuir com os processos de alfabetização, letramento e formação de professores da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, na perspectiva da Educação Popular. Revelou que a Tecelagem desafia ações dos sujeitos na integração dos conhecimentos: o trabalho enquanto princípio educativo – “trabalho manual” e “trabalho intelectual” não podem ser separados – a educação e trabalho acontecem de corpo inteiro.

O trabalho intitulado “Programa de Extensão Tecelendo/UFRB: Práticas Pedagógicas e a Construção da Aprendizagem Crítica”, foi desenvolvido por Ariana Rosa Santos Silva. Teve como objetivo central investigar como as práticas pedagógicas das educadoras do Tecelendo no GEPE contribuíram na construção de uma aprendizagem crítica do contexto social dos educandos. A pesquisa indicou que a práxis pedagógica contribuiu com a aprendizagem crítica da história política do Brasil; humanização; organização social capitalista; respeito; poder da mídia; relação educador-educando; o despertar da sensibilidade dos sentidos do corpo e autoestima.

1.6 – A RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Ao longo dos anos muitos sujeitos e ações marcaram a história do Tecelendo, porém é possível vislumbrar indícios de elementos que nos conduzem na consolidação de uma proposta de trabalho contra hegemônica no que tange a formação de educadores. A Educação Popular dentro da Universidade vem desafiar essa instituição em seus pilares clássicos.

Tratar das contribuições da espiritualidade na formação de educadores é um grande desafio. Contudo as contribuições da Educação Popular no Brasil nos trazem a um importante debate no que tange a dimensão da espiritualidade nos processos de formação de professores.

Os trabalhos envolvendo a referida dimensão têm sido ao longo dos séculos relegados em detrimento de um modelo newtoniano - cartesiano de ciência. Eymard Vasconcelos (2009) trata dessa questão no campo da saúde, trazendo contribuições relevantes para o debate:

(...) a visão dualista inerente ao paradigma newtoniano e cartesiano de ciência, que separa o mundo da matéria do mundo do espírito, tornou ilegítima a consideração das dimensões religiosas da vida humana na investigação da gênese das doenças e na busca de medidas terapêuticas. Por causa da suspeita do modelo newtoniano-cartesiano de ciência em relação à religião, profissionais, professores e pesquisadores do setor de saúde se envergonham de trazer, para o debate científico e para a discussão aberta nos

espaços de formação dos recursos humanos em saúde, os saberes e vivências religiosas tão importantes em suas vidas privadas. (p. 324)

Vasconcelos defende ainda

[...] a força da espiritualidade como instrumento de promoção da saúde, na medida em que lida com as dimensões pouco conscientes do ser em que se assentam os valores, motivações profundas e sentidos últimos da existência individual e coletiva. Os portadores de doenças graves vivem crises subjetivas intensas e mergulham com profundidade em dimensões inconscientes da subjetividade. É nessa elaboração subjetiva profunda que são construídos novos sentidos e significados para suas vidas, capazes de mobilizá-los na difícil tarefa de reorganização do viver exigida para a conquista da saúde. Há uma milenar tradição do uso da espiritualidade no enfrentamento dos problemas de saúde que pode ser resgatada, mas que necessita ser atualizada para as atuais características da sociedade. (p. 325)

Ao longo dos anos, a partir do trabalho no Programa de Extensão Tecelendo vimos observando elementos próximos ao indicado, porém envolvendo os processos de formação de educadores.

A Educação Popular traz em sua história uma intrínseca ligação ao campo religioso tendo em vista a origem cristã de muitos de seus pioneiros e também pela ligação de suas práticas com as pastorais das igrejas. “No entanto, a produção acadêmica sobre Educação Popular, refletindo o dualismo da ciência, tendeu a ver a associação com o religioso como circunstancial”. (VASCONCELOS 2009, p. 328). Concordamos com Vasconcelos a religiosidade

(...) como a forma mais utilizada pela população para expressar e elaborar a integração das dimensões racional, emocional, sensitiva e intuitiva, ou seja, a articulação de dimensões conscientes e inconscientes de sua subjetividade e do imaginário coletivo, a reiterada presença do discurso religioso nas práticas da Educação Popular pode estar significando em uma característica epistemológica central. (2009, p. 328)

O Centro de Formação de Professores – CFP, campus da UFRB, está localizado na cidade de Amargosa, uma cidade basicamente rural que traz em sua constituição histórica uma forte tradição religiosa cristã. Desta mesma origem, faz parte a grande maioria dos estudantes de graduação que ingressam nos cursos de licenciatura do CFP/UFRB. Ao ingressarem na licenciatura e ao mundo acadêmico se deparam com o paradigma newtoniano-cartesiano de ciência, apresentado por Vasconcelos, este por sua vez nega seus valores, suas crenças e suas origens, estabelecendo quais conhecimentos são válidos.

No Tecelendo, desde o início de seus trabalhos com a Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, temos percebido o conflito trazido pelos educadores em processo de formação, com relação ao seu ingresso no mundo acadêmico e a vida cotidiana em suas comunidades rurais e urbanas no que diz respeito à espiritualidade.

A sua cultura e suas tradições são praticamente descartadas e ao se afiliar ao universo acadêmico, os futuros professores e professoras não se sentem confortáveis em recorrer aos saberes tradicionalmente construídos em suas comunidades e que poderiam contribuir sobremaneira no seu trabalho pedagógico. Destacamos aqui um elemento importante trazido ainda por Vasconcelos: o diálogo.

O diálogo valorizado pela Educação Popular não se refere apenas à dimensão do conhecimento e dos afetos e sensações conscientes, mas também às dimensões inconscientes presentes nas relações sociais que são expressas, consideradas e elaboradas por meio das metáforas das histórias míticas e dos símbolos da liturgia. (2009, p. 328)

Neste sentido, podemos dizer que ao longo dos seus anos de atuação, um dos princípios fundamentais do Tecelendo é o diálogo, em todas as atividades realizadas há espaço para a socialização de como todos (educadores e educandos) se sentiram durante a atividade. Não é um trabalho simples, a grande maioria das pessoas se encontram silenciadas, não têm o hábito de emitir suas opiniões, de dizerem as suas palavras. Mas com a prática constante, aos poucos as barreiras vão caindo. Segundo Paulo Freire

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidiálogicidade da concepção “bancária” da educação. (2005, p. 94)

De acordo com João Francisco de Souza “o cerne do pensamento de Paulo Freire: as probabilidades que podem ter os processos educativos de contribuir com a construção da humanidade do ser humano(...)” (2007, p. 117). Dessa forma, como podemos passar por um processo de formação de educadoras e educadores que nos nega o diálogo com nossas vidas?

Nessa perspectiva compreendemos a importância do presente projeto de pesquisa, na medida em que buscará as contribuições dos saberes populares no que tange a dimensão da espiritualidade em um processo de Formação de Professores. Essa sistematização nos possibilitará fortalecer de maneira consciente elementos que são violentamente silenciados em um modelo de formação acadêmica clássica. Este projeto de pesquisa busca contribuir com elementos que fortaleçam os sujeitos que estão adentrando em Universidades no interior do país. Estas instituições possuem peculiaridades que precisam ser levadas em conta.

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO POPULAR E ESPIRITUALIDADE

Este capítulo tem por objetivo apresentar os caminhos que estão sendo percorridos no âmbito da investigação, expondo o desenho teórico-metodológico da pesquisa. Neste percurso me coloco enquanto sujeito, bem como pesquisadora em formação, procurando entrelaçar as dimensões pessoal e acadêmica que compõem minha vida.

As reflexões teóricas aqui apresentadas abordam a refundamentação e ressignificação da Educação Popular ao longo de sua caminhada, bem como os caminhos de construção do conceito de espiritualidade, conceito este que ainda se encontra em aberto, que aponta para possibilidades de um caminho em conjunto com a Educação Popular.

Não há possibilidade pensar a Educação Popular desconectada dos movimentos de luta popular, movimentos esses de onde ela se origina. Carlos Rodrigues Brandão no livro “O que é Educação Popular?” apresenta três importantes aspectos da educação popular,

[...] 1) a educação popular é, em si mesma, um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como um instrumento de conscientização etc.; 2) a educação popular realiza-se como um trabalho pedagógico de convergência entre educadores e movimentos populares, detendo estes últimos a razão da prática e, os primeiros, uma prática de serviço, sem sentido em si mesma; 3) a educação popular é aquela que o próprio povo realiza, quando pensa o seu trabalho político — em qualquer nível ou modo em que ele seja realizado, de um grupo de mulheres a uma frente armada de luta — e constrói o seu próprio conhecimento. (2012, p. 101)

A educação popular se contrapõe a educação tradicional “bancária”, imposta “por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 10). Propõe a “transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista do trabalho de classe das classes populares”. (BRANDÃO, 2012, p. 98).

Historicamente a educação popular surge, no Brasil, entre as décadas de 1950/1960, mais precisamente fim da década de 1950 e especialmente no Nordeste brasileiro, tendo como destaque o estado de Pernambuco que à época enfrentava uma profunda crise e se configurava como o estado nordestino mais dinâmico, vivendo “uma intensa mobilização dos setores populares (operários, camponeses, assalariados rurais, moradores das periferias urbanas) que despertaram para seus direitos e os reivindicam de forma organizada.” (SOUZA, 2007, p. 84)

O que significa dizer que neste período vários movimentos de educação e cultura popular emergiram, dentre eles podemos destacar: o MCP (Movimento de Cultura Popular); o FPS (Fundação da Promoção Social); o SEC (Serviço de Extensão Cultural); o Movimento de Sindicalização Rural através do SORPE (Serviço de Orientação Rural de Pernambuco); as

Ligas Camponesas, todos esses iniciados no Estado de Pernambuco, mas temos ainda: o MEB (Movimento de Educação de Base) ligado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); os CPCs (Centros Populares de Cultura) ligado à UNE (União Nacional dos Estudantes); a CEPLAR (Campanha de Educação Popular) e o De Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Segundo João Francisco de Souza os movimentos sociais, especialmente os movimentos sociais populares,

são entendidos como forças sociais, e correntes de opiniões e proposições sobre/para o conjunto social que, atuando nos mais diferentes âmbitos das problemáticas humanas, geram processos de transformação social e garantem sua autonomia em relação ao Estado e aos Partidos, pela orientação social de sua ação que incide sobre as mentalidades e as práticas cotidianas. Esse tipo de ação não tem como característica a mobilização permanente. Pode ocorrer de maneira relativamente pontual, mas com certa duração para gerar posicionamentos sociais sobre a incidência de sua prática. (SOUZA, 2007, p.53)

Ainda de acordo com o autor, esses movimentos são caracterizados pela luta de classes e pela disputa ideológica para obter o controle da educação, pois neste período a educação se transforma em uma atividade concreta e efetiva dos diversos grupos representantes das classes sociais, em conflito, que aspiravam à hegemonia.

Não que em momentos anteriores não tenham sido desenvolvidas atividades educacionais, mas o que chama a atenção é que, nesse momento, há uma mudança de qualidade nas práticas educativas levadas a efeito pelo envolvimento das camadas da classe popular como parceiros do processo e não apenas “beneficiários” (SOUZA, 2004, p. 30 apud SOUZA, 2007, p. 89)

Nesse momento, irrompem os questionamentos sobre o poder da classe proprietária dominante, que impunha uma educação conservadora, na perspectiva de uma sociedade elitista, onde a realidade de vida dos estudantes era completamente desvinculada do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, Paulo Freire a partir de sua proposta pedagógica, conceitua a educação popular como uma prática educativa libertadora, socialmente comprometida com a conscientização e emancipação dos oprimidos.

Toda essa efervescência do final da década de 1950 e início da década de 1960 é barrada pela instauração do golpe militar de 1964, marcado pela imposição de um governo opressor e autoritário, que se caracterizava pela eliminação do estado democrático de direito em conjunto com uma dura repressão, através da qual só o MEB não foi extinto, por conta de seu vínculo com a Igreja Católica, mas foi preciso readequar seu trabalho educacional às exigências do governo militar.

Somente na década de 1980 é que o regime militar chega ao fim, reestabelecendo-se a democracia no Brasil e trazendo com ela a promulgação de uma nova Constituição Brasileira em 1988 que estabelece a educação como um direito do cidadão e dever do Estado, porém para que o ensino seja desenvolvido em todos os níveis, recomenda a integração do poder público para que se possa promover ações conjuntas em suas instituições.

Mesmo com o fim da ditadura militar, os movimentos sociais continuam sendo invisibilizados e criminalizados, os meios de comunicação de massa, por exemplo, apresentavam os movimentos sociais como uma ameaça para a sociedade. Não possível entender esse posicionamento sem compreender o papel do Estado em uma sociedade capitalista, Maria Socorro Xavier Batista afirma que “O Estado na sociedade capitalista não representa os interesses gerais da sociedade, mas tendencialmente atende aos interesses das classes que detém o poder econômico[...]”, portanto um Estado de classe. (BATISTA, 2011, p. 46)

Na compreensão de Marx e Engels (2008, p. 98) a perspectiva classista do Estado na sociedade capitalista coloca-o na posição de “garantir mutuamente a sua propriedade e os seus interesses, tanto no exterior como interiormente”. Entretanto, ao nível da ideologia, o Estado se apresenta como se estivesse acima dos interesses de classes, representando o bem comum, como defendia a teoria liberal do Estado, escamoteando a essência das contradições de classe, como argumentam Marx; Engels (1989, p. 48), “é justamente desta contradição entre interesse particular e interesse coletivo que o interesse coletivo toma, na qualidade de Estado, uma forma autônoma, separada dos reais interesses particulares e gerais[...]”. Assim, o interesse particular de uma classe aparece como se fosse universal. (Idem)

É nessa perspectiva de conflitos entre os interesses das classes que se origina um dos maiores movimentos de luta social da atualidade, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST na região centro-sul do Brasil e em seguida ampliando-se por todo o país. Foi no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra em 1984 que o MST assegurou seus objetivos de lutar pela terra, pela reforma agrária com um novo modelo agrícola e, principalmente, por transformações estruturais na sociedade brasileira na perspectiva de um projeto de desenvolvimento nacional com justiça social. No entanto, ainda segundo Batista,

[...] se analisarmos o Estado pelo viés da dialética, observa-se que embora tendencialmente ele atue na garantia da reprodução ampliada do capital através dos Aparelhos Repressivos e Ideológicos (ALTHUSSER, 1985), em meio ao conflito entre capital e trabalho o Estado assume o papel mediador tentando dirimir ou atenuar as tensões da luta de classes, cabe a ele atender os direitos sociais e as demandas pelas políticas sociais e este o faz na medida do poder de pressão das classes sociais denotando a conflituosidade e a dialética da luta de classes em cada contexto histórico. Para conquistar seus direitos e ter suas demandas atendidas os movimentos sociais além de organizar a mobilização dos sujeitos demandantes das políticas tem que

estabelecer processos de negociação direta com o Estado e os governos. (BATISTA, 2011, p. 47)

Aí está uma das grandes lutas dos movimentos sociais na atualidade, não que sejam diferentes das lutas travadas no passado pelos movimentos de cultura popular, porém depois de vinte anos de uma ditadura militar cruel em sua repressão, que estagnou o país, a luta torna-se ainda mais difícil. A cada ocupação do MST o Estado lança mão da mídia (aparelho ideológico) e da força policial (aparelho repressor), na perspectiva de defender o interesse da classe “universal”.

Considerando a Educação Popular em seu contínuo processo de reinvenção, ou melhor movimento constante, é neste momento de abertura entre as décadas de 1980 e 1990 que surgem críticas contundentes à EP, que passa a ser considerada como ultrapassada para o povo na conjuntura emergente. Intelectuais e autocríticos deste paradigma educacional iniciaram um processo de reflexão sobre as mudanças em curso a nível mundial e este período ficou conhecido como de refundamentação e vigência da EP, trazendo consigo uma grande questão enunciativa: qual o papel, a vigência e a contribuição da Educação Popular para os cenários em mudanças no mundo, mas sobretudo, na América Latina e Caribe? (SILVA, 2011)

Segundo Eduardo Jorge Lopes da Silva (2011),

[...] na América Latina e Caribe a superação da segregação entre brancos e mais etnias ainda é um desafio presente, e enuncia um continente que ainda distingue socialmente sua população segundo a origem etnicorracial ou segundo a herança do branco europeu colonizador. As injustiças sofridas pelas vítimas de discriminação racial e outras formas correlatas de intolerância são bem conhecidas em nossa sociedade, como: possibilidades limitadas de acesso ao emprego, segregação e pobreza. [...] (p. 125)

Dessa forma, a partir dos anos 2000 são intensificadas as discussões em torno da refundamentação da Educação Popular. A insatisfação com seus pressupostos e conteúdos na conjuntura sócio histórica e política, que se mostrava em transformação naquele momento, na América Latina e no mundo, levou estudiosos e militantes a fortalecer a reflexão por uma refundamentação da EP que acompanhasse as mudanças e novos tempos.

Segundo Souza (2006, p. 241),

A questão da vigência da Educação Popular para a pós-modernidade/mundo implica uma reflexão sobre os desafios do contexto atual em termos político-pedagógicos, bem como um olhar para o que tem sido a Educação Popular nos últimos cinquenta anos de sua reinvenção enquanto uma proposta pedagógica idônea para contribuir com a construção de respostas aos requerimentos históricos-sociais da América Latina [...].

A Educação Popular, nesses marcos e no da Educação para Todos, com o qual não devemos concorrer e sim colaborar, mas não abdicar de que por outros caminhos temos acumulado a nossa experiência, insere-se no interior

das relações de poder na luta pela construção do poder dos setores populares da América Latina a partir das condições históricas concretas ou das representações que delas tínhamos e temos construído na busca da criação das condições necessárias ao desenvolvimento da humanidade do ser humano em nossa região.

A partir dos pontos apresentados por Souza percebemos que não seria possível repensar a Educação Popular sem partir de sua trajetória histórica, considerando que esse é um dos seus princípios mais relevantes, posto que ela traz em sua gênese a realidade concreta dos grupos sociais e seus sujeitos. É através da revisitação ao acumulado histórico da EP que aparecem dimensões importantes como rebeldia e radicalidade, fundamentais no processo de fortalecimento de práticas subversivas, na perspectiva de resistência ao modelo socioeconômico imposto pelo capital.

Neste sentido, é em países latino-americanos e caribenhos, com suas fragilidades econômicas e sociais, marcados pela precariedade em educação, saúde e habitação, que a EP conquista evidência “como uma possibilidade político pedagógica, capaz de reconstruir novos horizontes de vida e abrir as possibilidades para projetos alternativos de mudanças e de novas utopias, considerando as demandas dos novos sujeitos sociais”. (SILVA, 2011, p. 137)

Importante destacar aqui que a partir das reflexões sobre a refundamentação e vigência da Educação Popular,

[...] a concepção de EP apresenta a marca dos seguintes enunciados: a conceituação do signo Educação Popular em suas diferentes faces ou vertentes; a superação das antigas lentes de leitura de mundo; paradigma alternativo frente à lógica do capitalismo global; sua opção pelas classes populares e a valorização de todos os seres humanos; a marca da influência das ideias freireanas; e a valorização de sua experiência acumulada [...] (SILVA, 2011, p. 139)

Dessa forma, mesmo perante aos novos desafios impostos pelo século XXI a Educação Popular se depara com adversidades que não são novas em sua caminhada histórica, a luta de classes pela emancipação de homens e mulheres, a presença da exploração desde a sua face mais cruel, permanecem até este momento fazendo parte da utopia concreta nas ações e no discurso dos que têm o sonho de viver uma sociedade mais justa para todas e todos.

Nesta nova conjuntura, na qual está inserida a Educação Popular, emerge que

[...] o princípio de sua sustentação é o saber popular (o senso comum), construído através das experiências de vida dos homens. O senso comum é o ponto inicial para a aquisição do saber científico. Por conseguinte, a EP procura partir do concreto, do mundo dos sujeitos dos setores populares, tendo na relação dialógica sua base de construção e exercício da cidadania. Assim, a EP considera os sujeitos populares como protagonistas do seu próprio aprendizado, produtores de saberes e atores da sua emancipação, procurando valorizá-los enquanto seres humanos em sua

totalidade sócio-histórica e, nesse contexto, como produtores de conhecimento. (SILVA, 2011, p. 145)

Nesta perspectiva, concordamos com SOUZA (2007) no que diz respeito ao processo de ressocialização, que segundo ao autor pode contribuir para a humanização dos seres humanos, acreditando que através dele o homem retomará a consciência de si próprio, modificando sua forma de pensar e despertando a emoção, sentimento, sempre colocados pelo autor como qualidades humanas que estão adormecidas e que através da ressocialização poderá ressurgir de forma reinventada.

Os Processos de Ressocialização resultam de dois processos simultâneos: processos de reinvenção e de reconhecimento. A reconhecimento se realiza na reinvenção permanente que o ser humano está a cada momento desafiado a fazer de si mesmo; o que implica a construção de uma compreensão diferente do mundo, de nós mesmos, dos outros, da cultura e da existência. A reinvenção implica novas formas de nos emocionar e agir. Uma nova vontade. A reconhecimento e a reinvenção conformam, portanto, o processo mais amplo de ressocialização do sujeito humano na busca de sua humanização, ainda que muitas vezes aconteçam desumanizações (SOUZA, 2000). (apud SOUZA, 2007, p. 27)

Por este motivo é que somente a partir do saber popular, do que é construído e experienciado por homens e mulheres em sua realidade concreta, considerando-os protagonistas de sua própria história e de seu próprio aprendizado, além de produtores de conhecimento, que parte a construção do saber científico em Educação Popular.

Sendo assim, a trajetória da EP juntamente com seu processo de refundamentação e vigência, se apresenta como uma teoria educacional que traz em sua constituição concepções epistemológicas, metodológicas e éticas próprias.

O conhecimento construído sobre a EP, desde os anos de 1950, revela um saber que não deixou de levar em consideração questões como: o processo de conscientização e formação crítica de seus atores sociais; o olhar em favor das dimensões holísticas da realidade ecológica, da relação de gênero, da sexualidade, da afetividade e subjetividade; da inter/multi/transculturalidade, da relação do micro com o macro, do diálogo como dispositivo metodológico e educativo. Tal diálogo envolverá outros elementos metodológicos e pedagógicos tais como: participação democrática, pedagogia da escuta, libertação, emancipação, empoderamento e viabilidade de uma sociedade para todos e todas. (SILVA, 2011, p. 159-160)

Ainda nesta perspectiva, Vasconcelos chama a atenção para a forte presença da dimensão religiosa nas práticas de Educação Popular, atribuindo a essas práticas uma característica epistemológica não captada pelos pioneiros em sua sistematização teórica e também não suscitada em sua refundamentação e vigência,

Se entendermos a religiosidade como a forma mais utilizada pela população para expressar e elaborar a integração das dimensões racional, emocional,

sensitiva e intuitiva ou a articulação das dimensões conscientes e inconscientes de sua subjetividade e de seu imaginário coletivo, esta sua forte presença significa um avanço em seu método de perceber e tratar as interações entre educador e educando em relação ao pensamento sociológico e pedagógico, ainda preso ao paradigma modernista que continuava dominante no final do século XX. Significa que a centralidade do diálogo no método da Educação Popular não se referia, nas suas práticas pedagógicas, apenas à dimensão do conhecimento e dos afetos e sensações conscientes, mas também às dimensões simbólicas do inconsciente presentes nas relações sociais. (2008, p. 315-316)

A partir dos 1990, com as contribuições dos trabalhos de pesquisa em Educação Popular e Saúde, Victor Valla torna-se pioneiro nos estudos em Espiritualidade e Saúde a partir da Educação Popular. Seus estudos eram voltados para o pentecostalismo, os quais tinham como centralidade a busca pelo entendimento da religiosidade como experiência articuladora entre as práticas e relações das classes populares.

Atualmente existem pesquisas que entrelaçam educação popular, espiritualidade e saúde, nas quais, tem-se como alicerce os processos religiosos das classes populares e sua relação com a elaboração do entendimento de mundo no universo popular e a relação com a saúde, no que tange a doença e os processos de cura. Não encontramos até o momento pesquisas voltadas para espaços especificamente educativos envolvendo espiritualidade e educação popular, porém este é o desafio apresentado por este trabalho de pesquisa e do que trataremos a seguir.

2.1 ESPIRITUALIDADE: OS DIÁLOGOS JÁ EXISTENTES

O desenvolvimento deste trabalho caminha na perspectiva dos saberes populares voltados para a dimensão da espiritualidade do ser humano, sabendo a ligação intrínseca entre espiritualidade e religiosidade, partimos do princípio que espiritualidade está para além da religiosidade, buscando uma compreensão mais ampla do termo.

Acreditamos que o contato com a dimensão espiritual não acontece apenas através da religiosidade do ser humano, entendemos a importância das religiões, mas nossa compreensão perpassa a pluridimensionalidade do ser, na qual a dimensão espiritual está intrínseca à constituição do ser humano.

Ferdinand Röhr destaca que as pessoas ao serem questionadas sobre espiritualidade ou se declararem espiritualistas trazem em comum inúmeras tendências “que advogam para si a condição de espiritualistas” (2012, p.14). Porém, assim como pretendemos nesta pesquisa, o autor afirma que,

Em primeiro lugar, refletir sobre a espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano. Se admitirmos, inicialmente de forma provisória, que a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, não podemos vê-la de forma isolada, sem nexos com as dimensões “profanas”. Criar um distanciamento intransponível entre a espiritualidade e as demais dimensões – afirmamos com antecipação – gera um misticismo falso e nocivo à formação humana[...]. (RÖHR, 2012, p. 14)

Nesta perspectiva, para compor nossa concepção de espiritualidade, buscamos por trabalhos acadêmicos escritos nos últimos anos e que pudesse nos auxiliar na compreensão das discussões que vêm sendo realizadas sobre o tema. Durante a busca por teses e dissertações encontramos algumas que mais se aproximavam com o tema desta pesquisa, foram 15 trabalhos, entre os quais 03 (três) Teses e 12 (doze) dissertações que possuíam entre seus temas centrais a espiritualidade, como apresentado na tabela abaixo.

Quadro 1 – Teses e Dissertações sobre Espiritualidade

Título	Autor/Autora	Ano	Instituição	Abordagem
Pedagogia, Mística e Espiritualidade na configuração do pensamento de São João da Cruz (1542-1591)	Marcos Ayres Barboza	2007	Universidade Estadual de Maringá	Religiosa
PALPITAÇÕES INDIZÍVEIS: O lugar do Cuidado na formação de professores.	Marta Nörnberg	2008	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Educacional
Ciência e Espiritualidade: O que pensam Professores de Física da UFMT sobre a relação ciência e espiritualidade.	Albérico Cony Cavalcanti	2006	Universidade Federal do Mato Grosso	Educacional
Tornar-se Professor em uma Escola Confessional: Um estudo sobre a constituição indenitária na perspectiva da dimensão da espiritualidade.	Marili Moreira as Silva Vieira	2009	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Religiosa
Espiritualidade e Inteiraça do Ser: Um processo de autoformação na investigação científica.	Clarita Eveline Moraes Varela	2009	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Educacional
ARTE, EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: Possibilidades de vivências transdisciplinares pela leitura	Daniela Radel Bortoli Patrzykot	2009	Universidade do Oeste de Santa Catarina	Educacional

de imagem.				
Religiosidade Humana e Fazer Educativo	Marcos André Scussel	2007	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Religiosa
ESPIRITUALIDADE E PEDAGOGIA DO DESEJO: Um diálogo entre Paulo Freire e René Girard	Leandro de Proença Lopes	2008	Universidade Metodista de São Paulo	Educacional
ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: “O opressor ‘hospedado’ no oprimido” de Paulo Freire e a teoria do desejo mimético de René Girard	Adriana Soares	2008	Universidade Metodista de São Paulo	Educacional
FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: convergências com a espiritualidade a partir de vivências estantes na extensão.	Betânia Maria Vilas Boas Barreto	2013	Universidade Federal da Paraíba	Educacional
A prática da Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Um estudo de múltiplos casos na Região Metropolitana de Recife.	Tiago Franca Barreto	2012	Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Ciências Sociais Aplicadas	Ambiente de Trabalho
Espiritualidades e Bem-Estar espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife – PE à luz da Abordagem Integral/Interpessoal.	Laila Anine Cândida da Silva	2016	Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Educação	Educacional
A Espiritualidade na Perspectiva Transpessoal: contribuições para repensar o sujeito da educação.	Sidney Carlos Rocha da Silva	2015	Universidade Federal de Pernambuco – Centro de	Educacional

			Educação	
Espiritualidade, Intuição e Razão: Contribuições à formação humana no pensamento de Röhr e no Espiritismo.	Marcelo Gonçalves Santos	2016	Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Educação	Religiosa
Espiritualidade no ambiente de trabalho: um estudo de caso no Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco	Larissa Momm Machado Maranhão	2016	Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Ciências Sociais Aplicadas	Ambiente de Trabalho

FONTE: A autora (2018)

Dentre os 15 trabalhos apresentados na tabela acima, 09 estão relacionados a abordagens educacionais principalmente a formação de professores, 04 estão relacionadas a abordagens religiosas e 02 relacionadas ao ambiente de trabalho. A seguir apresentamos uma síntese de cada uma delas.

O trabalho intitulado “Pedagogia, Mística e Espiritualidade na configuração do Pensamento de São João da Cruz (1542-1591)”, foi apresentado por Marcos Ayres Barboza ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá em nível de Mestrado, na área de concentração: Fundamentos da Educação.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado ao “papel do movimento místico para a história da educação”, trazendo como questão norteadora “ Como a pedagogia se faz presente nas obras de João da Cruz? ”. Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa-ação e na fenomenologia. Para a produção dos dados, foram realizadas entrevistas com nove professores de física da UFMT, escolhidos de maneira aleatória, além disso, também foi realizada a observação da realidade vivida pelos entrevistados em seu ambiente de trabalho.

Segundo as conclusões do autor, a investigação apresentada traz a espiritualidade como um elemento pedagógico da religiosidade, mais especificamente da igreja Católica do século XVI, que pretendia “disciplinar a personalidade e o comportamento” utilizando métodos mais humanísticos e condizentes com a época.

A pesquisa intitulada “Palpitações Indizíveis: O lugar do Cuidado na formação de professores”, foi apresentado por Marta Nörnberg ao Programa de Pós-Graduação em

Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em nível de Doutorado.

O objeto de análise da pesquisa foi direcionado para a *Formação* de professores, mais especificamente para professoras em processo de estágio, compreendendo Cuidado e Espiritualidade como condutores centrais que alicerçam e sistematizam a ação docente, “delineada desde a complexidade ético-estético existencial do estar-junto humano, materializando as diferentes dimensões do Cuidado como modo de ser presença na vida e na educação escolar”.

Trouxe como questão norteadora: “Qual do lugar do Cuidado na *Formação* de Professores?”. Para a obtenção de seu objetivo a autora desenvolveu seu trabalho a partir dos princípios e procedimentos da fenomenologia, na perspectiva de apresentar e tecer a trama sobre as questões centrais do processo educativo: o Cuidado, a Espiritualidade e a Ética-Estética-Existencial do viver humano.

Neste trabalho foi possível perceber a Espiritualidade, primeiro ligada ao entendimento da autora, como expressão da Vida, ou seja, as emoções, os sentimentos, as sensações, as ideias, as crenças e as ações. Segundo como parte intrínseca de uma tríade Cuidado, Espiritualidade e *Formação*. Porém, a maneira como a autora apresenta a tese deste trabalho se volta para o lugar do Cuidado entendendo a Espiritualidade como parte dele.

O trabalho intitulado “CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: O que pensam professores de Física da UFMT sobre a relação Ciência e Espiritualidade”, foi apresentado por Albérico Cony Cavalcanti ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, em nível de Mestrado, na área de concentração: Teorias e Práticas Pedagógicas da Educação Escolar, na linha de pesquisa Educação em Ciências.

O objeto de análise da pesquisa esteve voltado para a “análise da concepção sobre o que pensam os professores de física da UFMT sobre a relação ciência e espiritualidade”, durante a leitura do texto percebemos que o autor não apresenta qual foi sua questão norteadora. Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa-ação e na fenomenologia. Para a produção dos dados, foram realizadas entrevistas com nove professores de física da UFMT, escolhidos de maneira aleatória, além disso, também foi realizada a observação da realidade vivida pelos entrevistados em seu ambiente de trabalho.

O autor, em sua pesquisa, apresenta a espiritualidade “como um caminho que nos ajuda a desenvolver a consciência”, na perspectiva de vivermos de uma maneira mais

responsável, por si e pelo outro, no mundo e como uma forma de resgatar a inteireza do ser humano, perdida a partir do paradigma racional de ciência e que caminha fragmentando a existência.

O trabalho intitulado “Tornar-se Professor em uma Escola Confessional: Um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva da dimensão da espiritualidade”, foi apresentado por Marili Moreira da Silva Vieira ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em nível de doutorado, na área de concentração: Psicologia da Educação.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a dimensão da espiritualidade contribui e participa da constituição identitária de professores e, como, em uma escola confessional, se dá essa constituição. Apresenta ainda três objetivos específicos a serem revelados no caminhar da pesquisa: “1) Se os professores têm recebido formação continuada para atuarem de acordo com a confessionalidade da escola; 2) A maneira com que os professores negociam com as atribuições feitas pela escola e constituem sua identidade profissional; 3) Como a expressão da confessionalidade da escola interage com a espiritualidade do professor.”

A autora apresenta vários questionamentos que a orientaram ao longo da pesquisa, entre elas: “O que é uma escola confessional? Como se caracteriza uma escola confessional? O que significa trabalhar em uma escola confessional? Como as escolas têm feito para formar seus professores dentre de sua confessionalidade?”.

Para a obtenção de seu objetivo a autora desenvolveu seu trabalho de pesquisa em uma escola confessional na cidade de São Paulo, com cinco professores do Ensino Médio, com a diretora e a coordenadora pedagógica, a produção dos dados se deu a partir de entrevistas semiestruturadas, apoiadas em um roteiro e em imagens provocadoras da interpretação sobre o sentido da vida.

Segundo as conclusões da autora, o professor ao entrar em contato com a razão de sua existência (essência da dimensão da espiritualidade) e na medida em que avaliar suas relações com o outro, sua responsabilidade com a vida do outro, principalmente de seu aluno, “o professor estará atuando na maneira como desempenha suas funções profissionais, no próprio crescimento pessoal e nas demais dimensões, humano-interacional, afetiva, ética, técnica e estética”.

A autora em sua investigação, apresenta a espiritualidade como aquilo que dá sentido para a vida, ou melhor como a busca de um sentido para a vida.

O trabalho intitulado “ESPIRITUALIDADE E INTEIREZA DO SER: Um processo de auto formação na investigação científica”, foi apresentado por Clarita Eveline Moraes Varella ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em nível de Mestrado.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “identificar as experiências formadoras de mestres e doutores que desenvolveram pesquisas no âmbito da Dimensão Espiritual e da Inteireza do Ser no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A questão norteadora da pesquisa foi: Como as experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica? E juntamente com ela foram elaborados três objetivos específicos: a) identificar, nas narrativas de histórias de vida dos sujeitos entrevistados, relatos que, pela força de significação, foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem; b) analisar como as experiências formadoras se exteriorizaram durante o processo de formação dos entrevistados; c) analisar como as experiências formadoras se desvelaram em suas próprias pesquisas científicas, dissertações e tese. (VARELLA, 2009)

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa qualitativa, a entrevista semiestruturada foi o instrumento de coleta de dados, submetidos à análise textual discursiva de Moraes (2007), tendo respaldo teórico na abordagem biográfica de formação de Josso (2004).

A partir da leitura do trabalho de pesquisa realizado pela autora, identificamos que o termo Espiritualidade se referia ao Grupo de pesquisa Educação para a Inteireza: um (re)descorir-se, realizado no PPGE/PUCRS, esta pesquisa esteve voltada para a importância da auto formação através do processo da pesquisa acadêmica, ressaltando a experiência como formadora nesse processo.

O trabalho intitulado “ARTE, EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE: Possibilidades de vivências transdisciplinares pela leitura de imagem”, foi apresentado por Daniela Radel Bortoli Patrzykot ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina, na área de concentração: Ciências Humanas e Sociais.

O objetivo da pesquisa esteve direcionado a “conhecer e entender o processo de leitura de imagem realizada em aulas de artes e verificar se a mesma pode ser fonte educativa para vivenciar a espiritualidade”, trazendo como questão norteadora “ A leitura estético-crítica de imagens em arte, numa perspectiva transdisciplinar, possibilita a vivência da espiritualidade?”

Para a obtenção de seu objetivo a autora desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa de campo. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, como produção de dados empíricos, com professores de arte dos municípios de Joaçaba e Herval D'Oeste (SC). A busca foi por saber quais eram as concepções e conhecimentos desses professores sobre a leitura de imagem, espiritualidade de atitude transdisciplinar, ensejando uma reflexão sobre sua práxis. Os dados foram organizados em categorias e para sua compreensão fez-se uso da análise do discurso.

A partir da leitura deste trabalho de pesquisa foi possível perceber que a espiritualidade é apresentada como “a atitude de deixar-se interpelar pelas indagações do coração, pelos acontecimentos, pela abertura ao outro”, ou seja, a espiritualidade está ligada a percepção do nosso pertencimento ao universo e ao significado que esta percepção pode trazer para nossas vidas.

O trabalho intitulado “Religiosidade Humana e Fazer Educativo, foi apresentado por Marcos André Scussel ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em nível de Mestrado.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado ao “investigar as relações entre religião e ciência, espiritualidade e educação, fé e prática educativa”, trazendo como questão norteadora “Qual a relação entre a religiosidade do educador e a sua prática pedagógica?”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa participante. Para tanto, foi acompanhada uma turma do Curso Normal, no Instituto Marista Graças, na disciplina Didática no Ensino Religioso, no período de um ano e meio.

Importante ressaltar aqui que esta pesquisa não teve como instrumento principal de pesquisa a espiritualidade e sim a religiosidade. O espiritual aqui, segundo o autor, foi uma ferramenta que contribuiu na interpretação do conteúdo dos memoriais descritivos da experiência religiosa das educadoras. A espiritualidade está intrinsecamente ligada a religiosidade humana, o autor assinala a busca por compreender que a religiosidade é a vivência da espiritualidade de forma ritualística.

Segundo as conclusões do autor, [...] É necessário que o educador se perceba como um ser religioso para dialogar com os outros e respeitar esta dimensão humana em seu fazer educativo. Para uma educação integral é necessário formar educadores mais espiritualizados, conscientes de sua religiosidade, de sua fé, pois, quanto mais evoluído o ser humano neste sentido, melhor será o mundo, melhor será a educação.

Ainda para o autor “[...] Religiosidade é a manifestação do ser em busca de transcendência. Um caminho que envolve o todo, que está conectado com este Todo, que parte da sua realidade em busca de um encontro com o incondicional que nela se manifesta”.

O trabalho intitulado “Espiritualidade e Pedagogia do Desejo: Um diálogo entre Paulo Freire e René Girard”, foi apresentado por Leandro de Proença Lopes ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo em nível de Mestrado, Área de concentração: Práxis Religiosa e Sociedade.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “análise do tema do desejo na relação entre espiritualidade e educação a partir da abordagem do pensamento de Paulo Freire e René Girard”, trazendo como questão norteadora “Quais as contribuições de Paulo Freire e René Girard para a constituição de uma Pedagogia do Desejo?”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa bibliográfica. Para tanto, foram analisadas as obras de Paulo Freire e René Girard no que tange a Pedagogia do desejo e a religião, que segundo Girard “é educadora da humanidade no processo de humanização e socialização”.

Segundo as conclusões do autor, [...] a partir da análise proposta no trabalho, um dos principais fatores para a constatação da desumanização como realidade histórica é a atual crise de modelos. Essa característica pode ser observada tanto nos espaços religiosos quanto nos espaços pedagógicos.

A partir da leitura do trabalho, percebemos que o autor traz a espiritualidade como um elemento intrínseco a religiosidade. Aqui o autor, a partir do entendimento de Girard, concebe a religiosidade como uma forma de educar a humanidade para a humanização e a socialização. Sendo a religião compreendida, também a partir de Girard, como um processo fundamental para as sociedades humanas, considerando sua real função na origem da cultura.

O trabalho intitulado “ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: “o opressor ‘hospedado’ no oprimido” de Paulo Freire e a teoria do desejo mimético de René Girard”, foi apresentado por Adriana Soares ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em nível de Mestrado. O objeto de análise da pesquisa discute a “relação entre espiritualidade e educação para a liberdade”.

Apresenta como questão problema: “Qual o elemento presente na prática pedagógica proposta por Paulo Freire e que não foi devidamente tratado pelos adeptos da educação popular, e que significou a falha no processo de libertação?”

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa bibliográfica. Para tanto, procede à “análise do problema identificado por Paulo Freire, de que o opressor “hospedado” no oprimido representa obstáculo para a libertação, sob a ótica do desejo mimético de René Girard”.

Segundo as conclusões do autor, a nossa cumplicidade com a violência opressora faz com que neguemos o ato de amor pelo qual Deus se afasta de sua própria condição para permitir que o ser humano possa ser. No entanto, “ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador”, “tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, que o liberta”. O retorno à sua Fonte e a ligação entre Criador e criatura, é o que Freire expressa ao corporificar o amor em seus ensinamentos e em sua prática. O amor é a expressão de sua *espiritualidade*.

Nesta pesquisa encontramos a espiritualidade conceituada como uma força misteriosa, que tem a capacidade de nos levar a conversão dos nossos desejos, ao encontro com o outro e conosco mesmo. É entendida como “experiência de abertura sem a qual não podemos “cultivar” nosso medo da liberdade, não podemos morrer para nascer de novo e não podemos fazer-nos homens e mulheres *libertando-nos*.”

O trabalho intitulado “FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: convergências com a espiritualidade a partir de vivências estudantis na extensão”, foi apresentado por Betânia Maria Vilas Boas Barreto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, em nível de Doutorado, na área de concentração: Fundamentos da Educação.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “compreender o significado da espiritualidade nas práticas de formação universitária orientadas pela Educação Popular, através do estudo da experiência do Projeto Educação Popular e Atenção à Saúde da Família (PEPASF) da UFPB”.

Para a obtenção de seu objetivo a autora desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa qualitativa de cunho dialético-hermenêutico. Para tanto, o centro de análise e interpretação desenvolvida na pesquisa esteve voltado para o processo pedagógico transformador, vivenciados pelos estudantes no PEPASF.

Segundo as conclusões da autora, ela defende a presença da Educação Popular “na práxis docente, nos processos de formação universitária, como estratégia metodológica de ensino e de aprendizagem”. Defende ainda a abertura de “espaços para a elaboração espiritual dos educandos, em suas buscas por motivação e sentidos para a vida profissional e os estimule a terem novos olhares sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmos”.

Neste trabalho de pesquisa a autora nos apresenta a espiritualidade “como o processo de busca das mais fundamentais motivações e dos sentidos para a existência, que Paulo Freire denomina de “busca de ser mais presente em todas as pessoas”. Ela ainda ressalta que este processo está sim presente na formação universitária, porém é desconsiderado no ensino, sendo valorizado somente em práticas universitárias alicerçadas na Educação Popular.

O trabalho intitulado “A prática da Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Um estudo de múltiplos casos na Região Metropolitana de Recife”, foi apresentado por Tiago Franca Barreto ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado, na área de concentração: Gestão Organizacional.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “prática de espiritualidade no ambiente de trabalho em organizações da região metropolitana do Recife”, analisando “aspectos relacionados ao entendimento do que é espiritualidade, sua relação com o ambiente de trabalho, suas práticas na organização e a motivação para sua implementação”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa qualitativa. Para a realização da pesquisa foram escolhidas empresas de pequeno e médio porte da região metropolitana do Recife, selecionadas a partir dos critérios acessibilidade e práticas condizentes com a Espiritualidade no Ambiente de Trabalho – EAT. O problema de pesquisa ficou formulado da seguinte forma: “Como a espiritualidade no ambiente de trabalho é praticada em organizações da Região Metropolitana do Recife?”

Segundo as conclusões do autor, nas organizações pesquisadas não há programas específicos que trabalhem o desenvolvimento da espiritualidade no ambiente de trabalho. Porém, constata a existência de outros programas formais que estimulam a prática do amor e respeito ao outro, o pensamento crítico, buscando o desenvolvimento do ser humano integral e se preocupando com outras dimensões da vida que auxiliam no bem-estar físico e mental dos funcionários.

Esta pesquisa apresenta a espiritualidade como uma expressão voltada para um comportamento ético e amoroso de respeito pelo outro. É entendida como uma dimensão humanizadora que provoca a emergência de qualidades voltadas para o espírito, tais como: amor, compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, responsabilidade e harmonia.

O trabalho intitulado “Espiritualidade e Bem-estar espiritual no processo formativo de estudantes de Psicologia do Recife-PE, à luz da abordagem integral/transpessoal”, foi apresentado por Laila Anine Cândida da Silva ao Programa de Pós-Graduação em Educação

da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado, na área de concentração: Espiritualidade e Educação.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “investigar as perspectivas de espiritualidades e os índices de bem-estar espiritual em estudantes calouros e calouras, formandos e formandas das graduações em psicologia da FAFIRE e da UFPE”, trazendo como questão norteadora “Em sendo a ciência psicológica campo de atenção aos fenômenos da experiência humana, tem se preocupado em formar profissionais que acolhem seres humanos incluindo em seus atendimentos também a questão das espiritualidades? ”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na abordagem integral/transpessoal além de outros autores que colaboram com a compreensão do ser transdimensional e integral e na pesquisa qualitativa, sendo uma pesquisa de caráter misto. Segundo a autora foi utilizada a Escala de Bem-estar Espiritual (EBE), com 10 itens que se subdividem em suas subescalas – afirmações ímpares, subescala de Bem-estar Religioso (BER) e as afirmações pares, subescala de Bem-estar Existencial (BEE), para o trecho quantitativo.

No que se refere ao trecho qualitativo foi utilizado um questionário com três perguntas abertas e entrevistas semiestruturadas. Na análise do trecho quantitativo foi utilizado o software *Statistica*® e para a parte qualitativa a Análise de Conteúdo Temática (ACT). Foram 202 participantes distribuídos entre calouros e formandos da FAFIRE e da UFPE do curso de graduação em psicologia.

Segundo as conclusões da autora, é imprescindível que a experiência da formação seja integral, considerando todas as dimensões e possibilidades do humano, de outro modo, estaremos ainda no mesmo modelo de formação técnica da atualidade. Ainda de acordo com a autora discutir sobre espiritualidade não é possível em situações artificiais de experimentação, ela precisa ser sentida. “Extrapolando as experiências de vida mais comuns e também se encontra nelas. Torna-nos senhores de nós mesmos, há vista não ser uma experimentação racionalizada, embora real e consciencial”.

A pesquisa desenvolvida pela autora apresenta a espiritualidade como processo de humanização, de formação humana e como processo transformativo.

O trabalho intitulado “A ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA TRANSPESSOAL: contribuições para repensar o sujeito da educação”, foi apresentado por Sidney Carlos Rocha da Silva ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado, na área de concentração: Educação e Espiritualidade.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “apreender a emergência da noção de espiritualidade no campo acadêmico brasileiro, em geral, e na educação, em particular, tomando como ponto de referência o campo de estudos e práticas da Perspectiva Transpessoal”, trazendo como questão norteadora “Quais as possíveis contribuições da noção de espiritualidade da Perspectiva Transpessoal para repensar o sujeito da educação no campo educacional brasileiro na atualidade?”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor optou, como estratégia de investigação, pela pesquisa bibliográfica. Para tanto, o autor dividiu seu processo metodológico em três movimentos articulados entre si: movimento heurístico, movimento de fichamento crítico e movimento de síntese problematizadora, nos quais foram realizados o levantamento bibliográfico, selecionados os textos a serem explorados e o processo de discussão-análise.

Segundo as conclusões do autor, o conceito de espiritualidade “está em fluxo, em movimento de redescobertas”, acrescenta ainda que “mais do que um conceito, o espiritual é uma experiência intensa que necessita ser sentida e vivida; cabendo, nesses termos, analisar melhor os impactos dessa experiência a nível prático”.

Nesta investigação, o autor apresenta várias definições de espiritualidade, pois trata-se de uma pesquisa bibliográfica, porém ele ressalta a importância da continuidade dos estudos sobre o tema, cuja definição/conceituação está em processo de construção.

O trabalho intitulado “ESPIRITUALIDADE, INTUIÇÃO E RAZÃO: Contribuições à formação humana no pensamento de Röhr e no Espiritismo”, foi apresentado por Marcelo Gonçalves Santos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado, na área de concentração: Educação e Espiritualidade.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado a “realçar os sentidos do aceder intuitivo e racional à espiritualidade, no contexto da formação humana, comparando a abordagem de Ferdinand Röhr e o “pensamento” da Filosofia Espírita”, trazendo como questão norteadora “Em comparação com o pensamento de Röhr (2012a, 2013a), como se dá o aceder à espiritualidade na abordagem da Filosofia Espírita e, a partir daí, como se configura a formação humana segundo esta filosofia?”.

Para a obtenção de seu objetivo o autor desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa bibliográfica e na reflexão hermenêutica. Para tanto, foram assumidas três categorias centrais, sejam elas: a Espiritualidade, a Formação Humana e a Filosofia Espírita, dialogando com a abordagem de Ferdinand Röhr sobre Educação e Espiritualidade, utilizando ainda como instrumento de produção de dados, entrevistas semiestruturadas com Ferdinand Röhr.

Segundo as conclusões do autor, a concepção de espiritualidade firmada por Röhr possui um suporte filosófico centrado na filosofia de Jaspers – que propõe um sentido para a vida – e conectado com uma característica fundamental, o binômio imanência-transcendência. Dessa forma, “apoia-se igualmente na vivência multidimensional que lhe é própria, a qual fornece ao seu discernimento espiritual e pedagógico um alcance peculiar acerca da realidade, do ser humano e da educação”.

Neste trabalho o autor apresenta a espiritualidade segundo a definição RÖHR, 2012:

[...] uma vivência ou experiência mais profunda de si, quer a partir de uma dimensão específica que se relaciona com as outras dimensões do ser, quer como um modo de viver todas as dimensões, de caráter transcendente ou imanente, e que envolve o comprometimento com o sentido de vida, a atenção e o cuidado de si, dos outros e do mundo, cujo desdobramento pode ser progressivo ou indeterminável. (apud SANTOS, 2016, p. 15)

O trabalho intitulado “Espiritualidade no ambiente de trabalho: um estudo de caso no Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco”, foi apresentado por Larissa Momm Machado Maranhão ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, em nível de Mestrado.

O objeto de análise da pesquisa esteve direcionado para “Analisar como os gestores percebem a espiritualidade no ambiente de trabalho no Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco”, trazendo como questão norteadora “Como os gestores percebem a espiritualidade no ambiente de trabalho no Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco?”

Para a obtenção de seu objetivo a autora desenvolveu seu trabalho com base na pesquisa qualitativa, utilizando como abordagem o estudo de caso. A produção de dados se deu a partir da realização de 11 entrevistas individuais semiestruturadas, também foram realizadas observações no ambiente do Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco e a análise dos dados foi feita com base na Análise da Pragmática Linguagem proposta por Mattos (2005).

A autora em suas conclusões apresenta a espiritualidade como parte fundamental da humanização do ser humano, com a existência de uma forte correlação com a prática da humanização em saúde. Segundo ela definir espiritualidade não foi objetivo desta pesquisa.

Navegar por todos esses trabalhos de pesquisa nos ajudou a perceber o quanto tratar de espiritualidade em educação, mais especificamente em educação popular é um tema jovem, concordamos com Sidney Carlos Rocha da Silva, quando o mesmo afirma que apesar das várias definições sobre espiritualidade há que se dar continuidade aos estudos do tema, pois que este conceito está em processo de construção.

Todos os trabalhos aqui apresentados contribuíram na perspectiva de qual caminho seguir no que diz respeito aos estudos sobre a espiritualidade. A partir de sua leitura e síntese pudemos perceber que a grande maioria deles apresenta a espiritualidade como uma experiência intensa e transformadora.

Outros apresentam a religiosidade, o amor, o respeito ao outro, a capacidade de perdoar, a responsabilidade, entre outros, como elementos da espiritualidade. Há ainda aqueles que a apresentam como “o despertar da consciência”, a busca fundamental de motivação e sentido para a vida e ao perceber-se como parte integrante do universo juntamente com o significado dessa percepção para a vida.

Como dissemos anteriormente o Tecelendo caminha no sentido da valorização dos sujeitos, alicerçando seu trabalho no desenvolvimento das dimensões histórica, profissional, social, econômica, familiar, espiritual, política, emocional, corporal, cultural e artística. Dimensões essas que compõem o ser humano em sua vida social. Os conceitos e elementos trazidos por todos os trabalhos descritos acima, contribuem para que possamos pensar a espiritualidade no processo de formação de educadores do Tecelendo.

2.2 ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Partindo deste lugar, buscamos conhecer as dimensões que compõem o ser humano e inicialmente nos deparamos com a pluridimensionalidade do ser e percebemos que a tradição grega arcaica já apresentava um entendimento deste conceito,

A espiritualidade grega arcaica é a maneira como este homem primitivo se colocava no mundo, entendendo-se pluridimensional, ou seja, sendo um ser único, um *ánthropos*, mas revestidos de envoltórios sucessivos que abrigam a sua essência, a alma, *psykhé*. A plenitude do ser depende da harmonia entre suas partes constituintes. Doença é a desarmonia e saúde o seu oposto, o perfeito equilíbrio entre os envoltórios. O termo “espiritualidade” contém do ponto de vista etimológico uma restrição, mas somente desse ponto de vista, porque espírito, ou *pneûma*, é apenas um dos constituintes do ser. A busca pela totalidade do ser melhor seria caracterizada por um termo como “psiquidade”. Falamos, todavia, muito pouco da *psyké* propriamente dita. E não poderia ser diferente, porque o domínio da alma transcende o domínio da razão. Esta se situa no envoltório mental, o *noûs*; aquela está além, ela de fato voa como a borboleta, na concerta visão grega da realidade. Qualquer aproximação à alma depende de vivências, como meditações, experiências extáticas, insights, intuições, e coisas dessa natureza. (POSSEBON, 2016, p. 125-126)

Possebon apresenta uma síntese na qual observamos que apesar de pluridimensional o ser está revestido de pelo menos quatro envoltórios que abrigam a sua essência, a alma. O autor apresenta a constituição do ser seguindo a tradição grega arcaica, contudo, ao entrar em

contato com os estudos de Ferdinando R  hr sobre espiritualidade e educa  o, percebemos que o mesmo apresenta cinco dimensões básicas que compõem o ser humano e que estas poderiam contribuir com o nosso entendimento de espiritualidade. São elas,

Quadro 2 – Dimensões que compõem o ser humano

<u>DIMENSÕES</u>	<u>A QUE SE REFEREM</u>
Dimensão física	Corporalidade f��sio-biológica, que em parte não temos percepção.
Dimensão sensorial	Representada pelas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer, doce-amargo, percepção dos cinco sentidos.
Dimensão emocional	Abrange a psique, estados emocionais/emoções (medo, raiva, tristeza, alegria, nojo) e suas respectivas movimentações e compensações.
Dimensão mental	Diz respeito ao racional/lógico, capacidade de reflexão, a recordação e a memória, a imaginação e a fantasia, a compreensão e a criação de ideias e a intuição.
Dimensão espiritual	Transcendente, transcende a realidade empiricamente verificável e nem por isso deixa de ser realidade para quem se volta para ela e se compromete com ela.

FONTE: A autora (2018)

Segundo o autor as dimensões, umas mais densas e outras mais sutis, estão intimamente interligadas e não    possível intervir em uma sem levar em consideração as outras. Além disso, para um perfeito equilíbrio (saúde)    importante que cada dimensão seja atendida em suas necessidades próprias. Dessa forma, torna-se clara a integralidade do ser humano em suas múltiplas dimensões.

R  hr direciona e aprofunda seus estudos na dimensão da espiritualidade e atribui a ela características como transcendência, mudança de comportamento e comprometimento, não somente com essa dimensão, mas com todas as dimensões e conseqüentemente com a própria existência.

A partir de seus estudos compreendemos que para o autor a espiritualidade está intimamente vinculada a visão da pluridimensionalidade do ser e a dimensão espiritual, que é entendida como transcendente e sutil, tem a função de guiar nossa vida e só pode ser acessada a partir do comprometimento com a existência humana, abarca os princípios   ticos e filosóficos e    de natureza intuitiva.

Esse entendimento contribuiu para pensar o ser humano e sua multidimensionalidade, entendendo que    na dimensão espiritual que pode se apresentar a essência do ser, bem como sua transcendência. Porém, precisava compreender de forma a espiritualidade se manifesta e    vivenciada por sujeitos advindos das comunidades rurais do interior da Bahia e inseridos na Formação de Educadores no Tecelendo. Foi nesse momento que entrei em contado com

Fritjof Capra (2014), que traz a ciência e a espiritualidade como as duas principais forças impulsionadoras da civilização em seu processo histórico-evolutivo.

Segundo Capra,

A espiritualidade é uma experiência humana muito mais ampla e mais básica do que a religião. Ela tem duas dimensões: uma vai para dentro, ou “para cima”, por assim dizer, e a outra vai para fora, abraçando o mundo e os seres humanos nossos companheiros. Qualquer uma dessas duas manifestações da espiritualidade pode ou não ser acompanhada pela religião. (2014, p. 343)

O autor enfatiza que a espiritualidade não precisa necessariamente estar em conflito com a ciência, mas chama a atenção para o fato de ela se colocar em oposição a algumas tecnologias, como: “organismos geneticamente modificados (OGMs), clonagem, poluição, desmatamento ou, simplesmente, o consumo excessivo”, é neste momento que sua reflexão se torna política, trazendo exemplos de “ativistas espirituais” bem como políticos, como Gandhi, Martin Luter King, Desmond Tutu e os teólogos da libertação da América Latina, que em suas caminhadas unem, espiritualidade, religião e ciência. (CAPRA, 2014)

Apresenta o significado da palavra espírito, “[...] A palavra latina *spiritus* significa “sopro”, como também é esse o significado da palavra latina a ela relacionada, *anima*, o da grega *psyché* e o da sânscrita *atman*. ” (p. 343). Dessa forma, o significado comum atribuído a essas palavras indicam um significado original e de fundamental importância para tradições filosóficas e religiosas da antiguidade, no Oriente como no Ocidente, é de sopro de vida. (CAPRA 2014)

Tece o conceito de espiritualidade da seguinte forma,

A espiritualidade, ou a vida espiritual, é geralmente entendida como um modo de ser que flui de uma certa experiência profunda da realidade, que é conhecida como “mística”, “religiosa” ou “espiritual”. Há numerosas descrições dessa experiência na literatura das religiões do mundo, que tendem a concordar que ela é uma experiência direta, não intelectual, da realidade, dotada de algumas características fundamentais que são independentes de contextos culturais e históricos. (CAPRA, 2014, p. 344)

Continua caracterizando a experiência espiritual enquanto momentos de uma vitalidade intensificada, momentos nos quais nos sentimos intensamente vivos. Ainda segundo ele, espiritualidade é em todo tempo incorporada, encarnada, instante em que experimentamos nosso espírito, “a plenitude da mente e do corpo”, é quando se percebe a experiência espiritual como unidade e esta transcende as dicotomias mente e corpo, eu e mundo.

Segue sua construção sobre experiência espiritual afirmando que,

A experiência espiritual – a experiência direta, não intelectual, da realidade em momento de vitalidade intensificada – é conhecida como experiência

mística porque é um encontro com o mistério. Os mestres espirituais de todas as eras têm insistido em que a experiência de um profundo sentido de conexão, de pertencer ao cosmos como um todo, que é a característica central da experiência mística, é inefável – incapaz de ser adequadamente expressa em palavras ou conceitos – e com frequência eles a descrevem como sendo acompanhada por um profundo sentimento de assombro e admiração, juntamente com sentimento de grande humildade. (CAPRA, 2014, p. 345)

Essa tessitura sobre o conceito de espiritualidade de Capra envolvendo a experiência espiritual fruto, de uma experiência mística, ou o encontro com o mistério, primeiro nos apontou para alguns dos conceitos trazidos nos trabalhos acima descritos e segundo nos direcionou aos teólogos da libertação Leonardo Boff e Frei Betto, que em seu livro *Mística e Espiritualidade* apontam a mística como um caminho para a espiritualidade.

Boff corrobora com Capra ao afirmar que espiritualidade “é aquilo que produz dentro de nós uma mudança”, ou seja, “verdadeiras transformações alquímicas, capazes de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas”. (2006, p. 14)

Frei Betto levanta uma questão fundamental para o nosso trabalho de investigação,

[...] toda a nossa experiência de mística e de espiritualidade foi apropriada pelas instituições religiosas e, portanto, domesticada. Ser contemplativo se tornou um luxo reservado àqueles que têm uma vocação especial e, portanto, vivem de maneira muito singular em lugares reservados, como os mosteiros. Quando vamos a uma livraria católica, como Paulinas, Vozes ou Loyola, há uma seção de espiritualidade, cercada de estampas, fotos, referências ou símbolos do que seria uma experiência de espiritualidade: lagos paradisíacos, montanhas ao pôr-do-sol, bosques ao amanhecer... Eu ficava com cara de besta olhando aquelas fotos e pensando: “Coitados dos meus companheiros lá do ABC, que respiram fumaça o dia inteiro no transporte, suportam barulho naquelas montadoras de carro e mal têm tempo de dormir, [...] eles nunca vão poder chegar a esse grau sofisticado de vida espiritual, que é a contemplação, pois, para curtir um bosque desses só mesmo viajando para a Suíça”. Aliás, aquelas fotos são, quase todas, de matrizes europeias. Essa apropriação elitizou a experiência da espiritualidade. (BETTO; BOFF, 2008, p. 56-57)

Compreendemos a importância de todo trabalho acadêmico desenvolvido até o momento com relação ao tema da espiritualidade, ligados a saúde, a educação e a outras áreas do conhecimento, que inclusive nos deu embasamento para poder realizar esta pesquisa. Porém, ao tratar de Educação Popular não podemos perder um de seus princípios de sustentação que é o conhecimento popular, ponto primordial para a construção do conhecimento científico.

Neste sentido, no que diz respeito à Educação Popular, a discussão sobre espiritualidade está centrada na área da saúde, na busca por compreender as estratégias dos

sujeitos populares na sua percepção, apreensão e elaboração de mundo a partir das práticas religiosas. Vasconcelos em seus estudos sobre espiritualidade, educação popular e saúde traz questionamentos pertinentes ao desenvolvimento do tema,

Diante de um mundo tão opressivo para as classes populares em que as transformações vão ocorrendo em um ritmo muito rápido, sem que se tenham informações claras que lhes permitam se situar, há uma forte tendência de tudo parecer caótico. O turbilhão de emoções, instigadas pelas repetidas situações de opressão, provocam intensa confusão mental. [...] Dados da realidade comumente parecem indicar para as classes populares estarem em um “beco sem saída”. [...] O que faz este povo ter, neste contexto, esta estranha mania de ter fé na vida como canta Milton Nascimento, em sua música “Maria”? [...] O que leva indivíduos e os seus grupos a correrem tanto risco (inclusive de suas próprias vidas) e deixarem, de lado, situações de certo comodismo para se dedicarem a projetos tão incertos? [...] De onde vem esta teimosia que tem transformado a humanidade? (2008, p. 316-317)

São questões como estas e a que trouxe Frei Betto, que nos levaram a refletir sobre como os saberes populares voltados para a dimensão da espiritualidade das educadoras e educadores do Programa de Extensão Tecelendo podem contribuir com sua formação. Esses homens e mulheres cujos familiares nem entendem direito o que é uma universidade, mas que apoiam seus filhos da maneira que podem, em um incrível movimento de resistência.

Nesta perspectiva, Vasconcelos aponta que a luta social se sustenta na transcendência, na capacidade do ser humano para o afeto, mesmo sendo sujeitado a situações de miséria e opressão, ainda é capaz de um olhar crítico e inconformado, “[...] movido por uma vitalidade surpreendente que o impulsiona a transcender, ir além das realidades consideradas naturais. [...]”. Assim sendo, ao autor conceitua a espiritualidade como, “[...] a arte e o saber de tornar o viver orientado e impregnado pela existência da transcendência”,

As pessoas do meio popular repetidamente afirmam encontrar em sua religiosidade a fonte do ânimo para se manterem empenhados na busca de uma vida mais digna e feliz apesar das situações profundamente opressivas em que se encontram. E para estranhamente se manterem com um encantamento diante da dinâmica da vida. (2008, p. 317)

Diante do exposto, fica evidente que o nosso caminho com relação à espiritualidade segue com a perspectiva da experiência espiritual e da mística, religiosa ou não, que proporciona tal experiência transformadora e transcendente. Segundo Leonardo Boff “Espiritualidade é a transformação que esta mística produz nas pessoas, na forma de olhar a vida, no jeito de encarar os problemas e de encontrar soluções”. (BETTO; BOFF, 2008, p. 28)

Victor Valla, desde os anos 1990 buscou, através de seus estudos, chamar a atenção para a vida religiosa das classes populares, no intuito de compreender de que forma esses sujeitos elaboravam seus pensamentos e suas formas de enfrentar os problemas. Segundo

Vasconcelos, com esta perspectiva não se quer afirmar o caráter religioso da EP, pretende-se reconhecer que “a forte presença da dimensão religiosa em suas práticas e na formulação de alguns dos pioneiros de sua sistematização teórica indica uma característica epistemológica de suas práticas que grande parte da reflexão sociológica e pedagógica não conseguiu captar”. (2008, p. 315)

Neste sentido, é possível dizer que o diálogo em EP não estava ligado somente às práticas pedagógicas e às dimensões do conhecimento, dos afetos e das sensações conscientes, o que aparece neste momento são dimensões simbólicas do inconsciente que existem nas relações sociais. Podemos entender que a religiosidade, da forma vivida pelos sujeitos das classes populares, expressa e elabora a integração entre as dimensões racional, emocional, sensitiva e intuitiva, ou seja, a articulação entre as dimensões consciente e inconsciente. (VASCONCELOS, 2008)

Essa forma de articulação está presente na mística religiosa ou não, através das tantas histórias míticas e suas metáforas presentes nas comunidades, através dos símbolos litúrgicos, através das festas religiosas ou pagãs, etc. Frei Betto afirma que a “espiritualidade é uma experiência mística, mistérica, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é a experiência fundante no ser humano desde que existe na face da Terra, mas há diferentes espiritualidades ou modos de vivenciá-la”. (2008, p. 53)

Nesta perspectiva, Vasconcelos apresenta a forma como os líderes dos movimentos sociais elaboram, a partir da espiritualidade, suas vivências nas constantes lutas políticas que enfrentam diariamente,

O contato com o eu profundo, cultivado pela espiritualidade, tem se mostrado também importante para estas lideranças como fonte de mobilização de energia e ânimo nas situações afetivamente tão adversas como ocorre no enfrentamento político. Na luta há agressões, disputas pessoais, críticas duras, conquista de uma visibilidade social que desperta vaidade e inveja, perda de amizades, instigação de intensas vontades adormecidas de poder, adulações sedutoras, emergência de ódios e uma série de outras situações emocionais que agitam e confundem quem está envolvido. São situações sempre novas que, em alguns momentos, surgem num ritmo alucinante, exigindo uma maturidade afetiva muito grande. Nem sempre há tempo para que estes intensos sentimentos revoltos se decantem com tranquilidade. Muitos enfrentamentos se esvaziam pelo desânimo que toma conta dos participantes ou pelos atritos afetivos que dividem o grupo. É muito difícil, como orientava Che Guevara, combater sem perder a ternura. Inúmeros líderes políticos têm ressaltado o papel da espiritualidade como instrumento central de alinhamento emocional capaz de manter a atenção focada no centro da luta e nos objetivos principais sem se dispersar com o que é periférico e, ao mesmo tempo, atento a detalhes sutis importantes. Ressaltam também ser instrumento de, diante das perdas e desgastes emocionais, manter o ânimo para a luta e a vibração que irradia e mantém a

coesão do grupo. As técnicas de meditação e oração das diversas tradições religiosas são repetidamente mencionadas por eles como centrais na estruturação de suas ações. No oriente, os templos budistas e taoístas eram, com frequência, locais privilegiados de formação dos guerreiros. (2008, p. 317-318)

O autor aponta ainda para a luta como a mística dos líderes de movimentos sociais, pois através dela são geradas experiências marcantes, individuais e coletivas, que levam a uma transcendência acarretando na mudança de comportamento, “que inaugura uma nova subjetividade”,

Não é apenas uma questão de um aprendizado de conteúdos sociais, como usualmente é ressaltado. É uma nova atitude de alma que as análises teóricas não têm conseguido revelar, talvez pela não valorização de conceitos que expressem esta emoção profunda integradora da mente e do corpo, como o da espiritualidade.

A espiritualidade não se desenvolve, portanto, apenas em processos isolados de interiorização. A entrega apaixonada ao enfrentamento dos problemas da vida, de forma aberta à interação com o diferente, é fonte de desenvolvimento espiritual. (VASCONCELOS, 2008, 318)

Quanto a essa articulação entre consciente e inconsciente trazida por Vasconcelos e com a qual os sujeitos das classes populares elaboram seus pensamentos, Frei Betto nos dá uma pista dizendo que se trata de outra lógica e que para entendê-la seria preciso uma “*kénosis*⁵ epistemológica” para compreender o sujeito quando “ele almoça Deus, dorme Deus, xinga Deus, vai com Deus, graças a Deus, por Deus, pelo amor de Deus... Um Deus que se come, se bebe, se dorme, se dança...”. (2008, p. 74)

Concordamos com Boff “a espiritualidade não é monopólio das religiões, nem dos caminhos espirituais codificados. A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano.” (2006, p. 51). Ela é a transformação profunda provocada através de uma “experiência espiritual”, uma “experiência mística”, que causa uma mudança de atitude na vida daqueles que a experimentaram.

Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida. (BOFF, 2006, p. 51)

Caminhamos na busca pelas diferentes espiritualidades e o modo como são vivenciadas por educadoras e educadores do Programa de Extensão Tecelendo.

⁵ Deixar de lado os atributos divinos sem perder a natureza divina.

CAPÍTULO III – TECELENDO EDUCAÇÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO DE EDUCADORES: ALGUMAS COMPREENSÕES

Neste capítulo apresentaremos os dados produzidos no decorrer deste trabalho de pesquisa bem como, a análise dos mesmos com base nas reflexões teóricas abordadas no presente texto e nas atividades formativas desenvolvidas no Tecelendo. Esta análise está orientada por meio da produção de dados a partir dos instrumentos indicados no primeiro capítulo deste trabalho, observação participante, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas.

Apresentaremos neste momento os sujeitos com os quais dialogamos ao longo deste trabalho. São eles minhas companheiras e meus companheiros de trabalho e este foi um dos maiores desafios desta pesquisa para mim, o tempo todo me questioneei: como será esse diálogo? Porém preciso admitir que no momento de realização das entrevistas havia em mim um sentimento de afastamento, distanciamento do grupo, que me permitiu mergulhar no universo da pesquisa.

Durante o período de realização do Mestrado estive afastada das atividades do Programa de Extensão Tecelendo. Participei de algumas atividades pontuais bem como, de algumas reuniões, porém sempre na condição de “afastada para estudos”, assumindo o lugar de “pesquisadora”. Foi um movimento de estar e não estar, que criou em mim uma forte sensação de distanciamento do grupo.

Fazer parte do Tecelendo exige de nós um envolvimento intenso com suas atividades, com seu movimento educativo, percebi que ao me afastar o sentimento era de ter perdido a continuidade de um trabalho no qual estava inserida há anos. Por mais que eu estivesse acompanhando, de fora, todo o movimento que estava acontecendo nesses últimos dois anos, eu não fazia mais parte dele, eu realmente estava de fora.

É um sentimento estranho, de estranhamento mesmo, mas que eu entendo como um movimento da pesquisa, para que eu possa inclusive ter um olhar mais aguçado para o que eu não veria de dentro, para que eu possa olhar e (re)olhar ao ponto de conseguir ver, enxergar o movimento do Tecelendo.

A seguir apresento os sujeitos do diálogo, minhas companheiras e meus companheiros de jornada.

AYODELE, que significa a alegria voltou para casa, é solteira, tem 36 anos, é natural de Amargosa, como diz ela mesma “*nascida e criada*”, reside em bairro periférico da cidade com sua família “grande”, atualmente com nove pessoas. Orgulha-se em dizer que seus pais

“mantiveram todos os esforços para poder criar os filhos, dar educação, botar na escola ... todos são formados, alguns já concluíram a universidade, a maioria trabalha, outro já constitui família, enfim né já tá chegando a geração seguinte!”. Apesar de ser muito família, ela nos conta que gosta muito de viajar, conhecer pessoas e viver novas experiências.

Sua caminhada profissional teve início em 2004, quando seu primeiro emprego foi em uma ONG, o Grupo Ambientalista da Bahia – GAMBA, pelo fato de ser técnica agrícola. Este trabalho marcou profundamente sua vida e suas convicções, ela diz que desde aí se tornou extensionista, a partir do trabalho com comunidades rurais. Acredita que as pessoas precisam se organizar de forma a participar dos espaços de decisão na sociedade. Ingressou na UFRB em 2011 no curso de Licenciatura em Matemática com o objetivo de qualificar sua prática de extensão, porém não se sentindo contemplada, transferiu-se para o curso de Licenciatura em Pedagogia, o qual cursa até hoje e onde consegue dar continuidade à sua prática extensionista através do Tecelendo.

Seu ingresso no Programa aconteceu, como diz ela própria, *“mais especificamente no dia 28 de dezembro de 2011, não posso deixar de registrar!”*. É educadora e participa dos processos de mobilização e articulação do Tecelendo,

Então a minha vida de modo geral tem-se resumido a isso mesmo, é essa interação com o que eu faço hoje aqui no Tecelendo, dentro da universidade as minhas movimentações também são direcionadas a extensão, tudo que eu faço, tudo que eu participo enfim... é sempre no sentido de fortalecer esse trabalho da extensão com articulação, com mobilização social, para que fato a gente possa se aproximar cada vez mais das comunidades. (Kayodele, feminino, 36 anos)

TAUANE, que significa estrela, é solteira, tem 29 anos, é natural da cidade de Ipirá na Bahia, que fica localizada a cerca de 184,2 Km de Amargosa. Filha de lavradores nasceu na zona rural em uma comunidade chamada Pinho, tem oito irmãos, seu pai, já falecido, estudou até a quarta série e sua mãe não foi alfabetizada, ainda assim ela escreve seu nome e sabe ler algumas palavras.

Ingressou na escola aos 12 anos de idade *“comecei a estudar com 12 anos, a primeira escola que estudei era multisseriada, era em um lugar chamado Resto do Mundo, a gente ia no chamado pau de arara que era uma caminhonete passava a alguns metros da nossa casa[...]”*. Fez a prova do ENEM em 2011 e ingressou na UFRB, através do Sisu em 2012 no curso de Licenciatura em Matemática, no qual permaneceu por seis semestres, até que decidiu investir no seu sonho e migrou para o curso de Licenciatura em Educação Física.

Faz parte da equipe do Tecelendo desde 2013 e logo foi integrada como educadora do GEPE e como ela mesma diz *“aí eu fui lançada na sala de aula, inicialmente fiquei com*

medo, foi um dos desafios da universidade [...]”. Ainda segundo ela foi a partir deste momento que despertou realmente a vontade de querer ser professora. Tauane se destacou na tecelagem, pois trazia consigo a experiência de confeccionar esteiras com sua mãe e atualmente além de educadora do Tecelendo é também artesã e coordena as atividades da tecelagem.

EUNICE, que significa boa vitória, a que vence sempre, é casada, tem 28 anos, natural de Mutuípe, porém ela diz que só fez nascer lá, se considera filha de Amargosa. Foi criada na comunidade rural do Repartimento, filha de agricultores, irmã mais velha cinco filhos, três meninas e dois meninos ela destaca sua relação com a comunidade *“minha trajetória foi muito essa questão de viver a comunidade, viver as questões que apareciam, viver as dificuldades e as alegrias nessa comunidade”*.

Sua avó materna era parteira e líder comunitária, ela lembra com carinho que a casa da avó estava sempre cheia, como os netos gostavam de ir para lá e como ela estava sempre disponível para atender as mulheres grávidas da região. Ressalta que a comunidade é também sua família e a dificuldade, ainda hoje, de ficar sozinha, *“eu tenho muita dificuldade inclusive de ficar só, porque durante toda a minha vida eu passei junto com um monte de gente, tanto da família de sangue, como as outras famílias né, porque dentro da comunidade a gente acaba fazendo parte de uma grande família [...]”*.

Ingressou na UFRB em 2011 junto com sua irmã no curso de Licenciatura em Pedagogia, conta que em sua casa foi uma alegria só, hoje as duas são pedagogas e ela tem as outras duas irmãs na universidade, uma na Licenciatura em Pedagogia e a outra em Educação Física. Chegou no Tecelendo em 2015, como orientanda de professora Andreia que a convidou para se integrar ao programa, colocando como questão primeira que não seria possível, no Tecelendo e na Educação Popular, ela escrever sobre o que ela não viveu. Atualmente é educadora do programa e também tecelã.

DAYO, que significa chega a alegria, solteira, 26 anos, natural de Amargosa, também é filha de agricultores familiares, tem um irmão e uma irmã, sendo que ela é a caçula, adora animais em especial os cachorros, se comove muito com as asperezas da vida e é muito ligada à comunidade da Cambaúba, localidade onde cresceu e que mesmo morando na sede de Amargosa, ama sua roça e as vezes fica mais lá do que na cidade. Como ela mesma diz *“sou uma menina da roça... gosto de rir, sou brincalhona, sou feliz, sou mulher negra e de fé”*.

Trabalhou em uma loja de cosméticos e ficava na casa da tia para poder fazer a prova do Enem e em 2011 ingressou na UFRB para o curso de Licenciatura em Pedagogia, que era

sua segunda opção, na verdade ela queria fazer psicologia, passou praticamente todo período de graduação se questionando se queria realmente ser professora.

Assim como Eunice chegou ao Tecelendo como orientanda de professora Andreia, convidada para se integrar ao programa. Atualmente, já licenciada em Pedagogia, é educadora do Tecelendo, também se descobriu tecelã por conta dos trabalhos com a tecelagem e se aproxima mais da alfabetização de jovens, adultos e idosos.

TITILAYO, que significa a felicidade eterna, solteira, 27 anos, natural de Governador Mangabeira na Bahia, que fica localizada há uns 103,8 quilômetros de Amargosa, sua família é oriunda da zona rural e migrou para a zona urbana quando ela tinha 12 anos. Foi criada pela avó e pelos tios e lembra com muito carinho do Tio Alex que foi seu espelho de vida, inclusive para estudar, pois foi o primeiro da família a ingressar na universidade, hoje ele é Mestre em História.

Sua mãe é Pedagoga e ela lembra com muita emoção de toda a dificuldade que mãe enfrentou para realizar seu sonho de se graduar, tem duas irmãs, uma com 15 anos da qual não é muito próxima e outra com 21 anos que é muito chegada a ela e faz Engenharia Florestal. Titilayo veio para Amargosa em 2012 para fazer o curso de Licenciatura em Matemática na UFRB, diz que esse foi um dos grandes desafios de sua, pois não gostava de matemática e por isso se desafiou a fazer o curso.

Ela sempre quis ser professora, era seu sonho, então durante o percurso formativo já dava aula de matemática em algumas escolas da cidade e ama estar na sala de aula. Ingressou no Tecelendo em 2016, também como orientanda de professora Andreia e por ser muito amiga de Tauane que falava sempre com muita alegria e entusiasmo sobre o programa. Defenderá sua monografia em fevereiro de 2019 e atualmente é educadora do Tecelendo, coordena as atividades do GEPE e é tecelã.

KAUANE, que significa gavião, comprida, longa, é solteira, tem 25 anos e é natural de Amargosa. Foi cria na comunidade rural do Repartimento, seu pais são agricultores, é segunda de seis irmãos e ao falar de si diz que *“acho que nós, enquanto seres individuais, a gente este em constante processo de caçar a nos mesmos, caçar nossa identidade, caçar nossas qualidades, sempre estar se ressignificando a partir das nossas vivências ... então a gente está nesse constante processo de construção de nós mesmos”*.

Lembra com muito carinho da infância, diz que foi o melhor momento de sua vida e ressalta o quanto as mulheres de sua família são fortes, falando especificamente de sua avó materna que ficou viúva muito cedo e com muito trabalho e determinação conseguiu criar

seus filhos. Mas destaca também sua mãe, que mesmo na difícil lida da roça nunca deixou de estar presente na vida dos filhos se alegrando com cada conquista deles.

Ingressou na UFRB em 2011 para o curso de Licenciatura em Pedagogia e diz que isso foi muito forte para sua família, ter filhos na universidade, ninguém imaginava chegar tão longe. Se formou em 2015, mas diz que ainda precisa se enxergar pedagoga. Participou como bolsista do Tecelendo no segundo semestre de 2011, depois saiu e só retornou em 2016. Atualmente é educadora do Tecelendo e tecelã, neste sentido, é importante dizer que Kauane já possuía habilidades manuais, ela já trabalhava com crochê e coordenou uma oficina com o mesmo entre 2016 e 2017.

QUEREN, que significa brilho, esplendor, é solteira, tem 23 anos, natural de Amargosa nasceu em um bairro periférico da cidade chamado Urbis 2, onde passou toda sua infância. É a filha mais velha de três irmãos e já tem um sobrinho filho de sua irmã do meio. Seu pai é comerciante e sua mãe trabalha no hospital. Ela diz que gosta de muitas coisas, mas destaca a Arte como um todo, porém prefere as artes plásticas, também gosta muito de teatro e participa de grupo no qual realiza algumas performances.

Mora com a mãe e se dá muito bem com ela, mas que se entende mesmo é com seu pai, segundo ela os dois são muito parecidos. Apesar de ter reprovado três vezes a sétima série, ingressou na universidade aos 18 anos, pois não precisou cursar o terceiro ano do Ensino Médio, utilizou a nota do Enem para finalizar a modalidade e entrar na UFRB. Inicialmente seu sonho era Medicina, mas com a nota que tinha passou para Licenciatura em Pedagogia no ano de 2014 e começou a cursar enquanto se preparava fazer o curso que queria.

Chegou ao Tecelendo na condição de estudante do GEPE no ano de 2015, exatamente porque queria se preparar para a prova do Enem e mudar para Medicina. Porém, como diz ela mesma *“não deu certo, porque... por questões óbvias, eu achava que estudar para pedagogia era fácil, mas não é, demandava muito estudo, muito tempo, e o curso ainda é diurno, então eu tinha que ir de manhã e de tarde...”*. Em 2017 ela passa a fazer parte da equipe de educadores do Tecelendo, atualmente está finalizando a escrita de sua monografia, ministra uma oficina de pintura no programa e é tecelã também, importante destacar que a educadora tem muitas habilidades manuais, confecciona cadernos, filtro dos sonhos, velas e tantas outras coisas.

KAYODE, que significa que traz alegria, solteiro, tem 23 anos, natural de Amargosa, mas seus familiares são todos da zona rural do município de Milagres que se localiza cerca de uns 30 quilômetros de Amargosa. Sua mãe depois de perder um filho por conta do trabalho em olaria, resolveu abandonar esse trabalho e vir para Amargosa, trabalhar na feira livre,

assim ele diz que foi criado na feira. Mãe feirante, pai frentista em um posto da cidade, caçula de três irmãos, Kayode revela que o pai adoeceu e eles resolveram retornar para a zona rural.

Ele revela que percebeu que era pobre quando precisou retornar para roça, gostava de ir pra lá aos fins de semana, mas morar era outra coisa, *“aqui tinha energia, tinha banheiro, tinha televisão, tinha geladeira, lá na roça não tinha energia elétrica, não tinha água encanada, não tinha vaso sanitário dentro de casa ... a gente cozinhava banana verde para comer, porque era o tinha dentro de casa ... E aí eu odiava a roça...”*.

Porém com o passar do tempo, sem ele saber precisar quando, ele foi se encantando com a vida no campo. Vive mais na zona urbana do que na rural, mas prefere a vida na roça, mas deixa explícito que esse amor, esse orgulho de ser do campo surgiu de forma gradativa, conforme a vida foi melhorando por lá, ou seja, agora tem água encanada, tem luz elétrica, tem banheiro, há um conforto que antes não tinha.

Ingressou no Tecelendo também através do Grupo de Estudos Preparatório para o Enem em 2015. Tinha acabado de desistir do curso de Museologia da UFRB, na cidade de Cachoeira e queria continuar estudando para fazer a prova do Enem. Passou por outros cursos, mas não era o ele queria, agora está certo de que quer o curso de Cinema e Audiovisual da UFRB. Fez curso de fotografia no IFBA de Santo Antônio de Jesus e a partir de 2017 passou a integrar a equipe de educadores do Tecelendo, além de ser fotógrafo oficial do programa e tecelão.

SÉFORA, que significa pássaro, pequena ave, solteira, 22 anos, é natural de Amargosa, nascida e criada na comunidade do Repartimento, filha de agricultores, tem cinco irmãos, sendo que ela é caçula das meninas. Lembra da sua infância com um carinho enorme, diz que foi a melhor fase de sua vida. Ela se considera uma mulher muito determinada e que luta para concretizar seus objetivos.

Entrou em contato com a universidade a partir de suas irmãs mais velhas que já estavam estudando no Centro de Formação de Professores. Por conta de sua ligação com a terra e por gostar de geografia, queria fazer o curso de Geologia, mas além de precisar ir para Salvador, sua nota no Enem foi muito mais baixa do que exigia o curso. Assim, escolheu o curso de Licenciatura em Educação Física, no qual ingressou e está no quinto semestre.

Chegou no Tecelendo em 2017 como bolsista/estagiária IEL – Instituto Euvaldo Lodi, porém já conhecia o programa por conta de suas irmãs que já eram educadoras no mesmo, além de o Tecelendo ter realizado atividades em sua comunidade. Atualmente é educadora do programa e se constituindo como tecelã também.

POTIRA, que significa flor, é solteira, tem 40 anos, mãe de uma linda adolescente de 14 anos, é natural de Amargosa, criada em uma comunidade chamada Roda D'água. Considera-se uma menina sonhadora, tinha o sonho de fazer faculdade e por conta desse sonho foi muito jovem para Salvador, viver na casa de um tio, pois queria estudar. Porém sofreu muito e passou diversas privações.

Retornou de Salvador com sua filha nos braços e sem conseguir realizar o sonho da faculdade, assim precisou adiar seu sonho para cuidar do sustento seu e de sua filha. Sem apoio dos pais, por ser mãe solteira, ela precisou lutar para criar a filha, porém nunca abandonou o sonho da faculdade. Em 2016 trabalhava em um ponto de acarajé da cidade, era gerente e foi quando teve contato com estudantes da universidade, que conversavam ela e a incentivavam voltar a estudar.

Quando o ponto de acarajé faliu, foi à procura do Tecelendo e ingressou no programa como estudante do GEPE, em 2017, a partir da sua nota do Enem, foi selecionada para o curso de Licenciatura em Filosofia e retornou para o Tecelendo na condição de educadora. Atualmente continua realizando seu sonho de fazer uma universidade, é bolsista PIBEX, educadora e tecelã.

NINA, que significa menina graciosa, protetora da fertilidade e dos mares, casada, tem 33 anos, nascida e criada em Amargosa, morou até os 18 anos na zona rural em uma comunidade chamada Tabuleiro dos Coelhoos, depois sua mãe conseguiu comprar uma casa na zona urbana e vieram morar na sede.

Tinha o sonho de fazer faculdade de psicologia, mas a dura realidade da vida a afasta de seu sonho e para ajudar a mãe nas despesas da casa ela começa trabalhar quando estava no fim do ensino médio. Conta que ficou nove anos longe dos estudos e que essa vontade de estudar novamente surge a partir de um amigo, que faz universidade fora de Amargosa e quer que todos seus amigos também façam. Depois de muita relutância resolve fazer Administração EAD pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB.

Cansada da rotina que conciliava trabalho e universidade, pensando em desistir do curso e abandonar o emprego, ela resolveu que não poderia parar de estudar, fez o Enem, se inscreveu para Licenciatura em Educação Física na UFRB e passou, resolveu sair do trabalho e se dedicar aos estudos, finalizou o curso de Administração em 2017 e continua fazendo Educação Física. Ingressou no Tecelendo em 2017 como bolsista/estagiária IEL, atualmente é educadora e se mantém muito próxima da área administrativa do programa.

KAYIN, que significa filho célebre, solteiro, tem 23 anos, também é natural de Amargosa, filho de agricultores, diz que “sou de família humilde e sou apaixonado por minha

zona rural”, sua comunidade se chama Palmeira. É filho único e seus pais não tiveram oportunidade de estudar, por isso fizeram todo o possível para que o filho tivesse essa possibilidade.

Conta como no Ensino Médio quase se perdeu nas ilusões e amizades da adolescência, mas logo em seguida retomou seu objetivo de estudar. Ao finalizar o terceiro ano, ingressou no GEPE a fim de se preparar para a prova do Enem, porém mesmo tendo realizado a prova não se inscreveu para nenhum curso e começou trabalhar na fábrica de sapatos da cidade deixando a universidade no esquecimento. Ele relata que,

Tava com 18 anos quando eu entrei e conseguiram fazer uma lavagem cerebral em mim por alguns meses, assim que era, ah já teve funcionário de entrar aqui e em dois anos se tornar chefe, então muitas vezes essa questão de você passar quatro anos na faculdade e saindo de lá ainda não tem uma perspectiva de trabalho sabe, você parar de novo e falar para onde eu vou? Então eu fiquei muito naquela assim eu vou trabalhar, trabalhar, vou construir minha casa, quem sabe daqui uns dias ser chefe, pensando essas coisas assim!
(Kayin, masculino, 23 anos)

Passados os meses ele percebeu que não chegaria há lugar algum na fábrica e fez a seleção, a partir do Sisu, para o curso de Licenciatura em Educação Física na UFRB e passou. Em 2017, após ter saído da fábrica, ingressou novamente no Tecelendo só que agora na condição de bolsista/estagiário IEL, atualmente é educador do programa e tem, dia pós dia, se descoberto como professor.

VASTI, que significa de beleza incomum, é casada, tem 23 anos, é natural da cidade de Amargosa, da comunidade do Gentil, porém foi criada na sede. O pai é mestre de obra e mãe é doméstica. Lembra a dificuldade da mãe que foi doada para uma família de Nazaré das Farinhas, pois seus avós não tinham condições de criá-la, sendo em seguida levada para Pernambuco. Ela conta que a mãe sofreu muito por conta de ser escravizada e só conseguiu retornar de lá já na idade adulta.

Tem uma única irmã e relata que sua vida até os 18 anos foi dentro da igreja evangélica, mas depois de alguns problemas ela rompeu definitivamente com a igreja. Os pais estão separados e ela diz que tem maior afinidade com o pai “*eu amo aquele negão*” e que sua relação com a mãe ficou estremecida desde que deixou a igreja. Depois de um ano que saiu do Ensino Médio, soube através de uma amiga que haveria seleção para o curso de Licenciatura em Educação do Campo e viu aí uma forma de ingressar na universidade.

Não era o curso que queria, pretendia mudar para outro, mas se apaixonou pelo curso e atualmente está no oitavo semestre. Ela lembra que no primeiro dia de aula ao se apresentar

via todos dizendo que eram de movimentos sociais, de associações e se perguntava e eu sou do que, sou de onde? Hoje ela diz ser tantas coisas, é Tecelendo, é universidade, é da Educação do Campo, é da Prosas do Campo, é da Tecart, enfim são muitas Vastis, segundo ela se descobriu e continua em um caminho de descobertas. Ingressa no Tecelendo em 2017 através da bolsa/estágio IEL, atualmente é educadora do programa com inserção no GEPE e também é tecelã.

EKUNDAYO, que significa a tristeza converte-se em alegria, é casada, tem 31 anos, é natural da zona rural de Castro Alves cidade que fica cerca de 61,2 quilômetros de Amargosa, faz parte de uma família com 5 irmãos e seus pais são agricultores.

Relata que não pensava em fazer a prova do Enem, só depois de muito tempo foi que resolveu se arriscar, na primeira tentativa foi para o local da prova de bicicleta, mas era muito longe e no dia seguinte ela não conseguiu ir. Na segunda tentativa ela foi para a casa de uma amiga na cidade e deu tudo certo, inclusive ela passou. Queira fazer Serviço Social por que era mais próximo de sua casa, mas foi selecionada para Licenciatura em Pedagogia.

Ingressa no Tecelendo a partir da bolsa PIBEX no segundo semestre de 2017, conta que sua primeira atividade no programa foi a construção de um galinheiro, atualmente é educadora e tecelã.

YARIN, que significa aquela que entende e ouve, é casada, tem 40 anos, natural de Amargosa e sempre morou em um bairro periférico da zona urbana. Tem três irmãos e estudou até a quinta série, pois seu pai faleceu e ela precisou sair da escola para trabalhar e ajudar no sustento da casa, mas ressalta que na época tinha vontade de voltar a estudar, mas que hoje não quer mais.

Mãe de dois filhos um menino de 20 e uma menina de 14 anos, trabalha como doméstica e em 2015 precisou sair do trabalho porque seu patrão foi para outra cidade e era muito longe. Ao se ver sem o trabalho resolveu procurar uma atividade para fazer e ouviu na rádio da cidade um anúncio de oficinas no Tecelendo e foi assim que ela ingressou no programa, como estudante da Oficina de Tecelagem.

Em alguns momentos pensou em desistir, mas aos poucos foi gostando, foi aprendendo, foi preenchendo um vazio, ela precisava ocupar a mente, então foi ficando e está no programa até hoje agora na condição de educadora e coordenando as atividades de tecelagem junto com Tauane, além de ser uma excelente tecelã.

Durante o diálogo com as educadoras e os educadores, percebemos o surgimento de uma categoria fundamental para a construção deste trabalho, a “experiência como processo de

formação”. De maneira unânime, educadoras e educadores destacaram como foram tocados e transformados pelas experiências que viveram ao longo dos anos no Tecelendo.

Desse modo, não podemos deixar de destacar a práxis de extensão do Tecelendo que está intrinsecamente atrelada à Educação Popular, nesta perspectiva, dispõe-se a compreender a realidade a qual os sujeitos estão inseridos, para dela partir, no intuito de estreitar diálogos e materializar um caminhar em conjunto com as pessoas, portanto, assume o movimento de pensar com os sujeitos seus processos de exclusão e daí construir um movimento de educação ajustado com sua realidade, como um de seus principais princípios.

Ao longo de sua caminhada histórica tem-se organizado enquanto um espaço de formação de educadores populares, fundamentando seu trabalho no diálogo, na autonomia, no respeito, no amor, na amizade, na solidariedade, no empoderamento, na responsabilidade, na alegria, na humanidade e no cuidado.

Por conseguinte, caminha no sentido da valorização dos sujeitos a partir do desenvolvimento das dimensões histórica, profissional, social, econômica, familiar, espiritual, política, emocional, corporal, cultural e artística. Desse modo, sua proposta é seguir na direção da emancipação dos sujeitos tomando por base primeira a condição de dignidade do ser humano “o trabalho” e com base nele agregar os demais elementos da cidadania plena: saúde, educação, segurança, lazer, entre outras.

Assume enquanto concepção de Educação Popular os estudos de Paulo Freire (2005); Carlos Rodrigues Brandão (2002) e João Francisco de Souza (2007), na qual ela não se resume a uma metodologia de educação para as classes populares ou a aplicação de estratégias participativas. É um movimento de educação que tem como princípios o empoderamento, a autonomia, a emancipação humana, a transformação e a apropriação, por parte dos sujeitos, da realidade em que estão inseridos no âmbito da vida social, política, pessoal, comunitária, ambiental, cultural, ética, etc. Souza (2007) destaca,

[...] a trajetória da Educação Popular – ligada a princípios que valorizam a justiça, a emancipação humana, a participação, a relação entre conhecimento e ação, a capacidade efetiva dos saberes para a solução de problemas, entre outros – converte-a em uma referência obrigatória para a análise e percepção de novas soluções no campo educativo e social. (p. 100)

A metodologia do Tecelendo está ligada ao constante movimento educativo e a experiência, provocados a partir da Extensão Popular⁶. A centralidade metodológica que direciona os trabalhos do programa é a ação-reflexão-ação, neste sentido, a “metodologia do

⁶ É a busca por distanciar a ação extensionista de uma visão assistencialista, ainda entranhado na universidade. “[...] é destacada a extenso como um espaço importante para a construção dos saberes educacionais necessários para a formação humana e profissional. As discussões procuram não dissociar-la do ensino e da pesquisa, e tentam pensá-la no que há de potencial para a melhoria da qualidade do ensino”. (SANTOS, 2015, p.40)

programa” vem se consolidando e se fortalecendo, ao longo de seus dez anos, no esforço por compreender a realidade em que os sujeitos estão inseridos a partir de sua construção histórica.

Importante destacar aqui que a experiência tem um papel fundamental no Tecelendo, pois se constitui como um núcleo central da extensão, o caminho através da experiência exige um constante diálogo entre os conhecimentos historicamente construídos e a produção de novos conhecimentos, “[...] produzir conhecimento a partir da experiência é um desafio, uma vez que os acontecimentos do dia-a-dia podem nos seduzir às ações mecânicas, às explicações apressadas, ao tecnicismo e aos reducionismos. [...]”. (SANTOS, 2015, p. 139)

Para se distanciar das sedução que a experiência pode provocar o programa se mantém no movimento da reflexão e, para tanto, caminha com a compreensão de Jorje Larrosa Bondía (2002) sobre experiência,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002, p. 21)

E o autor continua afirmando que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24)

O processo de formação de professores no Tecelendo nos provoca um contínuo enfrentamento de nós mesmos, uma constante desconstrução e reconstrução das nossas bases enquanto seres humanos e é a experiência que nos atravessa, que nos tira da nossa zona de conforto e nos move, que nos impulsiona para o aprendizado e que não se restringe ao mero fazer, mas é aquilo que nos toca profundamente, nos instiga e consequentemente nos transforma.

A Educadora Tauane diz em sua entrevista que “*O Tecelendo não tem a dimensão das coisas que ele faz com a vida das pessoas!*”, ela relata que seu trabalho no GEPE marcou de forma intensa sua caminhada enquanto educadora,

O Gepe ele me marca muito, no início eu trabalhava com jovens que aparentemente tinham a minha idade e até com pessoas mais velhas que eu e, no início eu não... acho que pela falta de saber mesmo como fazer, de se portar na sala, enfim eu mal conseguia falar na sala, porque os meninos eles

falavam mais alto que eu, não davam muita importância pra aquilo que eu estava falando ... eu não percebia muito respeito pela professora! Em 2015 quando a gente volta com a atividade com o GEPE, aí eu já tinha adquirido algumas coisas, aí eu percebo que o ser professor não é apenas saber o conteúdo, não é também ser o autoritário na sala, mas envolve o saber lidar com o outro e eu percebi ao longo da caminhada com o GEPE... (Tauane, feminino, 29 anos)

Já a educadora Queren relata que o Tecelendo foi “[...] tipo uma serendipidade, porque como eu disse eu entrei aqui querendo um cursinho, era algo que eu queria [...] mas vamos colocar que não era uma coisa que eu precisava [...] mas o Tecelendo e a forma como ele se deu assim pra mim foi exatamente o que eu precisava [...]”, ela queria fazer o curso de medicina, por este motivo buscava o cursinho, mas garante que precisava das experiências e mudanças pelas quais passou, para que quando entrar no curso de medicina possa ser uma excelente profissional.

Percebemos que “A experiência como Processo de Formação” no Tecelendo não envolve apenas o estar em sala de aula, a participação nas reuniões gerais e de planejamento e, a inserção nos grupos de estudos e de pesquisa. Mas há aqui uma mística que toca profundamente educadoras e educadores por ela envolvidos.

Esta mística revela-se de uma maneira curiosa, pois está presente no momento em que os graduandos ou membros da comunidade chegam ao programa e são recepcionados de um jeito muito peculiar, como apresenta uma das educadoras em seu trabalho monográfico,

[...] a princípio, o espaço e a equipe que se mostrara —estranha e esquisita, [...] Ao adentrar o espaço pela primeira vez fui recebida por uma sinfonia de risos que ecoava da cozinha, parte da casa onde um dos ingredientes principais é a solidariedade, partilha e alegria.

O estranhamento em relação às pessoas e ao espaço foi imediato, pois havia uma energia diferente e contagiante, a demonstração de afeto era uma marca visível das educadoras e dos educadores que através de abraços e olhar fraterno desejaram boas vindas a um mundo novo, convidaram-me para um universo de possibilidades e rupturas. O fato de conceber o Programa de Extensão, no início um tanto, — esquisito evidencia que a lógica de estrutura organizacional, a disposição de objetos, tais como: tapetes, flores, aromatizantes, quadros de arte, cadeiras em círculos e teares, me provocou choque em conceitos que eu trazia do que seria ou deveria ser —um espaço acadêmico. (SILVA, 2015, p. 20-21)

Esse “choque” em forma de acolhimento na chegada ao programa é aprofundado no momento em que precisamos nos deslocar do lugar da professora e do professor que se restringe a sala de aula ou que entende a sala de aula apenas como as quatro paredes do espaço no qual trabalha, seja ele escola ou não escolar. Então passamos ao contato com a comunidade, ir até a comunidade, encontrar com as pessoas em seu espaço, sua realidade.

A educadora Nina em sua entrevista deixa claro que esse é um movimento marcante, pois provoca o enfrentamento dos medos e causa uma série de rupturas. Ela tinha uma ideia equivocada sobre o MST e por conta de um acidente tinha trauma com relação a viagens e na sua primeira atividade de campo precisou se enfrentar,

[...] no primeiro momento que eu entro no Tecelendo, a primeira viagem que a gente faz, na verdade eu tinha medo de viajar, depois de um acidente eu tinha medo de viajar, eu não viajava mais, assim eu morria de medo! Eu também tinha um grande apego ao meu esposo e eu não viajava sem ele pra quase lugar nenhum! [...] Então eu sou tensionada a uma quebra assim de estrutura né, primeiro vai ter essa viagem, é no ônibus a universidade, é um grupo, é fora da cidade e é para um assentamento de Sem Terra. Então é muita coisa e eu ficava pensando assim eu vou não ou eu não vou, mas como que eu não vou, eu entrei agora como que eu não vou [...] aí primeiro vem o medo de entrar no carro e o medo do acidente, o medo de acontecer alguma coisa, aí depois vem o medo porque eu estou sem ele e aí você tem aquela questão da insegurança de não ter uma ali quem vai me proteger, eu não tenho ali quem vai cuidar de mim, aí a gente tem essa fase dos medos que fica muito forte [...] eu vou pra um assentamento que eu nem achava que existia, pra mim um assentamento era uma coisa muito distante, era uma coisa, tipo assim, na novela, em jornais, não uma coisa aqui próxima. Então esse dia a gente preparou uma atividade e fomos para o assentamento e assim foi muito bacana, eu ainda estava muito assustada, teve uma peça mesmo de teatro, mas eu tava muito assustada, e assim para mim era muito novo, tudo era muito novo e eu tava assim muito assustada e a peça, e quando as pessoas começam a falar a gente começa a ver a nossa história, aí a gente começa a ver a nossa história, que a gente começa entender nossa história e a gente pensa poxa em que mundo eu vivia, onde é que eu tava, e as pessoas começam a contar quantos anos eles têm nessa vida né na busca pela posse de terras e os filhos, os netos é uma geração ali né, e como que eles conseguem?(Nina, feminino, 33 anos)

Identificamos nesta mística que envolve acolhimento, alegria e muitas rupturas que abarca a categoria levantada nas entrevistas com as educadoras e os educadores do Tecelendo “A experiência como Processo de Formação”, que a mesma pode produzir nos sujeitos uma transformação na forma de olhar a vida, de enxergar o outro, de enfrentar os problemas e de buscar soluções que segundo Boff (2008) é o caminho da transcendência, o caminho da própria espiritualidade.

Examinando a proposta metodológica do programa, percebemos que o Tecelendo foi idealizado a partir do entrelaçamento dos saberes populares e dos saberes científicos, é importante ressaltar aqui que compreendemos o saber comungando com Souza (2007),

[...] o saber é a forma mais ampla de inteligência humana e, ao mesmo tempo, o instrumento de sua ação social (econômico-ideológica). Inclui, como manifestações particulares e específicas, conhecimentos, tecnologias e ciências. Não se reduz, porém, a isso: comporta ainda elementos éticos, políticos e estéticos. (SOUZA, 2007, p. 72)

Neste sentido, o autor destaca ainda a necessidade de superação da dicotomia entre saber popular e saber científico, apresentando-os como contraditórios e não como elementos divididos, um melhor e outro pior. Traz como possibilidade de superação desse conflito a antinomia, pois esta permite relações e correspondências, enquanto a dicotomia direciona para a substituição de um pelo outro, impedindo que a inter-relação e o enriquecimento mútuo aconteçam. (SOUZA, 2007)

Na busca por essa superação através de um “confronto sistemático, intencional e tecnicamente organizado”, a tecelagem artesanal é um saber popular que está inserido no Tecelendo desde a criação de sua proposta educativa, na perspectiva do diálogo entre a alfabetização e a tecelagem. A proposta está centrada em “caminhar na direção da emancipação dos sujeitos a partir do resgate cultural através da arte da tecelagem, que há milênios desafia e encanta o ser humano”. (TECELENDO Sistematização Curricular 2013, p. 16)

Neste sentido, a tecelagem é uma arte milenar e está relacionada ao ato de entrelaçar fios a partir de uma trama na perspectiva de produzir tecidos que por séculos tem a função de proteger o ser humano. Foi propagada por várias regiões ao redor do mundo e estava ligada também a necessidade do ser humano de se expressar e de caracterizar seu pertencimento a um grupo ou região.

Perde seu aspecto cultural com o surgimento dos teares automáticos entre fim do século XVIII e início do século XIX, sendo subtraída dos artesãos toda a criatividade do trabalho, além de retirado o espaço do prazer de obter um tecido único e personalizado. Na Europa a tecelagem artesanal quase foi extinta, porém, esse saber popular se manteve na América assegurada por países como Peru, Bolívia, México e Equador que nunca dispensaram seus teares, no Brasil ela foi trazida pelos colonizadores e se consolidou majoritariamente em Minas Gerais por volta do século XVIII. (Relatório “Tecelagem”, 2015)

No Tecelendo a tecelagem artesanal assume inicialmente a perspectiva do trabalho como princípio educativo e como uma forma de resgatar a sua condição de atividade humana, humanizada, como arte. Ao longo dos anos, a partir de suas dimensões de trabalho e arte, ela vem possibilitando um movimento de percepção dos sujeitos em relação aos seus potenciais de criação e recriação de si no mundo, bem como oportunidade de geração de renda e debates sobre trabalho coletivo, economia solidária e autonomia.

Atualmente a oficina de tecelagem faz parte das ações de articulação entre o Tecelendo e a comunidade “se propondo a realizar atividades profissionalizantes que sejam articuladas à reflexão sobre o trabalho e a educação”. No relatório de tecelagem do ano de

2015, encontramos interessantes falas das educandas sobre seus trabalhos com a oficina, *“Tecer contribui no meu desenvolvimento como pessoa”, “Aprendi a ter mais calma e paciência”, “Tecer preenche um vazio que sinto”, “Me causa os sentimentos de alegria, prazer e paz”, “Aprendi a enxergar a tecelagem como arte e a valorizar o artesanato”, “Bom retomar a criatividade depois de tantos anos sem mexer com desenhos, pinturas as cores”*. (Relatório “Tecelagem”, p.14)

Essas falas apresentam indícios de como a retomada do trabalho com um saber ancestral é capaz de tocar o ser humano, de resgatar saberes e potencialidades que muito provavelmente estavam adormecidos em nós face ao embrutecimento provocado pela extrema exploração do sistema econômico que rege nossas vidas.

Este mesmo relatório expõe ainda outras falas, colocadas em momentos de avaliação da oficina de tecelagem, *“A tecelagem antes me deixava mais nervosa, porém hoje me sinto mais calma quando teço”; “Me sinto feliz por saber que sou capaz de produzir uma peça tão bonita”* (Relatório “Tecelagem”, p. 16). Percebemos aí uma mudança de atitude por parte das educandas que participavam da oficina, a primeira diz respeito ao enfrentamento do desafio de tecer e a segunda ao processo de acreditar em sua própria capacidade.

Naquele momento as educadoras que estavam conduzindo a oficina também se sentiram tensionadas, trabalhavam na perspectiva de que “ensinar não é transferir conhecimento” e “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011, p. 24-25), e precisaram se deslocar de seus lugares de conforto para realizar o trabalho com a tecelagem.

Segundo o relatório, uma delas precisou assumir a oficina no lugar do educador popular que a conduzia até aquele momento, ao mesmo tempo em que precisou superar seus limites quanto às técnicas de tecelagem e na troca com as educandas encontrar seu jeito próprio de estar na oficina, a outra precisou se descolar do lugar de quem “já sabe” tecer e reaprender a estar na oficina aprendendo e ensinando. (Relatório, “Tecelagem, 2015)

Com relação à formação de professores, desde o início dos trabalhos, todas as educadoras e todos os educadores do Tecelendo precisavam aprender a tecer, sem essa premissa não seria possível a construção do trabalho pedagógico com as turmas de alfabetização, já que a tecelagem era o elemento principal presente no convite feito às pessoas para que retomassem seus estudos.

Todavia, em um dado momento essa exigência foi perdendo força e alguns educadores chegavam, iniciavam suas atividades no GEPE e por conta das intensas demandas alguns se desafiavam a tecer e outros simplesmente não aprendiam. Em 2017, os próprios educadores

percebendo a necessidade de estarem apropriados dos processos que envolvem a tecelagem, solicitaram a retomada de atividades voltadas para a formação de educadoras e educadores.

Os objetivos da oficina proposta neste período giraram em torno de fortalecer a tecelagem em suas dimensões de arte e significação humana; contribuir com o enfrentamento das ideias do “tecer por tecer” ou a arte apenas como produto de comercialização; contribuir no equilíbrio emocional das pessoas envolvidas fornecendo elementos de enfrentamento das ansiedades, inseguranças, autoritarismos, baixa concentração, baixa capacidade de auto-organização, tristezas e depressões. (Relatório “Educadora Tauane”, 2017, p. 06)

A partir das observações percebemos que a base das atividades com a tecelagem estão alicerçadas no aprender a trabalhar em grupo, no ouvir o outro e no conviver com as diferenças. A educadora Titilayo que está em processo de aprender a tecer explicitou que foi a partir das atividades com o tear que ela começou a compreender a Educação Popular, pois ali experienciou alguns de seus princípios como a coletividade (trabalho em grupo), o diálogo, o cuidado com o outro e o enfrentamento das dificuldades em conjunto.

A educadora Tauane percebe que é no espaço da tecelagem que o saber popular e o saber científico se encontram, segundo ela sem que um seja melhor do que o outro, mas apenas como saberes diferentes e que isso acontece a partir do momento em que pessoas da comunidade que estão em processo de alfabetização tornam-se educadores populares e passam a conduzir a oficina de tecelagem.

A oficina de tecelagem, vem se configurando, segundo as educadoras e os educadores, como um espaço onde partilham suas vidas, conversam sobre outras coisas que não somente o trabalho e dessa forma, tem a possibilidade de se conhecer melhor, de estreitar as relações profissionais e os laços de amizade. A educadora Yarin, por exemplo, é muito tímida e no espaço da tecelagem ela consegue se soltar, falar mais, se expressar, é um momento no qual ela se sente à vontade e olha para os outros educadores como seu igual e não como aquele que sabe mais do que ela pelo fato de estar dentro da universidade.

A solidariedade e o trabalho em grupo (coletividade) são dois elementos que aparecem no trabalho dos educadores a partir da tecelagem. No processo de construção dos produtos não existe a necessidade de nomear alguém para fazer o acabamento dos produtos, cada um faz o seu, mas se algum deles, ao fazer o acabamento do seu produto, perceber que há uma quantidade de peças esperando por esse acabamento, essa pessoa não pensa duas vezes e dá continuidade ao trabalho se solidarizando com quem, por algum motivo, não pôde fazê-lo.

Estão sempre juntos, nunca deixam o outro sozinho durante os trabalhos, quem chega triste logo é contaminado pela alegria das pessoas e dos tecidos, admiram o que produzem,

elogiam o que outro produz, bem como chamam a atenção para o desperdício de material, o lanche e a amizade são sempre compartilhados por todas e todos, instaurando no espaço da tecelagem uma aura de amor, acolhimento e harmonia, mesmo abrigando pessoas tão diferentes.

Percebemos que assim como Vasconcelos aponta para uma mística que envolve o processo de luta dos líderes dos movimentos sociais, há uma mística que abrange a tecelagem no Tecelendo. Essa mística abarca a (re)descoberta de um saber popular, ancestral, que há muito estava adormecido em nós. Esse processo se dá a partir do momento em que entramos em contato com o tear e passamos a compreender como aquela tecnologia funciona.

Somos apresentadas e apresentados à urdideira, estrutura de madeira na qual cortamos os fios. Ao urdume ou urdidura, conjunto de fios cortados através da urdideira e passamos a urdir o tear, ou seja, distribuir os fios pelo pente do tear. Todo esse processo movimenta em cada um, saberes que nem sabíamos que tínhamos, provoca uma certa angústia, insegurança ou um medo mesmo de que aquilo tudo não dê certo.

Contudo, esses sentimentos não são capazes de nos fazer parar, somos impulsionados a continuar. Neste momento a agulha, intitulada de navete, já está preparada com o fio ou os fios que atravessarão a cala, abertura entre os fios transversais urdidos no tear e, então a “mágica” começa a acontecer, o entrelaçamento dos fios passa a produzir um tecido e não é qualquer tecido, mas um tecido produzido pelo sujeito que está à frente deste tear. É a concretude deste trabalho que encanta aqueles o produzem de tal maneira que provoca uma intensa experiência de si consigo mesmo, um profundo movimento de interiorização, “*de inteireza, de completude*” como costuma dizer a educadora Eunice.

Percebemos aí a presença da espiritualidade que segundo Capra (2014) “[...] é geralmente entendida como um modo de ser que flui de certa experiência profunda da realidade, que é conhecida como “mística”, “religiosa” ou “espiritual.” (p. 344). Neste caso, a mística apresentada na tecelagem pode proporcionar aos educadores do Tecelendo uma intensa conexão com eles mesmos, com o outro e com o mundo. Segundo Boff,

Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade, vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais. (BOFF, 2006, p. 14)

Neste sentido, identificamos que a experiência vivida no espaço da tecelagem possibilita uma mudança de comportamento nas educadoras e educadores nele envolvidos, eles apresentam um forte comprometimento uns com os outros e com o Tecelendo, tem um

forte senso de partilha e comunhão mesmo diante dos conflitos, além de uma alegria que é contagiante.

Outro saber popular inserido no Tecelendo é a meditação, ela chegou ao programa em 2011 quando passamos a nos organizar em oficinas e foi sugerida a partir da reflexão sobre nosso trabalho, nos anos anteriores, com uma turma composta majoritariamente por mulheres, na qual observamos um grande índice de ansiedade e depressão. Na perspectiva do autoconhecimento, a oficina buscou estabelecer um diálogo entre os sujeitos e suas dimensões internas no intuito de pensar outras formas de enfrentamento de si mesmos e da realidade na qual estavam inseridos.

A meditação está ligada ao movimento de desligar-se do mundo exterior e voltar-se para dentro de si, sair da condição mecânica das ações e reações do dia-a-dia e passar a refletir sobre elas. A prática meditativa é milenar, assim como a tecelagem, e no oriente está associada há algumas filosofias religiosas como o budismo, o bramanismo, o tantra e algumas artes marciais. (DELFINO, 2015)

Na “Oficina de Meditação” realizada no Tecelendo entre os anos de 2011 e 2013, eram trabalhadas as técnicas meditativas, como a respiração e o relaxamento conduzido em conjunto com o diálogo, ou seja, a discussão e reflexão de temas existenciais que contribuíssem com o processo de nos voltarmos para dentro de nós mesmos, como por exemplo, o controle, a solidão, a razão de viver entre outros. A meditação, durante o seu percurso, extrapola o momento da oficina, os estudantes nos pediam as músicas e realizavam as técnicas em suas casas, ela passou a fazer parte de momentos do GEPE, das reuniões gerais e até mesmo de outras oficinas.

No documento que instituiu o Tecelendo como programa de extensão ela aparece da seguinte forma,

A meditação foi proposta enquanto movimento de interiorização dos sujeitos e autoconhecimento de modo a centrá-los na relação consigo, com o outro e com o mundo. A partir da meditação buscamos também um diálogo entre educação e espiritualidade (entendendo esta última enquanto transcendência e não como religião). (MEC/PROEXT, 2015)

Neste sentido, a meditação foi incorporada ao programa e suas atividades não ficaram restritas somente ao espaço da Oficina de Tecelagem, nesse momento ela passa a ser vivenciada de uma maneira diferente, ou seja, as educadoras se reuniam duas vezes por semana para meditar e compartilhar suas experiências durante o processo de relaxamento, umas com as outras. No GEPE os estudantes também foram inseridos na meditação, que acontecia no início ou no final das atividades do grupo de estudos.

Quando iniciamos esta pesquisa, a meditação era o que conseguíamos enxergar de mais próximo da espiritualidade presente no Tecelendo. A própria “Oficina de Meditação” trazia consigo uma mística específica em suas atividades, que envolvia o momento de chegada no espaço já preparado com tapetes, aromas e uma música instrumental geralmente com sons da natureza, seguido pela primeira etapa do relaxamento e das reflexões existenciais, por fim acontecia o relaxamento profundo. Também tínhamos consciência que as experiências vividas por alguns dos participantes levavam a um contato mais profundo com eles mesmos ocasionando inclusive mudanças que eram perceptíveis.

No entanto, as várias leituras sobre espiritualidade ampliou nosso olhar e conseguimos vislumbrar indícios da espiritualidade em vários espaços do Tecelendo. Capra (2014) nos apresenta a espiritualidade como mística, como experiência espiritual, uma experiência direta da realidade, não intelectual e mística porque envolve o encontro com o mistério no qual experimentamos nosso próprio espírito, onde há uma profunda conexão consigo mesmo, com o outro, com o mundo, com o cosmos como um todo. Percebemos durante o processo de realização desta pesquisa que a formação de educadoras e educadores no Tecelendo está alicerçada na experiência e consequentemente na mística que ela envolve, bem como na mística trazida pelos saberes populares inseridos no programa.

A educadora Eunice apresenta esse caminhar em sua fala,

[...] quando eu falei da tecelagem então eu sinto que aquele momento que eu vivi eu considero como um momento de espiritualidade meus sabe, porque eu me conectei comigo e com alguma coisa, sei lá, com Deus, com a arte que eu estava ali trabalhando!

[...] teve uma, eu vou chamar de oficina, a oficina de meditação que eu fiz parte em 2016 [...] ela não tinha muito o caráter de oficina, mas a gente considerava assim [...] por exemplo eu sinto, porque foi uma experiência que me marcou muito, essas práticas meditativas que aconteceram em 2016... eu sinto que foi um momento muito importante, eu tô trazendo porque me marcou, eu sinto que assim como na tecelagem eu despertei de algo que fazia lá na minha roça e que eu parei de fazer e aí a tecelagem me chamou, assim como a meditação também me chamou, pra essa conexão mesmo, pra esse chamamento espiritual, sabe!

Porque a meditação? Porque é como se durante a minha experiência até então eu perdesse esse senso de parar, de me ouvir, de me sentir, e a partir da tecelagem [...] e a partir das práticas meditativas eu fui me realimentando [...] Então as práticas meditativas contribuíram muito pra minha vida, por que ela me levava a um estado de paz sabe, de paz comigo, com as situações que eu estava vivendo, conflituosas, me orientava, poxa calma... fica tranquila, vai dar certo, de não me deixar levar pela minha angustia, pela minha insegurança, pela minha ansiedade! Foi um período da minha vida que eu estava extremamente ansiosa, eu tava na fase de construção do TCC, então eu entrei numa crise de ansiedade e eu sinto que a meditação [...]ela me conectasse mesmo com o mundo, não com esse mundo físico, terrestre, mas num mundo no qual eu viajava, eu ficava bem,

me trazia paz e inclusive a partir dessas práticas eu passei a me conhecer um pouco mais e a tentar pensar como eu estudo [...] a partir dessas práticas eu comecei a refletir, qual as estratégias que Eunice tem que usar para estudar, para ler, para escrever, eu considero que foi fantástico assim esse momento, foi um momento de descoberta mesmo e me trouxe a esse campo que não é terrestre, esse mundo terra! (Eunice, feminino, 28 anos)

Leonardo Boff (2006) considera “que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção harmonia [...]” (p. 15), características humanas que podem trazer felicidade para si e para o outro. Percebendo a presença dessas qualidades e algumas outras como amizade, alegria, solidariedade, enfrentamento dos medos na formação de professores do Tecelendo, finalizamos esta análise com o conceito de espiritualidade trazido por uma das educadoras do programa,

Espiritualidade é algo que te conecte com uma coisa que não seja só a si próprio, que seja algo que você acredite [...] que você tenha talvez fé, mas que isso te faça crescer melhor pra si, melhor pro outro, melhor pro mundo, que de alguma forma contribua pra que você seja um ser melhor, um ser humano melhor! Que você seja mais justo, mais honesto, mais sincero, essas coisas, e não pra você ganhar uma recompensa, pra quem acredita, guardar um lugar no céu ou pra aparentar ser bonzinho pra quem quer que seja. É uma coisa interior sabe? Que te faça querer contribuir para que o mundo seja melhor com tudo assim, com a natureza, com as pessoas, com o outro, consigo mesmo! Eu acho que não existe cuidado quando você não se cuida [...] parece muito abstrato, mas é querer dar um significado pra vida! (Tauane, feminino, 29 anos)

A educadora aponta para uma espiritualidade que esteja ligada a construção da humanidade dos seres humanos, uma espiritualidade que não é individualista, voltada para si mesmo, mas sim voltada para a transcendência e comprometimento com a existência de todas as formas de vida, uma espiritualidade que transforma e nos conecta com o universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dissemos no decorrer deste texto, este trabalho de dissertação é resultado de pesquisa que teve como temática central as contribuições dos saberes populares, na dimensão da espiritualidade ao processo de Formação de Educadores do Programa de Extensão Tecelendo. A pesquisa supracitada teve como lócus o Tecelendo, seu objetivo central foi analisar as contribuições dos saberes populares no que tange a dimensão da espiritualidade no processo de formação de professores do Programa de Extensão Tecelendo.

Desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho participativo, utilizamos como instrumentos para a produção de dados a observação participante, entrevistas semi-estruturadas com educadoras e educadores inseridos no programa e análise de documentos do Tecelendo.

A pesquisa revelou que a formação de educadoras e educadores no Tecelendo está alicerçada na experiência e na mística que a mesma envolve, bem como na mística trazida pela prática dos saberes populares inseridos no programa. Percebemos que a espiritualidade está presente nas práticas da tecelagem, da meditação e nas experiências vividas em atividades diretas com a comunidade, pois elas proporcionam “uma experiência direta, não intelectual” da realidade através da mística que as cerca.

Percebemos também que essas experiências marcam de forma profunda as educadoras e os educadores inseridos no programa trazendo sentido e significado para suas vidas no âmbito profissional e pessoal indicando mudanças significativas na forma como percebem, apreendem e elaboram o mundo. O comprometimento uns com os outros, com a vida e com o próprio Tecelendo é um exemplo concreto dessa caminhada.

Vimos no decorrer deste trabalho que esta pesquisa surge a partir da minha inserção no programa desde 2009 e do constante movimento de rupturas e proposições metodológicas, no qual o Tecelendo deixa de ser projeto e passa a ser programa, assumindo enquanto um de seus eixos centrais a formação de professores.

Divisamos a refundamentação e vigência da Educação Popular ao longo de sua caminhada histórica e identificamos que somente a partir do saber popular, do que é construído e vivenciado por homens e mulheres em sua realidade concreta, considerando-os protagonistas de sua própria história e de seu próprio aprendizado, além de produtores de conhecimento, que parte a construção do saber científico em Educação Popular.

Percebemos um possível encontro entre Educação Popular e Espiritualidade na perspectiva de que espiritualidade não é um domínio ou propriedade das religiões, faz parte integrante delas, mas é antes de tudo uma dimensão do ser humano, é a transformação profunda produzida através de uma “experiência espiritual” ou “uma mística” que provoca mudança de atitude na vida daqueles que a experienciam.

Dessa forma, este trabalho de pesquisa buscou identificar os saberes populares presentes na formação de professores do Tecelendo e de que forma eles contribuíram na dimensão da espiritualidade para a formação das educadoras e educadores do programa. É importante destacar aqui que existem outros saberes populares que perpassam o Tecelendo, entre eles estão o samba de roda e a capoeira, porém eles ainda se apresentam de forma tímida.

Atualmente o Tecelendo vem desenvolvendo, em parceria com a Cooperativa de Agricultura Familiar e Economia Solidária do Vale do Jiquiriçá – COOAMA, a “Prosas do Campo” – Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, que acontece todas as sextas-feiras na Praça Lourival Montes no centro da cidade de Amargosa. A feira tem como objetivo central a organização e o fortalecimento de trabalhadoras e trabalhadores da agricultura familiar e da economia solidária de Amargosa e do Vale do Jiquiriçá.

Acreditamos que a feira, por possuir sua dinâmica própria, envolva também saberes populares específicos que dialoguem de alguma forma com as atividades educativas do Tecelendo, porém, este é um trabalho em processo de consolidação no programa e talvez se constitua como uma possível fonte de investigação para trabalhos o futuros.

Ressaltamos que os resultados aqui apresentados não são inflexíveis e muito menos definitivos, desse modo, estão abertos a outras averiguações que possam indicar resultados díspares daqueles contidos nesta dissertação.

Salientamos também que a Espiritualidade apresenta ainda um conceito aberto e que o seu entrelaçamento com a Educação Popular carece de nossos esforços e estudos para que tenhamos uma compreensão cada vez mais clara sobre esta temática. Neste sentido, Leonardo Boff (2006) destaca a importância de não esquecermos que “os portadores permanentes da espiritualidade são as pessoas consideradas comuns, que vivem na retidão da vida, o sentido da solidariedade, e cultivam o espaço sagrado do Espírito, seja em suas religiões e igrejas, seja no modo como pensam, agem e interpretam a vida.” (p. 11)

Assim, acreditamos que este trabalho possa ser aprofundado, pois trata-se ainda de uma pesquisa inicial, tendo em vista que a espiritualidade e a educação são dimensões humanas e fazem parte da construção da nossa humanidade enquanto seres humanos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, nº 113, p. 51-64, julho/2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Estado, Luta de Classes, Movimentos Sociais e as Políticas de Educação do Campo**. IN: BATISTA, Maria do Socorro Xavier (org.). **Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educacionais**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

_____. **O que é Educação Popular?** São Paulo: Brasiliense, 2011. (Coleção Primeiros Passos)

_____. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. Tradução: Mayra Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014. (Coleção polêmica)

COUTO, Jorge. **A Construção do Brasil**. Lisboa: Editora Cosmos, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann. 3. Ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FRANCO, Suelândia Moreira. **Currículo e EJA, um diálogo necessário**: Um estudo da proposta curricular do projeto Tecelendo. Monografia – Centro de Formação de Professores – CFP, UFRB, Amargosa, 2013.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas, v. 35, nº2, Mar./Abr. 1995a, p.57-63.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext>. Acesso em 20. Fev. 2013.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de Cor**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2105.

GONÇALVES, Luis Gonzaga (org.). **Paradigma Indiciário**: diálogos abertos na Educação Popular. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009. Livro CD.

GUEDES, Simara Santana. **O Trabalho Educacional Desenvolvido no Projeto de Extensão Tecelando da UFRB na Turma Família Feliz nos anos de 2009 e 2010**. Monografia – Centro de Formação de Professores – CFP, UFRB, Amargosa, 2012.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de Despejo**. Diário de uma favelada. 9.ed. São Paulo: Ática, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa**: Características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, nº 3, 2º Sem./1996.

POSSEBON, Fabrício. **Espiritualidade e Saúde**: A experiência Grega Arcaica. Interações – Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, Brasil, v. 11 n. 20, p. 115-128, Jul./Dez. 2016.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

_____. **Espiritualidade e Educação**. In: Diálogos em Educação e Espiritualidade. Ferdinand Rôhr (org.). 2. Ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

SALES, Daniela de Souza. **Tecelendo: Sujeitos Tecendo os Caminhos de sua Alfabetização em uma perspectiva política**. Monografia – Centro de Formação de Professores – CFP, UFRB, Amargosa, 2011.

SAMERARO, Giovanni. **Intelectuais “Orgânicos” em tempos de Pós-Modernidade**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 03/09/2018.

SAMPIERE, Roberto Hernández; CALLADO, Carlos Fenández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Andreia Barbosa dos. **Contribuições da Extensão Popular de educadores: experiência, alteridade e diálogo**. João Pessoa-PB, 2015.

SANTOS, Andreia Barbosa dos. **Investigação sobre a constituição ideológica de adultos em processo de alfabetização**. Rio Claro:UNESP, 2000.

SANTOS, Andreia Barbosa dos. **Como sujeitos que vivenciaram o processo de alfabetização de adultos representam sua nova identidade: reflexões acerca de elementos que constituem a transição do deixar de ser “analfabeto” para ser “alfabetizado”**. Pelotas: UFPel, 2004.

SANTOS, Andreia B. Projeto de Extensão Universitaria - PROEXT 2013- MEC- **TECELENDO: Protagonismo Cidadão**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, 2012.

SANTOS, Andreia B. Projeto de Extensão Universitaria - PROEXT 2015- MEC- **TECELENDO: Protagonismo Cidadão**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 11. ed. Porto (PT): Afrontamento, 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda B. **O que é letramento**. Diário na Escola. Diário do grande ABC. 29 de agosto de 2003. Disponível em: < <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação popular: Quê? Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro**. Recife: Bagço, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA: PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO. SANTOS, Andreia Barbosa dos; DELFINO, Elisabete Ferreira; ROSA, Maria Passos. **Relatório “Tecelagem”**, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA: PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO. SANTOS, Andreia Barbosa dos. **Tecelendo Sistematização Curricular**, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA: PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO. SANTOS, Andreia Barbosa dos; ROSA, Maria Passos. **Relatório Trimestral**, 2017.

VASCONCELOS, Eymard Mourão de. **Espiritualidade na Educação Popular em Saúde**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 323-334, set./dez. 2009 323 Disponível em <<http://www.cede.unicamp.br>>

_____, **Espiritualidade, educação popular e luta política pela saúde**. Revista APS, v. 11, n. 3, p. 314-325, jul./set. 2008.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação popular: metamorfoses e veredas**. São Paulo: Cortez, 2010.

YIN, Roberto K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da Pesquisa **AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONHECIMENTOS POPULARES, NA DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE, NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO PROGRAMA DE EXTENSÃO TECELENDO DA UFRB**, permitindo a gravação em áudio, sob a responsabilidade da pesquisadora Elisabete Ferreira Delfino, mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação, na linha de Educação Popular da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Professora Dra. Elisa Pereira Gonsalves. Sendo que, a pesquisa objetiva analisar contribuições dos conhecimentos populares, no que tange a dimensão da espiritualidade, no processo de formação de professores do Programa de Extensão Tecelendo.

Os riscos apresentados podem ser de ordem psicológica – os participantes podem se sentir constrangidos ou intimidados durante o processo de entrevista, por esse motivo as entrevistas serão realizadas nos locais, datas e horários indicados pelos próprios participantes, na perspectiva que os mesmos se sintam à vontade.

Quanto aos benefícios – a pesquisa busca aprofundar os estudos sobre a Formação de Professores na Educação Popular e sobre Espiritualidade e Educação. Dessa forma, os benefícios podem se dar na perspectiva em que possa contribuir para o processo de Formação de Professores no Tecelendo e seu respectivo fortalecimento, bem como intensificar as discussões sobre Espiritualidade e Educação.

A participação é voluntária e se dará por meio da concessão de uma entrevista. Após o consentimento de participação na pesquisa, existe a possibilidade e a liberdade de retirar sua autorização em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo pessoal. A participação na pesquisa não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. O sigilo será garantido na publicação dos resultados da pesquisa que serão analisados, sendo preservada a sua identidade.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato da Pesquisadora Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Elisabete Ferreira Delfino.

Endereço (Residencial): Loteamento Ribeiro Rua B n. 12 – Centro – Amargosa - Bahia.

☎ (75) 99218-0692 – E-mail: betyllis@gmail.com

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Amargosa, ____ de _____ de 2018.



CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Andreia Barbosa dos Santos, Coordenadora Geral do Programa de Extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, declaro estar informada da metodologia que será desenvolvida na pesquisa As Contribuições dos Conhecimentos Populares, na dimensão da Espiritualidade, no processo de Formação de Professores do Programa de Extensão Tecelendo da UFRB, coordenada pela pesquisadora Elisabete Ferreira Delfino. Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme os princípios da ética em pesquisa com seres humanos vigentes no país, e que esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Amargosa, 15 de setembro de 2017.


Prof.^a Dr.^a Andreia Barbosa dos Santos
Coordenadora Geral do Programa de Extensão Tecelendo
supr 1559059
Andreia B. dos Santos
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia
Programa de Extensão Tecelendo

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. História de vida; (Quem é você?)
2. Ingresso no curso de Licenciatura da UFRB; (Como e quando foi seu ingresso na UFRB?)
3. Sobre a Formação de Professores; (Me fale um pouco sobre a formação de professores no CFP)
4. Ingresso no Programa de Extensão Tecelendo; (Como ingressou no Tecelendo?)
5. Atividades desenvolvidas no Tecelendo; (Quais as atividades que você desenvolve no Tecelendo?)
6. Sobre a espiritualidade; (O que é espiritualidade para você?)
7. Sobre os conhecimentos populares; (Como a espiritualidade se manifesta em sua vida? De que forma os conhecimentos de sua comunidade contribuem para essa manifestação?)
8. Sobre a Formação de Educadores no Tecelendo; (Como você percebe a formação de educadores no Tecelendo?) (Essa formação contribui com seu processo formativo?)
9. Críticas ao processo formativo;
10. Considerações que julgar importantes.